BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

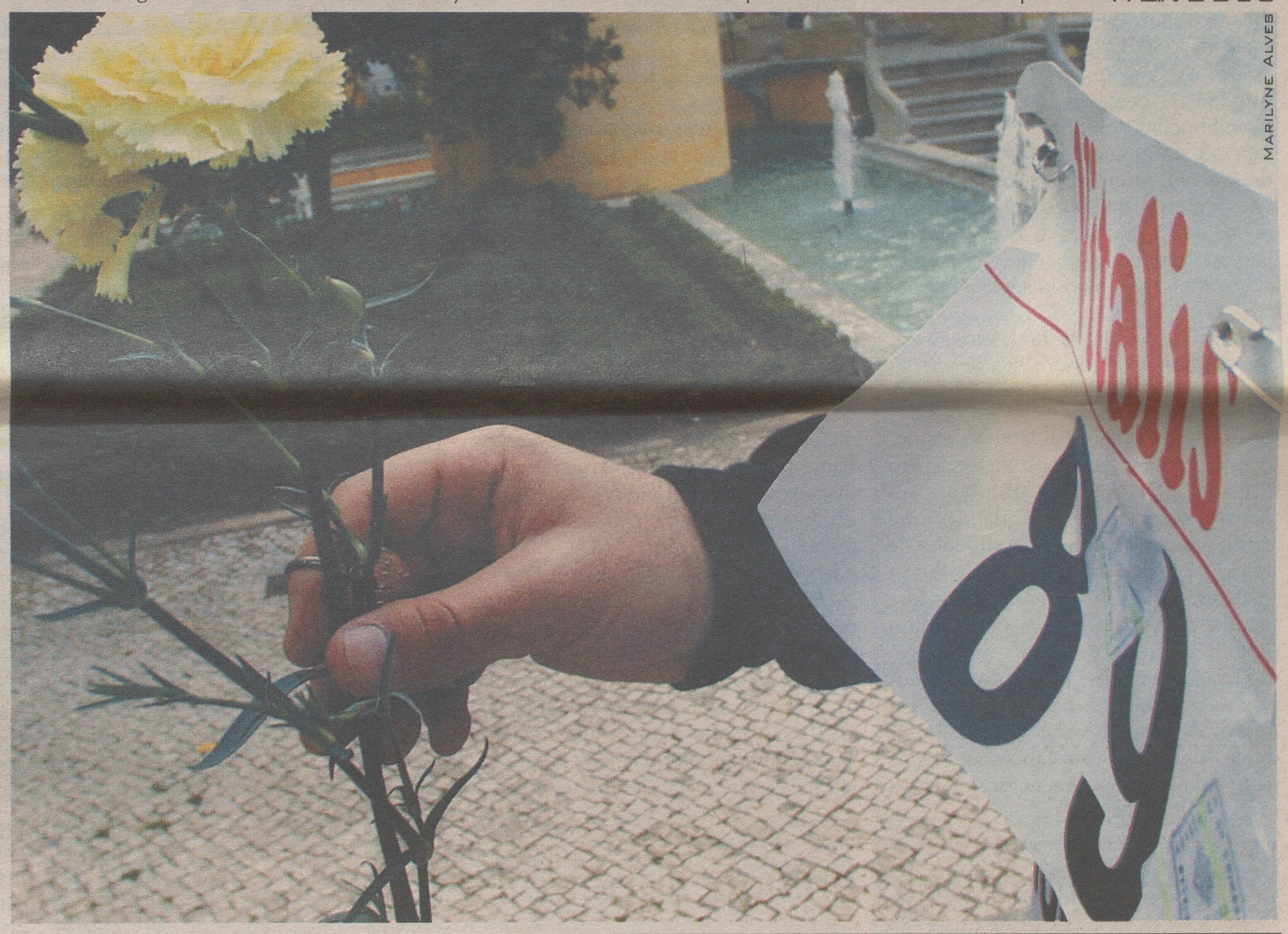
A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

DOM Digital

Nº93 25 de Março de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

CONTESTAÇÃO NA LINHA DE PARTIDA

As ruas de Coimbra receberam ontem uma "Corrida para a Educação", promovida pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, em consonância com uma decisão de Assembleia Magna. Ao todo foram mais de uma centena de participantes que, através desta forma, demonstraram a sua discordância com as posições públicas já tomadas pelo ministério da Ciência e do Ensino Superior, tutelado por Pedro Lynce. Isto numa altura em que a discussão pública sobre a reforma do ensino superior está prestes a chegar ao fim. Entretanto, prevê–se que uma manifestação percorra no próximo dia 2 de Abril as ruas da capital, reunindo as várias academias do país PÁGINAS 2 E 3



Cidade

Desemprego em Coimbra

A falta de emprego, provocada pela fuga do tecido empresarial é um problema com que a cidade actualmente se debate. Os recém–licenciados são dos mais afectados

PÁGINA 10

Centrais

Depressão estudantil

A pressão dos exames, as dificuldades de integração e o fracasso escolar são alguns dos factores que conduzem os estudantes à depressão. A CABRA foi falar com aqueles que vêem na universidade um mundo sombrio

PÁGINAS CENTRAIS

Desporto

Entrevista com Bira

A mais recente contratação da equipa sénior de voleibol da Académica fala do seu percurso de vida e da sua relação com o clube. O capitão da selecção nacional é optimista em relação ao futuro da Briosa e vê com bons olhos a participação de Portugal nos próximos Jogos Olímpicos em Atenas

PÁGINA 19

Cultura

João Maria André na primeira pessoa

Em ano de capital da cultura, o homem por detrás do TAGV pronuncia–se sobre o evento e todas as questões que o rodeiam, sem nunca esquecer o papel daquele que é o palco por excelência de Coimbra

PÁGINAS 22 E 23

a estrada curva



À venda na livraria da AAC e Secção de Jornalismo



Universidade vai a votos

Hoje são as eleições para o Senado e Assembleia da Universidade. A CABRA apresenta as listas e candidatos por parte dos estudantes das várias faculdades PÁGINA 9

A polémica da guerra no Iraque



A intervenção militar no Iraque põe em risco a ordem internacional, enquanto em Portugal a população se manifesta contra a guerra PÁGINAS 11 A 13



DESTAQUE

Guerra aberta contra as propinas

As iniciativas contra o pacote legislativo e o aumento de propinas vão ocupar as próximas acções de protesto da academia de Coimbra, e tudo o que a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra pede é exercício físico

Vítor Aires
Marilyne Alves
Daniela Pereira


JORGE NANDE

Estudantes de Coimbra voltam a manifestar-se em Lisboa no próximo dia 2 de Abril

Durante esta semana e até "ao último dia previsto para o pagamento da última prestação das propinas", a Associação Académica de Coimbra (AAC) vai–se desdobrar numa série de iniciativas de luta contra as alterações legislativas previstas para o ensino superior.

Após a "Corrida para a Educação", amanhã é dia de partir para Lisboa. A "Volta das propinas" vai levar Coimbra até à capital, de bicicleta, em pouco mais de 250 km, repartidos por seis etapas. Assim, amanhã de manhã, os estudantes, cerca de 50, vão sair de Coimbra com destino a Leiria, com paragem para almoço em Redinha, perto de Pombal. Quinta–feira, os "ciclistas" vão percorrer mais duas etapas. A primeira até à localidade de Molianos, junto a Porto de Mós, seguindo daí para Rio Maior e rumando sexta–feira para Lisboa.

Além do passeio de bicicleta, a AAC quer ainda comemorar o Dia das Mentiras. O presidente da Direcção–Geral da AAC (DG/AAC) quer tornar o dia 1 de Abril no dia da qualidade de ensino. Assim, de acordo com Victor Hugo Salgado, a DG/AAC vai "distribuir panfletos a dizer que existe qualidade no Ensino Superior, que já não há falta de lugares na sala de aula nem nas residências, que os tectos não caem e que não há problemas de transporte para o Pólo II".

Dia 2 de Abril é a data de uma nova ida para Lisboa, para uma manifestação em frente à Assembleia da República, onde vão ser lançados balões com palavras de ordem como "mais acção social e mais qualidade de ensino".

Todas estas iniciativas culminam com uma Assembleia Magna, depois do protesto em frente ao Parlamento. Victor Hugo Salgado explica que é preciso conjugar ideias porque há que "prezar o ensino superior público, gratuito e de qualidade". Mesmo perante a possibilidade das contestações esmorecerem com o aproximar da Queima das Fitas e depois com época de exames, o dirigente associativo está confiante e afirma que "os estudantes começam a ganhar consciência de que a estratégia do governo é errada", salientando a ideia de que a "AAC não vai parar de lutar seja em que altura for".

Estas acções de contestação foram decididas em Assembleia Magna, no passado dia 13, onde também se definiu a edição de um autocolante "contra as propinas", um "spot" a emitir pela RUC, a elaboração de um anúncio "para emitir no tempo de antena das televisões nacionais e durante a Queima das Fitas" e a publicação de um suplemento especial no jornal A CABRA.

Na Assembleia Magna, os estudantes pediram ainda a Jorge Sampaio que "não deixe passar" as alterações legislativas que se preve que o ministro da Ciência e do Ensino Superior introduza. O Presidente da República "tem de ter consciência das mudanças do pacote legislativo, pois vão prejudicar o ensino superior em Portugal", solicitou Victor Hugo Salgado.

Outros movimentos na mobilização

Numa altura em que as acções de contestação se vão suceder, o Muda_AAC e o Movimento Superior por um Ensino Superior (MSES) já estão em actividade. Tanto um como outro dizem que vão apostar em faixas e panfletos para incentivar Coimbra a participar, não só nos protestos, mas também nas Assembleias Magnas e Reuniões Gerais de Alunos.

João Martins, do MSES, diz que o grupo vai participar "em todas as acções decididas na última Assembleia Magna e vai aderir em força". No entanto, não deixou de criticar o recrutamento que a DG/AAC tem feito pois, segundo o estudante, "há falta de divulgação, não se vêm cartazes suficientes". Independentemente da "falta de publicidade", João Martins diz que o importante é "trabalhar para uma concertação ao nível nacional, sobretudo para o dia 2 de Abril".

Por seu turno, Daniel Martins afirma que os elementos do Muda_AAC estão mobilizados, mas diz não acreditar numa forte participação em todas as manifestações aprovadas em Assembleia Magna, porque "o peso simbólico destas acções é tão baixo que os estudantes não se sentem estimulados". Na perspectiva de Daniel Martins "nem todos podem faltar às aulas e às suas actividades normais para ir até Lisboa de bicicleta". Contudo, ressalva que "o movimento vai continuar a desenvolver formas de sensibilização e informação sobre os problemas da política que o governo quer impor".

Primeiras formas de protesto ganham vida

Um esforço pelo ensino superior

Integrada nas medidas de contestação decididas na última Assembleia Magna, a "Corrida para a Educação", que teve lugar ontem durante a parte da manhã, foi uma das primeiras iniciativas da manifestação de desagrado perante o prometido aumento das propinas

Tiago Azevedo

Realizou–se ontem a "Corrida para a Educação", no âmbito do processo de contestação agendada para as próximas semanas. Cerca de uma centena de estudantes da Universidade de Coimbra (UC) aderiram à iniciativa, aprovada em Assembleia Magna (AM) no dia 13 de Março, que contestava principalmente o pagamento de propinas.

Demonstrando o descontentamento pelo provável aumento das propinas, os estudantes correram pela cidade de Coimbra, numa iniciativa conjunta entre a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e os núcleos de estudantes das faculdades da UC. Os participantes da iniciativa envergaram t–shirts com frases de protesto, que variavam consoante as faculdades. Cada faculdade possuía uma frase - "Corremos pela educação, mas não recebemos um tostão", "Com o Lynce e o Durão não há boa educação", "Corre pelo teu lugar" - sendo escolhida pela DG/AAC a frase "Propinas não são solução".

Um trajecto que teve início na AAC, descendo pela Av. Sá da Bandeira, com um primeiro ponto de controlo no Largo da Portagem. A partir do primeiro posto, os estudantes iniciaram a subida da Couraça de Lisboa em direcção ao edifício da associação, passando pela Praça D. Dinis e pela estátua do Papa. A corrida terminou nos jardins da AAC, local de partida para a Baixa da cidade onde foram distribuídas flores aos cidadãos, numa actividade denominada "Operação Flor", que foi igualmente deliberada na última AM.

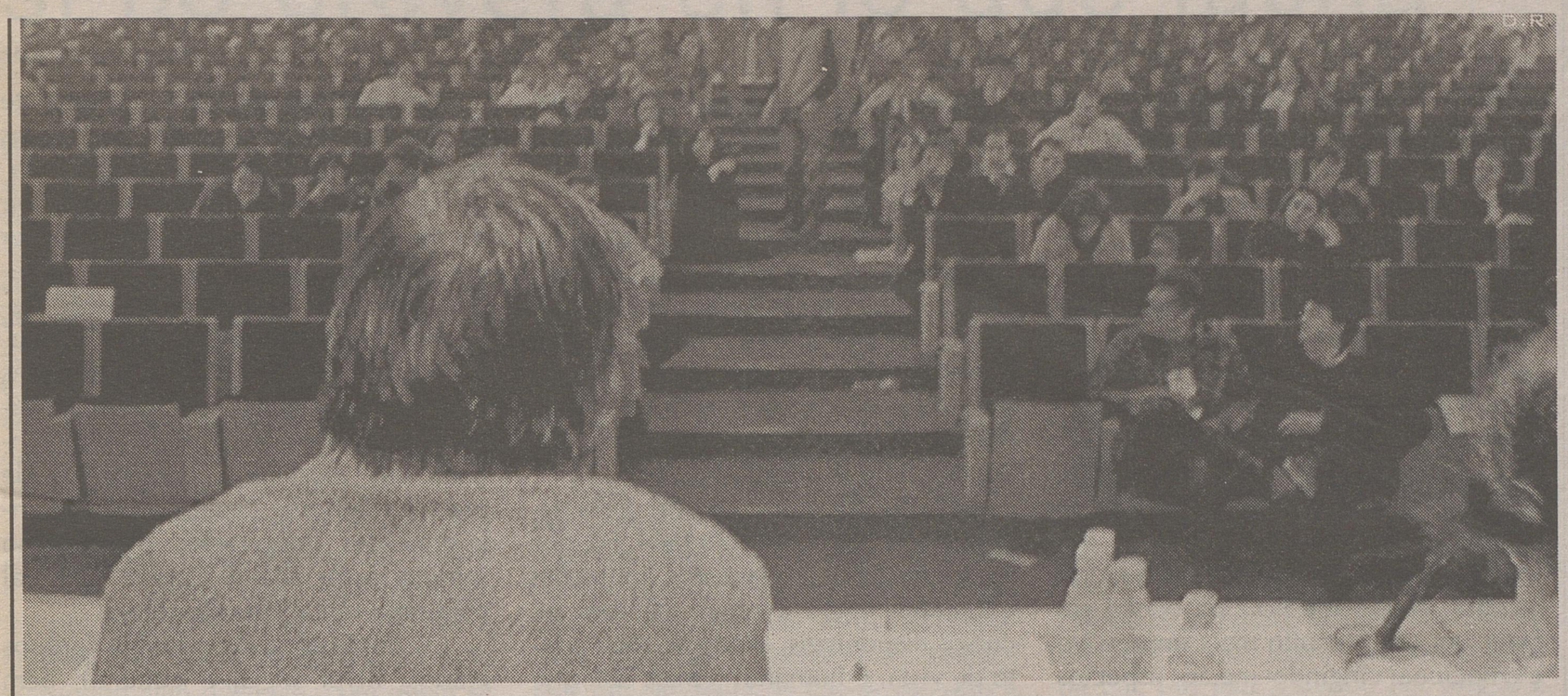
O primeiro participante a cortar a meta, do lado masculino, foi Pedro Fernandes, estudante da faculdade de Direito, seguido por Marco Vaz, Rui Tiago, Carlos Cristão e Leonel Pereira. No sector feminino, a primeira participante a cortar a meta foi Natércia Silvestre, aluna na faculdade de Medicina, à qual se seguiram Gilberta Rodrigues, Laura Tessario, Elsa Varela e Catarina Dias. Recorde-se que os primeiros cinco classificados de cada sexo tiveram direito a um bilhete geral para a Queima das Fitas 2003, uma forma de incentivar a participação dos estudantes.

No dia em que se celebrou o Dia do Estudante, os alunos da UC começaram desta forma os seus protestos contra a política educativa do ministério tutelado por Pedro Lynce, numa altura que se aproxima o final do prazo determinado pelo Governo para a discussão das alterações que se pretende levar a cabo no sistema educativo.

Este primeiro dia de contestação terminou no Jardim da Sereia com um concerto de fado de Coimbra, para o qual foram convidados Seabra Santos, reitor da UC, e António Luzio Vaz, administrador dos Serviços de Acção Escolar da UC.

Estudantes do ensino superior preparam semanas de contestação

ENDA contra propinas



Apesar das propostas de união, o último ENDA não conseguiu esconder a clivagem entre AAC e FAP

Associações de estudantes do ensino superior reuniram-se para definir uma acção concertada de protesto contra as propostas apresentadas pelo ministério da tutela. Entretanto, as clivagens entre Coimbra e Porto continuam a aumentar

O Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) definiu, no passado dia 17 Março, o calendário das acções de luta contra o aumento das propinas. Ontem, para marcar o Dia do Estudante, foram içados balões nas cidades universitárias, como sinal de protesto contra a diminuição do número de estudantes nos orgãos representativos e do número de alunos nas instituições. Na próxima sexta–feira, fanfarras e tambores de cada associação académica vão unidos a Lisboa para comemorar o Dia da Juventude.

Na mesma discussão foi aprovada uma manifestação nacional para o dia 2 de Abril, pelo conjunto das associações académicas e de estudantes presentes no encontro. Só no passado domingo, numa reunião informal de dirigentes associativos, se definiu os moldes de funcionamento do protesto. O encontro entre os manifestantes vai ser junto ao Marquês de Pombal, por volta das 16h30, para que às 17h00 estejam já em frente à Assembleia da República. Contudo, as próprias definições da manifestação geraram discórdias, pois surgiu a possiblidade de o protesto também ser contra a Guerra no Iraque. Nuno Mendes, presidente da FAP, recusou esta possibilidade, pois não quer "subverter a luta contra as propinas em favor de outras acções", referindo a possibilidade de fazer uma contestação paralela às outras associações.

O mês de Abril vai também ser alvo do lançamento de uma campanha nacional com "jingles" nas rádios nacionais e locais e, na última semana, de uma escalada pelo ensino superior na Torre Vasco da Gama em Lisboa. As semanas académicas vão ser também politizadas e finalizadas por um plenário nacional em Coimbra. Além disso, na primeira semana de Junho, os dirigentes estudantis vão–se vestir de cobradores de fraque e perseguir o primeiro–ministro Durão Barroso, invocando as dívidas do Governo para com as instituições do ensino superior. O encontro planeou, igualmente, a criação de um "ministério sombra", cujos sectores são divididos pelas associações académicas do país.

Cisões internas

O ENDA ficou marcado por divergências entre a AAC e a FAP. Na génese está o Caderno Reivindicativo apresentado por esta federação, juntamente com a Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico e com a Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Particular e Cooperativo. Segundo Victor Hugo Salgado, o documento pecava por esses dirigentes "se auto–denominarem Movimento Associativo Nacional, quando tinham já rejeitado a criação de uma plataforma nacional", e também por uma frase em que os assinantes "abriam a possibilidade a um aumento de propinas".

Nuno Mendes explicou que o movimento "apenas quer mostrar que os estudantes estão unidos, o nome é insignificante". O presidente da FAP acusa Victor Hugo Salgado de ter querido criar uma plataforma académica à revelia do Porto, acrescentando ser "impressionante como esse senhor [Victor Hugo Salgado], quando quer, consegue ser demagogo". E é conclusivo: "Quanto mais oiço o Victor Hugo Salgado, mais feliz fico por não ser estudante de Coimbra". Sobre a frase da polémica, Nuno Mendes afirma que propôs "substituí–la por 'Não aceitamos qualquer aumento de propinas'".

No domingo, segundo Victor Hugo Salgado, os vários dirigentes associativos decidiram publicar um cartaz, no qual querem mostrar que o movimento nacional está unido, "apesar de eventuais divergências".

Contestação nacional

Um pouco por todo o país, todas as associações de estudantes organizam protestos contra a nova lei do ensino superior. De norte a sul, as iniciativas previstas sucedem-se

Em altura de discussão pública sobre o ensino superior, e a menos de um mês de Pedro Lynce se pronunciar sobre as mudanças do pacote legislativo, o movimento associativo nacional prepara–se para sensibilizar os estudantes.

Em Aveiro, a passada semana foi marcada pela inauguração de um "cemitério" em frente à reitoria da universidade. Quarenta túmulos com inscrições, cruzes e mensagens como "aqui jaz a acção social do ensino superior" foram símbolos da insatisfação desta academia. Além disso, houve manifestações pelas ruas da cidade, onde os estudantes chamaram a atenção para a "mercantilização do ensino". Esta semana, as actividades vão ser assinaladas pelo agendamento de novas formas de luta, através de discussões internas e reuniões. O próximo objectivo de José Ricardo, presidente da Associação Académica de Aveiro, é fazer um abaixo–assinado, que promova "ideias essenciais como o financiamento, propinas e a participação dos estudantes nos órgãos de gestão".

Já a Universidade do Minho, *depois de ter pedido a demissão do executivo de Durão Barroso, quer agora* sensibilizar os discentes para o que Vasco Leal, presidente da Associação Académica do Minho, chama de "elitização do sistema de ensino superior". Em Abril, a instituição vai–se juntar à manifestação nacional, mas o dirigente associativo garante que "a luta continua até o governo mudar de ideias".

"Nunca é demais realizar Assembleias Magnas para discutir os problemas do ensino universitário". É assim que Miguel Teixeira, responsável máximo da Associação Académica de Lisboa (AAL) traça os caminhos de debate desta instituição. Neste sentido, refere que está prevista para amanhã uma reunião com o objectivo de dar a conhecer aos alunos os "temas polémicos que actualmente envolvem as universidades". Ainda durante esta semana, a AAL vai visitar as cerca de sessenta instituições de ensino superior da capital, para convocar os alunos para a manifestação de dia 2 de Abril e também para distribuir faixas de protesto.

Um pouco mais a norte, a Federação Académica do Porto (FAP) está a coordenar uma estafeta nacional pelo ensino superior. Alguns dirigentes associativos saíram ontem da Cidade Invicta e vão passar por Aveiro, Coimbra, Leiria e Lisboa com um único objectivo: levar até ao ministro uma mensagem de repúdio. "Não queremos o aumento das propinas, nem a perda de paridade" ressalva Nuno Mendes, presidente da FAP, que garante que esta é uma luta bastante antiga.

Sindicatos e ministério dispostos a negociar alterações da carreira docente

Professores à espera de mudanças

A Federação Nacional de Professores (Fenprof) vai esperar pelo proximo dia 30 de Abril, data de encerramento da discussão pública sobre as alterações a introduzir no estatuto da carreira docente, para decidir sobre possíveis formas de contestação

No âmbito de uma reunião entre o Ministério da Ciência e do Ensino Superior e as diversas associações sindicais, o ministro Pedro Lynce apresentou as linhas orientadoras aos novos estatutos da carreira de docente universitário e politécnico. O governo espera dialogar com os membros dos Sindicatos dos Professores do Ensino Superior (DSPES), para, assim, começar as negociações. De acordo com Nuno Rilo, coordenador da Direcção dos DSPES e membro do Departamento do Ensino Superior da Fenprof, "os princípios apresentados pelo ministério são muito vagos" mas, de qualquer forma, ainda "há lugar para discussão".

A alteração do novo sistema de quadros surge, segundo Nuno Rilo, como uma das principais mudanças a adoptar. "É uma questão que condiciona toda a vida do docente, e toda a vida universitária", afirma. As provas de grau académico, tais como as provas de agregação de professores associados ou ainda de professores catedráticos, deveriam "sofrer uma revisão global para redefini–las com mais clareza e torná–las mais coerentes". Uma das críticas também levantadas é a falta de medidas que consigam um maior equilibrio no emprego e na carreira do docente.

Apesar de garantir uma total abertura no diálogo com o Governo, o coordenador do DSPES prevê a convocação de uma reunião com os vários elementos das universidades do país no caso de o ministério da Cidade e Ensino Superior não incluir os factores considerados essenciais na proposta.

OPINIÃO

EDITORIAL Emanuel Graça

"Rotweillers" do mundo

Numa altura em que os olhos do mundo estão teledepentes das imagens do combate no Iraque, também em Portugal se desenvolvem outras guerras. O movimento nacional estudantil, apesar das claras cisões entre algumas academias, (nesse aspecto, o embate entre a Associação Académica de Coimbra e a Federação Académica do Porto conta com mais um episódio de uma televonela rídicula que teima em continuar...) reuniu–se em torno de um objectivo comum e prepara–se para combater as medidas propaladas pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior, naquilo que se pode denominar também de uma "guerra preventiva".

Uma "guerra preventiva" no sentido em que, oficialmente, nada está ainda delimitado pelo actual ministro da tutela, Pedro Lynce, e preventiva no sentido em que a discussão pública acerca da reforma do ensino superior em Portugal ainda não terminou. Deste modo, a manifestação agendada para o próximo dia 2 de Abril em Lisboa nada mais é do que um gesto "preventivo" de força perante a ameaça de uma "destruição maciça" da universidade que podem representar algumas das medidas que o ministério se prepara para apresentar publicamente e entre as quais se salienta a sempre mediática questão das propinas.

Entretanto, no que toca ao conflito no Iraque, a discussão no panorama da ciência política refere–se à divisão entre aqueles que se identificam com os denominados

"De um lado, o 'rotweiller' Pedro Lynce, e do outro, os 'órfãos da Universidade'"

"'rotweillers' de Woodrow Wilson" e que possuem posições claramente belicisto–ideológicas, e "os órfãos de Lenine" (expressões utilizadas por José Cutileiro, embaixador, na última edição do "Expresso"). Por um lado, vêm os primeiros defender uma lógica musculada de reformulação geopolítica da região do Médio–Oriente, ao passo que os segundos defendem uma oposição (também ela musculada) ao conflito armado na região da antiga Mesopotâmia.

Vem isto novamente a propósito da reforma do ensino superior português: de um lado, o estóico "rotweiller" que representa Pedro Lynce (o único membro do Ministério da Educação a resistir à vaga de contestação contra as propinas durante a era Cavaco Silva), e do outro, os "órfãos da Universidade", que continuam a acreditar no respeito pela lei e pela Constituição e no ensino gratuito.

Tanto num conflito como no outro, o resultado final parece já estar decidido, com o direito (nacional e internacional) em flagrante violação. O que, em síntese, redunda nas palavras de Vasco Graça Moura: "Sou a favor do desarmamento do Iraque e do cumprimento da Resolução 1441 das Nações Unidas; como é sabido, o cumprimento das normas de Direito, nacional ou internacional, no limite implica o recurso à força; há grande probabilidade de isso acontecer e tem de se aceitar que seja assim". O que não deslegitima (antes pelo contrário) a força e a razão dos actos de cidadania e dos protestos (universitários, pela paz ou mistos).

Coimbra Capital da Cultura

Nuno Cardoso*

Por vicissitudes várias estou a escrever este artigo de opinião constrangido pelo tempo disponível para o escrever. Não gostaria que vissem nisso menos respeito pela "A Cabra", e muito menos pela Academia ou pela Cidade que muito admiro. A limitação de tempo disponível, contraria uma vontade de poder fazer um texto mais completo e profundo sobre as vantagens e/ou desvantagens da Capital Nacional da Cultura - Coimbra 2003 para uma cidade da importância e com a história de Coimbra. Esta explicação prévia, impunha–se para, desde logo, enquadrar o leitor, dando–lhe nota da opção em fazer um artigo muito mais impressivo e emocional cingindo–me aos aspectos que considero serem mais importantes.

Vou assim tentar transmitir as minhas impressões e emoções, focando às janelas de oportunidades que se abrem sobre Coimbra com o evento que está a organizar. Faço-o com o capital de conhecimento adquirido com a realização da Capital Europeia da Cultura - Porto 2001. Nesse evento, tive a grata oportunidade de ser actor interveniente em múltiplos papéis e assim ter sido uma das pessoas que para o bem e para o mal mais responsabilidades acumulou (fui membro da comissão instaladora da empresa Porto 2001, fiz parte da 1ª Comissão Executiva, presidida pelo Dr.º Artur Santos Silva, *ao mesmo tempo era o Vereador* de Urbanismo da Câmara do Porto; em Outubro de 1999 passei a Presidente da Câmara do Porto, tendo todo o evento decorrido sobre a minha presidência).

Gostaria de começar por referir que o grau de sucesso do evento dependerá muito do nível de amadurecimento conseguido na fase inicial em que se definiram as linhas de força do projecto e da medida em que esse mesmo projecto foi trabalhado com os agentes culturais locais. A participação/envolvimento dos mesmos é determinante. Deve–se ter a consciência que eles são a parte fundamental de todo o projecto, sendo ao mesmo tempo razão/causa da sua existência, pois naturalmente que só se faz uma Capital Nacional de Cultura onde existam criadores que possam dinamizar um projecto desta importância. Ao mesmo tempo esses agentes culturais terão de ser o corpo do projecto, pois participarão activamente na programação a realizar. São, ainda, destinatários na medida em que o seu envolvimento deve permitir uma evolução das suas capacidades futuras. Assim, numa das componentes que reputo da maior importância, a dos agentes locais de cultura, instituições e criadores de um modo geral, o êxito do evento pode e deve começar a medir–se mesmo antes de iniciar a programação, sendo contabilizado pelo grau de participação dos mesmos e pelas condições futuras que o evento deixará no tocante às capacidades de apoio à criação. Se a Capital de Cultura tiver conseguido estabelecer a comunicação entre os agentes culturais locais, despertá–los, activá–los, deixando melhores condições para a criação artística e para o seu usufruto, podemos desde logo considerar muito positivo o seu resultado.

O envolvimento das instituições locais bem como do tecido empresarial é naturalmente muito importante mobilizar, estabelecendo–se redes de cooperação que poderão ser muito frutíferas para o futuro. Também este relacionamento deve ser conseguido muito antes do início da programação.

A definição de um evento desta natureza não é um projecto fácil. Há que ter a consciência clara das limitações existentes. Estou a referir–me aos recursos disponíveis, sendo do meu ponto de vista, o humano, o mais determinante. Naturalmente que o orçamento disponível será um referencial de trabalho assim como os equipamentos já existentes. Por definição os recursos financeiros são sempre escassos, pois gostaríamos sempre de fazer mais e melhor (ainda bem que assim é), mas o fascínio da gestão está exactamente no conseguir o melhor resultado possível com o quadro de recursos que nos é disponibilizado. O melhor resultado obtém–se com a definição clara das linhas de força e objectivos principais do projecto, os quais devem obter um elevado grau de consensos entre os agentes e as instituições da Cidade. A compreensão alargada do projecto, resultante de uma eficaz comunicação, vai ser determinante para o sucesso global da Capital Cultural.

"Uma Capital da Cultura será uma programação efémera"

Há múltiplas formatações possíveis para o evento. Entre uma programação totalmente comprada no exterior a uma programação só com "prata da casa", há uma infinidade de possibilidades. Tendo–se a consciência que o evento deverá servir para expor e dar a conhecer o valor dos criadores de Coimbra, não poderá contudo ficar apenas nesse registo. Sendo determinante atrair programas de qualidade superior que terão um efeito muito positivo nos públicos e contribuirão para o estímulo aos criadores locais. A programação através de projectos conjuntos entre agentes locais e externos costuma dar bons resultados.

Noutro plano, os decisores ver–se–ão confrontados com a escolha entre o efémero e o duradouro. Na nossa sociedade temos a tendência a menosprezar o efémero daí uma das explicações para que o consumo de bens culturais não seja mais valorizada pelos decisores políticos. Uma Capital Nacional da Cultura será fundamentalmente uma programação efémera, contudo deverá apostar–se fortemente na documentação de todos os eventos realizados, para que haja a possibilidade de mais pessoas poderem usufruir do muito que de bom se está a passar em Coimbra 2003. Os livros, catálogos, gravações áudio e vídeo serão testemunhos perpétuos do evento. Por outro lado, e dando resposta às pessoas que valorizam mais o duradouro, equipamentos culturais novos e as intervenções nos existentes, dotando–os de mais e melhores capacidades são investimentos importantes que ficarão sempre associada à Capital Cultural para uma rentabilização futura.

Os públicos alvos a atingir (grupos etários, nível social e cultural), bem como a área territorial de captação, são dos aspectos mais importantes a ter em conta na formatação do projecto.

Coimbra 2003 será um sucesso se conseguir o envolvimento da população da Cidade e da região que por ela é polarizada. Entendo que projectos desta natureza devem ser em primeiro plano para consumo interno. Assim, se Coimbra modificar os hábitos de consumos culturais da sua população, enriquecendo–os, incrementando–os, a par de um fortalecimento das estruturas de apoio à criação e da melhoria dos equipamentos culturais disponíveis, Coimbra 2003 será, desde logo, um êxito.

Despertar o interesse do País será igualmente um grande objectivo a atingir. Deve esperar–se que o evento suscite um recentrar de atenções em Coimbra. Será importante a adesão do país à iniciativa, em primeiro lugar porque Coimbra merece essa atenção e em seguida para dar projecção a um evento que poderá ter um grande futuro como forma de os Portugueses se conhecerem melhor e conhecerem melhor a suas Cidades e Regiões. Ter a expectativa de que o evento possa atravessar as fronteiras do país é irrealista, contudo não deve prescindir–se dessa dimensão, tentando com os poucos meios disponíveis atrair a atenção aos estrangeiros que visitem Portugal neste período, colocando publicidade em todas as "portas", convidando a visitar a Capital Cultural.

Por último, a recomendação que faço ao leitor é que participe na Capital Cultural, e que tenha uma atitude positiva para com ela; estou certo que haverá sempre possibilidade de criticar um evento deste tipo, pelas mais diversas razões, contudo teremos sempre de fazer justiça face ao esforço e empenho posto por todos os que se dedicaram ao projecto.

E como diz o poeta " hoje é o primeiro dia do resto da minha vida", Coimbra 2003, estou certo, será um marco na cultura de Coimbra e de Portugal e os seus efeitos far–se–ão sentir no futuro.

* Ex-presidente da Câmara Municipal do Porto

"Que cosa fuera, si no creyera en lo que lucha"(1)

CELINA M. DOS SANTOS*

"A Guerra do Golfo [de 1991] foi talvez a guerra moderna da qual menos se soube, apesar da atenção dedicada ter sido de 24 horas por dia."

Assim começava um trabalho de investigação feito em 2001 por 'estudantas' universitárias. O objectivo era saber mais sobre as malhas que tecem "as verdades e as mentiras" da guerra! Nenhuma de nós esperava saber aquilo que viemos a descobrir, nem nunca pensámos que tudo isso fosse acontecer outra vez... (2)

Em 2001, fazia dez anos que uma guerra contra o Iraque tinha sido desencadeada - guerra que 'estranhamente' atingiu cidadãs e cidadãos, aquelas e aqueles com quem se deveria ter sido construído algo diferente, com quem se deveria ter começado o tal Mundo melhor no Iraque. Mas, talvez mais importante era o facto de fazer dez anos que este mesmo povo sofria rigorosíssimas sanções - sobre estas pouco sabemos e pouc@s têm tido a coragem de contar o sofrimento desnecessário que a 'coligação de 1991' infligiu a crianças, mulheres e homens! Parece que a História se repete novamente, sem nada ter aprendido!

As perguntas que nos ficaram em 2001 são, no fundo, as mesmas que partilhamos hoje com quant@s são contra a guerra! Vivemos na Dúvida porque Tudo foge ao que nos dizem políticos, militares e meios de comunicação, tanto os de lá como os de cá(3)... é impossível que a destruição possa trazer algo de bom, tal como é impossível que seja a libertação dos povos e das pessoas que esteja em causa!

"Emancipation means freeing people, as individuals and groups, from the social, physical, economic, political and other constraints which stop them carrying out what they would freely choose to do."(4)

Parece difícil hoje trazer algo à discussão que ainda não tenha sido dito, nem que seja sublinhar algo que não tivesse sido ouvido com a atenção suficiente! Não pretendo dizer que sou contra esta e outras guerras, o que é óbvio, nem quero enumerar as mesmas razões que tant@s já enumeraram tão melhor do que eu poderia alguma vez fazê–lo. Ainda assim, creio que vale a pena repetir certas coisas, porque tod@s e cada um@ de nós tem de garantir que não nos vamos conformar e que vamos continuar a nossa Luta, que no fundo parece ser pela soberania e autodeterminação dos povos e das pessoas, que cada vez mais parecem estar ameaçadas...

Estão em causa para @s iraquian@s, que além de se terem de confrontar com um cruel ditador, têm ainda de se confrontar com a pseudo–ajuda de uns quantos senhores que acham, longe, nos seus luxuosos gabinetes e estilos de vida, saber o que é melhor para o Mundo - apesar da evidência mostrar que o que trazem é somente a destruição de todos os meios materiais e imateriais que @s iraquian@s têm para resistir e para construir o seu futuro, bem como a destruição de tudo quanto sustenta a sua identidade e caminho colectivos!

Porém, talvez mais grave seja esta soberania estar em causa para nós, no que insistentemente chamamos de democracias. Infelizmente, resta concluir que não temos democracias exemplares, ou de alta intensidade, mas sim democracias de baixa intensidade, tão iguais às d@s pobrezinh@s que todos os dias achamos inferiores, de quem temos pena pela sua má sorte e que ajudamos com algum etnocentrismo. Precisamos urgentemente de um novo Olhar sobre as Coisas...

Estas afirmações serão talvez radicais, mas o Mundo em que vivemos está em profunda Crise e é insustentável. Talvez não nos apercebamos da gravidade da situação... afinal o nosso 'cantinho à beira–mar plantado' é (ainda) um sossego! Mas isto não basta, as nossas Vontades e Solidariedades estão e devem estar ligadas com outras, além fronteiras, além das divisões que herdámos e que não podemos escolher manter. A simples convicção colectiva de que algo está errado traz–nos a responsabilidade e a possibilidade de reinventar um Mundo Melhor!

> **"É preciso que Tod@s nos Comprometamos com o Futuro"**

O momento é então de Agir, de Reivindicar, de Exigir, de Falar e de Gritar se necessário! Mas é também momento agora de Arriscar, de Mudar, de Inventar!

Como fazê–lo é o maior Dilema que se nos impõe... não conseguimos demover o nosso governo destas e de outras escolhas que não quero categorizar, não conseguimos parar a guerra... mas será que o nosso esforço se esgotou, será que não há mais nada a fazer!? Será que poderemos assistir pela televisão à certeza de que milhares de crianças no Iraque irão crescer do mesmo modo que cresceram @s iraquian@s da nossa idade!?

Um@ iraquian@ com a minha idade (23 anos) viveu sem dúvida uma vida desumana: nasceu em 1979; em 1980 começa uma violenta guerra com o Irão que só termina em 1988; mal se tinha acabado de apanhar os cacos desta guerra, em 1991 o Iraque entra em nova guerra, curta mas altamente destrutiva se pensarmos que as tropas dos Estado Unidos se continuaram a entreter até 1993 bombardeando rebanhos e as crianças que os guardavam; depois de 1991 e até hoje, o seu país está submetido a sanções que não permitem que entre qualquer bem de primeira necessidade, como bonecas de trapos ou lápis, alegando–se que a partir daí, @s iraquian@s, que são tod@s como o Saddam(!), poderiam fazer armas químicas! Suponho então que, além da violência vivida, est@ jovem não pôde estudar, teve de trabalhar e de sobreviver das formas mais ignóbeis e não pode sonhar a Paz que não teve o direito de conhecer. E eu, que terei para contar!?

Gostaria de poder contar que fiz o que podia para mudar este Mundo, que me precavi atempadamente e que tive visão para me juntar às/aos muit@s que já lutavam por um Mundo Melhor! Embora possa dizer que seja dirigente associativa e uma cidadã que participa, tenho às vezes muito medo de não ter feito o suficiente, nomeadamente de ter feito aquilo a que a minha Cidadania Transnacional me obriga... e, por isso, tenho medo que tenha também culpa que tenha Reagido e não Agido! Tudo é Possível, cada vez mais me convenço disso, porque o "Mundo Está Apenas Imperfeitamente Inventado!"(5), mas estou igualmente certa de que isto não acontece por magia, é preciso muito esforço, muito optimismo e muita perseverança...

É preciso que Tod@s nos Comprometamos com o Futuro, na Palavra, mas também e sobretudo na Acção!

É preciso que tod@s nos manifestemos, é preciso que tod@s escrevamos para os meios de comunicação e para os nossos governos a pedir transparência e a reclamar a nossa Voz, é preciso que todas mudemos actos e atitudes seja pelo boicote, seja pela Luta contra a Injustiça que está ao nosso lado! É preciso transformar a globalização dos capitais e das misérias, numa globalização dos benefícios, das acções e das solidariedades... A Alternativa não está tão longe quanto pensamos, *ela passa pelos movimentos sociais* e pelos Fóruns Sociais (nomeadamente o português em www.forumsocialportugues.net), pelo comércio justo, pelo voluntariado, pelo micro–crédito, pelo desenvolvimento local, pelo uso pleno da palavra e da crítica... pelo uso da NOSSA CIDADANIA, que é um direito, mas acima de tudo um Contributo que temos para dar!

(1) Trecho de uma inspiradora música de Silvio Rodríguez chamada 'La Masa'

(2) Embora estes trabalhos tenham sido a 'inspiração' para este artigo, não é a minha intenção resumi–los. @s mais curios@s poderão encontrá–los numa publicação da Acção Jovem para a Paz chamada 'Art. Fem. - Uma Revista de Direitos Humanos' (ajpaz@clix.pt)

(3) Falo também dos meios de comunicação (de massa) porque acredito que de algum modo a sua deontologia se perde na guerra... comunicam, não informam! Perdem a crítica de vista, entram em relatos de números que nada trazem à nossa reflexão ou tomada de posição, bem como nos mostram a guerra como se fosse um jogo de vídeo... torna–se então muito difícil entrever o que significa a Guerra!

(4) 'A Emancipação significa libertar as pessoas, enquanto indivíduos e grupos, de constrangimentos sociais, físicos, económicos, políticos ou outros que @s impedem de levar a cabo aquilo que em liberdade escolheriam fazer' in Booth, Ken & Smith, Steve; International Relations Theory Today; Polity Press: Cambridge; 1995; p.344

(5) Elsa Triolet

* Tesoureira da Acção Jovem para a Paz (AJP)

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

Um retrocesso civilizacional

1. O infame acto de guerra agora concretizado estava há muito decidido, planeado e agendado pelos governantes dos EUA. Remontando a Setembro do ano passado, já então o jornal "The New York Times" apontava o início da incursão militar no Iraque para o presente mês de Março. Este facto constitui a maior prova de hipocrisia da argumentação norte–americana e de desrespeito perante a ONU. Aliás, o presidente George W. Bush afirmou sempre que os EUA fariam a guerra "com ou sem o aval da ONU". A decisão unilateral de recorrer à força foi tomada sem o consenso ou legitimação internacionais, e a actuação da diplomacia norte–americana no âmbito da ONU desenvolveu–se, desde o início, a partir do pressuposto de inevitabilidade da guerra, apesar da evolução positiva das inspecções ao armamento iraquiano e do consequente pedido de mais tempo e recursos. A desistência de apresentar a votação uma segunda resolução comprova o fracasso diplomático dos EUA e respectivos aliados de guerra - a chantagem político–económica sobre os restantes membros do Conselho de Segurança não obteve o sucesso desejado.

2. Após os atentados do dia 11 de Setembro de 2001, os novos planos estratégicos de defesa nacional dos EUA estabeleceram um novo conceito de "guerra preventiva", no qual se engloba o presente conflito. O Iraque não atacou os EUA e não parece ter ligações com a rede terrorista da Al–Qaeda, alegada autora dos atentados em Washington e Nova Iorque, mas os norte–americanos arrogam–se o direito de intervir militarmente naquele país como forma de prevenir uma eventual ameaça. A legitimação de uma acção de auto–defesa advém da ocorrência de uma agressão, mas os EUA saltam por cima desse pressuposto e passam a requerer apenas a existência de uma ameaça. Que paradoxo! Afinal, quem se defende de quem? Quem ataca quem? Esta nova política externa norte–americana representa uma clara violação das mais elementares premissas do direito internacional e fundamenta–se na supremacia política, por sua vez baseada no poder militar, dos EUA perante o mundo. A ignomínia desta guerra contra o Iraque, contra tudo e contra todos, acaba por ser um prenúncio do estabelecimento de uma nova ordem mundial subjacente à hegemonia norte–americana. O primado do direito internacional torna–se inverosímil face ao poder militar e, de acordo com os próprios interesses e ambições, a nação mais poderosa pode desencadear guerras onde, quando e como pretender. A ONU perde influência e transforma–se, assim, numa instituição vazia e subvertida ao poder dos EUA. Um lamentável passo atrás na evolução da humanidade, no sentido oposto ao da justiça e da paz mundiais.

> "Uma nova ordem mundial subjacente à hegemonia norte–americana"

PENSAR A UNIVERSIDADE

O Governo das instituições de ensino superior

CRISES *

A avaliação dos modelos de governo das instituições do ensino superior público, consignados na legislação em vigor, está ainda por fazer de forma exaustiva e rigorosa. Contudo, as críticas que lhes têm sido dirigidas por reputados especialistas na matéria encontraram acolhimento junto da opinião pública. O diagnóstico que oferecem é geralmente muito pouco favorável. Os actuais modelos de governo, em particular o das universidades, consagrariam a preeminência de interesses corporativos, promovendo o ensimesmamento das instituições perante a comunidade, conduzindo a formas de gestão pouco profissionais e impedindo a definição de verdadeiras estratégias de desenvolvimento. O resultado seria a utilização pouco eficiente dos recursos (ou mesmo o seu desperdício) e o bloqueamento da capacidade de inovação.

Não cabe aqui fazer a apreciação crítica de tal diagnóstico, embora cumpra sublinhar que é estreita a margem de gestão de organizações que, em média, têm 85 por cento dos seus recursos comprometidos com despesas fixas de pessoal. Porém, é uma opinião largamente partilhada que os modelos vigentes não são satisfatórios, em especial porque, se não impedem completamente o desenvolvimento de formas de gestão mais dinâmicas (de que há alguns exemplos), seguramente não as promovem. Por isso, constituiu–se um consenso quanto à necessidade de introduzir novas soluções, embora não haja acordo quanto à natureza dessas soluções.

Têm sido várias as sugestões para a reforma dos sistemas de governo das instituições de ensino superior público. Uma boa parte das soluções propostas vai no sentido de cercear a influência de interesses corporativos, de forçar a abertura das instituições ao exterior (à comunidade ou à "sociedade civil") e de profissionalizar a gestão. O cumprimento de tais propósitos implicaria a limitação do poder dos corpos permanentes das instituições, através da entrega da capacidade de decisão, no todo ou em parte, a entidades exteriores ou a gestores profissionais.

Não se põe em causa a necessidade de introduzir alterações que concorram para a abertura das instituições ao exterior e as dotem de uma superior capacidade técnica de gestão, mas não parece que possa dissociar–se o seu governo da competência para definir os projectos científicos e pedagógicos, e esta tem de ser reconhecida aos seus membros permanentes, que possuem a aptidão (científica e técnica) para o efeito.

A desejável abertura ao exterior deverá ficar consagrada através da participação de representantes da comunidade em órgãos de audição obrigatória em matérias estruturantes dos projectos científico–pedagógicos das instituições. Contudo, há que ter presente que são em número muito limitado as entidades e personalidades que podem dar um contributo positivo ao governo das instituições. De resto, com raríssimas excepções, as vozes que reivindicam uma maior participação externa nesse governo vêm mais de dentro do sistema, ou das suas fronteiras (por exemplo de antigos responsáveis políticos pelo sector), do que da própria comunidade ou da "sociedade civil".

Também as posições sobre a profissionalização da gestão têm geralmente laborado num equívoco. A profissionalização da gestão - no domínio técnico - não pode ser confundida com a profissionalização do governo - no domínio estratégico, científico–pedagógico - das instituições. Se a primeira é desejável, investindo as instituições de uma maior capacidade para atingir os objectivos traçados e para utilizar os recursos de forma mais eficiente, a segunda, em instituições públicas, criaria não só insanáveis conflitos internos (designadamente por questões de legitimidade) como levantaria o problema da selecção e *designação dos administradores*. Em qualquer caso, parece inaceitável que a designação de quaisquer membros de órgãos de governo das instituições possa caber às instâncias da tutela. Tratar–se–ia de um recuo para formas de governo pré–autonómicas, que abriria a porta à nomeação de comissários políticos e à infiltração de clientelas e interesses político–partidários.

> "As modificações a introduzir, para além das que visam a abertura à comunidade e o melhoramento da qualidade técnica de gestão devem dirigir-se à criação nas instituições de uma capacidade para a definição de estratégias de desenvolvimento"

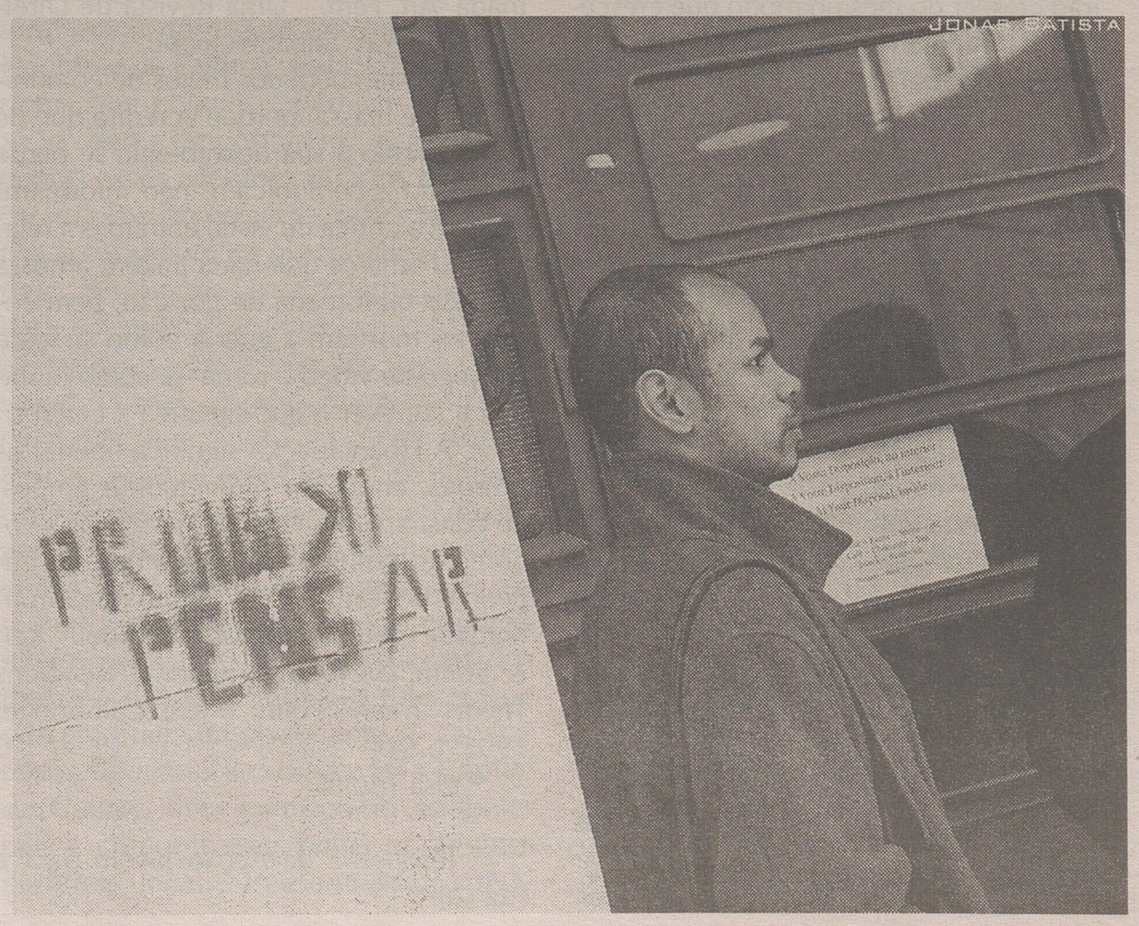
As modificações a introduzir, para além das que visam a abertura à comunidade e o melhoramento da qualidade técnica de gestão (lembrando que é necessário fazer o correspondente investimento no recrutamento de gestores qualificados), devem dirigir–se à criação nas instituições de uma capacidade para a definição de estratégias de desenvolvimento. Quando se fala em alargar as áreas sujeitas à contratualização entre o Estado e as instituições, convém sublinhar que tal pressupõe que as partes sejam efectivamente capazes de definir uma estratégia autónoma. Ora, nos modelos actuais, o poder decisório está atribuído a órgãos colectivos, como os senados ou os conselhos científicos, o que dificulta o desenvolvimento dessa capacidade estratégica. Nesses órgãos, os compromissos, não tanto entre corpos (docentes, discentes, funcionários) mas entre departamentos ou unidades orgânicas, levam ao bloqueamento da tomada de decisões ou à aprovação indiscriminada de todas as propostas. Esses compromissos tornam quase impossível fazer escolhas e definir prioridades.

Assim, sem prejuízo da audição da academia e dos corpos que a constituem, em todas as matérias relevantes, é necessário, no quadro do aprofundamento da autonomia estatutária e da flexibilização do modelo de governo das instituições, criar órgãos executivos, assim nas universidades ou institutos politécnicos, como nas suas unidades orgânicas (em particular naquelas que possuem autonomia administrativa e financeira). Tais órgãos (unipessoais ou colectivos), cuja constituição caberia definir às próprias instituições, mas que, por razões de operacionalidade, não poderiam ter mais de cinco membros, deveriam ser integrados por equipas coerentes, eleitas em conjunto, com base na apresentação de um programa estratégico. Seriam investidos da capacidade de decisão e do efectivo poder estratégico e de direcção.

O aprofundamento da autonomia e da capacidade estratégica obrigará, como contrapartida, ao reforço dos dispositivos, tanto internos como externos, de avaliação, controlo e fiscalização. Nesse sentido, para além de esse governo passar a constar, de forma sistemática, entre as actividades a avaliar, será necessário realizar auditorias de gestão que se pronunciem sobre a sua qualidade. Do novo modelo deve fazer parte um órgão próprio de fiscalização, do tipo dos conselhos fiscais, com obrigação de certificar e aprovar as contas e de emitir pareceres sobre a qualidade da gestão.

Em síntese. Propõe–se:

- o aprofundamento da autonomia estatutária e flexibilização dos modelos de governo, concedendo às instituições um maior grau de liberdade para a definição dos seus órgãos, da sua constituição e das suas competências, balizada por limitações resultantes de uma estratégia nacional definida para o sistema;
- a participação de representantes da comunidade (autarquias, associações empresariais, profissionais, sindicais, culturais) em órgãos de audição obrigatória em todas as matérias estruturantes dos projectos científico–pedagógicos das instituições;
- a criação de órgãos executivos investidos do poder de direcção, eleitos, com base em programas estratégicos, por colégios eleitorais especialmente designados para o efeito; esses órgãos poderiam ser unipessoais ou colectivos, mas constituindo equipas coerentes com um máximo de cinco membros;
- a redução dos poderes dos actuais órgãos colegiais, sectoriais ou de representação, que passariam a ser órgãos de audição obrigatória em matérias fundamentais, com capacidade de emitir pareceres e de fazer propostas no seu âmbito de competência;
- o recrutamento de gestores profissionais para assessorar os órgãos executivos e que, por escolha da instituição, poderiam também integrá–los;
- a criação de órgãos de fiscalização (com representação externa maioritária e eventual participação de empresas de auditores) a que caberia certificar as contas e emitir pareceres sobre a qualidade da gestão;
- a realização de auditorias regulares, por parte do Estado (através do Tribunal de Contas ou da contratação de agente externo), à qualidade e capacidade de inovação (e não apenas à conformidade legal) da gestão e do governo das instituições.



JONAS BATISTA

* Crises - Colectivo para a Reflexão e Intervenção sobre o Ensino Superior

Estatutos dos docentes do Ensino Superior público: princípios orientadores

Ministério da Ciência e do Ensino Superior

Na sequência da tomada de posse do XV Governo Constitucional, o Ministro da Ciência e do Ensino Superior recebeu as diversas associações sindicais dos docentes do ensino superior, tendo sido abordada a alteração aos estatutos das carreiras docentes.

Na Lei n.º 1/2003, de 6 de Janeiro, o legislador comprometeu–se a proceder à consolidação da legislação aplicável às carreiras docentes do ensino superior, universitário e politécnico.

Efectivamente, tendo os estatutos das carreiras docentes universitária e politécnica sido aprovados em 1979 e em 1981, respectivamente, com inúmeras alterações posteriores, justifica–se uma avaliação da situação actual, a partir da qual seja possível apontar as perspectivas para o futuro e as medidas legislativas a adoptar.

Naturalmente, as alterações a introduzir deverão ter em conta a conjuntura económica difícil que o País atravessa.

Nas páginas seguintes enunciam–se os princípios gerais para a revisão e consolidação da legislação estatuária dos docentes do ensino superior.

Internacionalizar o ensino superior

A internacionalização do ensino superior exprime–se pela mobilidade de estudantes e docentes, pela presença de docentes e investigadores estrangeiros e pelo reconhecimento internacional das realizações dos docentes e investigadores portugueses.

Assim, justifica–se:

- Que os concursos para os lugares de docentes e investigadores tenham um carácter internacional;
- A participação dos docentes e investigadores estrangeiros em júris nacionais;
- O incentivo à cooperação com países de expressão portuguesa, criando programas de cooperação, nomeadamente para a colaboração bilateral entre instituições de ensino superior;
- Que o financiamento a suportar pelo Estado tenha em atenção a divulgação internacional da produção científica de qualidade dos docentes e investigadores, bem como a participação em projectos internacionais.

Espaço Português de ensino superior

É essencial assegurar a mobilidade dos docentes, dos investigadores e dos estudantes no espaço português, assim como maior rigor e transparência nos concursos da carreira docente.

Assim, justifica–se:

- Que aos docentes e investigadores seja facultada a mobilidade entre estabelecimentos universitários e politécnicos, entre instituições públicas e privadas e entre docência e investigação;
- Que seja consagrada a possibilidade de requisição de docentes e investigadores por empresas públicas ou privadas, quando tal corresponder a necessidades de cooperação ensino superior–empresa;
- Que se procure diminuir as práticas de endogamia, nomeadamente estabelecendo regras quanto à composição dos júris;
- Que se reforcem os mecanismos de publicidade nacional a todos os concursos da carreira docente.

Reforçar a qualificação do corpo docente, exigência de um ensino de qualidade

O primeiro parâmetro que define a qualidade do ensino leccionado por uma instituição é, sem dúvida, a qualificação do seu corpo docente.

Assim, justifica–se:

- O doutoramento como qualificação para entrada na carreira docente universitária;
- O mestrado como qualificação para entrada na carreira docente politécnica;
- A admissão à carreira docente politécnica, num quadro de grande rigor e exigência, de profissionais especialmente qualificados;
- A cessação da obrigação de contratação automática como consequência da obtenção do grau de doutor;
- A abolição das provas de equivalência ao mestrado;
- A regulamentação da prova de agregação;

> "O primeiro parâmetro que define a qualidade do ensino leccionado por uma instituição é, sem dúvida, a qualificação do seu corpo docente"

- A regulamentação própria para cada uma das provas da carreira académica, evitando repetições e promovendo a progressão do conhecimento científico e o aperfeiçoamento pedagógico;
- O reforço do princípio de que a avaliação da carreira docente deve ser de carácter pedagógico e científico e não exclusivamente científico;
- A introdução balizada de mecanismos de avaliação permanente dos docentes.

Promover a estabilidade do corpo docente

A especificidade das carreiras docentes do ensino superior exige uma cuidadosa articulação entre o elevado grau de exigência a elas inerente e a estabilidade do corpo docente.

Assim, justifica–se:

- A criação de quadros para professores auxiliares;
- A fixação de dotações globais, para cada universidade e instituto politécnico, para as situações de desempenho da actividade docente não integradas nos quadros;
- A restrição da possibilidade de decisões de equiparação;
- A fixação de dotações próprias, proporcionais aos restantes docentes da instituição, para a contratação de docentes equiparados e convidados;
- A responsabilização pessoal dos reitores, dos presidentes dos institutos politécnicos e dos membros dos conselhos directivos e científicos pelo cumprimento integral da legislação no que se refere à contratação de pessoal docente.

Precisar os direitos e os deveres dos docentes

O exercício das liberdades educativas inerentes à função docente obriga a uma definição de regras de conduta transparentes, visando a dignificação da carreira docente e o cumprimento de padrões cada vez mais exigentes de qualidade.

Assim, justifica–se:

- Precisar adequadamente os deveres dos docentes, nomeadamente perante os alunos (informação sobre planos de estudo, programas, métodos de avaliação, etc.);
- Clarificar a prestação de serviço docente em regime de dedicação exclusiva, a qual não pode ser definida pela negativa, mas deve antes importar a realização de obrigações adicionais à instituição;
- Rever as funções lectivas e não lectivas que podem ser atribuídas a cada uma das categorias de docentes;
- Clarificar o estatuto de equiparado a bolseiro.

Ampliar a autonomia das instituições

Assume–se a ampliação da autonomia das instituições de ensino superior no domínio dos regimes contratuais para o desempenho da actividade docente.

Assim, justifica–se:

- Consagrar a possibilidade de contratação de docentes fora do quadro dos estatutos, verificado o preenchimento de certos pressupostos;
- Permitir a atribuição de remunerações suplementares por objectivos.

A transição

Todas as alterações a introduzir nos estatutos das carreiras docentes terão em atenção os direitos adquiridos pelos actuais membros do corpo docente.

O desenvolvimento do processo

O presente documento enuncia os grandes princípios orientadores que propomos para o início de uma discussão visando a revisão e consolidação dos estatutos dos docentes do ensino superior.

Com ele iniciamos um período de recolha das propostas que as estruturas sindicais, em particular, e a comunidade académica, em geral, queiram apresentar até 30 de Abril.

Terminado esse período procederemos à elaboração das propostas que constituirão o ponto de partida para a abertura do processo negocial com as associações sindicais, no mês de Maio.

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Paginação:** Emanuel Graça **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Carina Valério, Cecília Santos, Claúdia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Lurdes Lagarto, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Caniço, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sara Martins, Sérgio Alves, Sílvia Matos, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Alberto Fernandes, Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, Andreia Ferreira, Carla Pinto, Claúdia Ferreira, Daniela Rodrigues, Diana Mota, Diana Ramos, Edgar Caetano, Fátima Pinto, Francisco Simões, Joana Ereio, Joana Moreira, Joana Montenegro, João Baía, Liliana Figueiredo, Luís Miguel Silva, Nuno Felício, Margarida Matos, Marta Poiares, Patrícia Lourenço, Patrícia Vic, Pedro Silveira, Rogério Ramos, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Marques, Suzana Marto, Vitor Aires **Fotografia:** Cláudio Vaz, Francisca Moreira, Jonas Batista, J. M. Lourenço, Marilyne Alves, Silvia Senette **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Centro de Impressão Coraze.

ACADEMIA

Fórum AAC procura soluções para o futuro

Ensino superior discutido no Luso

A segunda edição do Fórum AAC, que decorreu na Vila do Luso, centrou–se na necessidade de discutir os problemas que afligem o ensino superior e, em particular, a Universidade de Coimbra

Tiago Azevedo


D.R.

Fórum AAC reuniu vários dirigentes estudantis da Universidade de Coimbra

Durante os dias 15 e 20 de Março decorreu o Fórum AAC, onde membros da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), do Senado Universitário, dos núcleos da AAC e dos conselhos pedagógicos e directivos das faculdades se reuniram para procurarem soluções para o sistema educativo.

Ao longo das horas de discussão, e organizados em diversos painéis, os participantes do fórum avaliaram o actual estado do ensino superior e procuraram estratégias para o futuro. Na questão do financiamento, os estudantes voltaram a mencionar a problemática das propinas, sublinhando o aumento da desresponsabilização financeira por parte do Governo. É possível ler nos diplomas que resultaram do fórum que, ao contrário do que está legislado, as propinas não contribuem para "um incremento da qualidade do sistema educativo". Neste capítulo, as conclusões da discussão defendem que o financiamento deve ser feito de uma forma clara e ponderada, com acompanhamento do Estado e avaliação das especificidades de cada instituição, de forma a garantir um acesso igualitário a todos que procuram ingressar no ensino superior.

Ao nível da autonomia e gestão, os participantes concluíram que é necessário acompanhar constantemente "o órgão responsável pela gestão administrativa e financeira, maximizando os recursos existentes e responsabilizando o Estado".

Na área da internacionalização, os estudantes temem que os objectivos da Declaração de Bolonha sejam incluídos de "uma forma abrupta e pouco consciente" no modelo de ensino português. Segundo o diploma resultante da discussão, é necessário ponderar a escolha do modelo, não caindo na política de "seguidismo internacional", e analisar as condições e as realidades das diversas áreas, de modo a criar "mecanismos transparentes e rigorosos".

No que diz respeito ao Estatuto da Carreira do Docente Universitário, foi considerada primordial a inserção de alterações que visem o melhoramento do desempenho pedagógico. Os representantes estudantis acusam a adopção de um método expositivo, por parte dos docentes, que negligencia "o carácter crítico, inventivo e criativo dos estudantes" e que deve ser colmatado por uma constante avaliação e aproximação entre os discentes e docentes. Referindo–se à Acção Social, os participantes manifestaram a atribuição "injusta, insuficiente e inadequada às realidades" do ensino superior. Deste modo, propõem um maior investimento nesta área de forma a suprimir as carências dos estudantes.

No final do Fórum AAC, Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, fez um balanço positivo devido à "evolução que aconteceu ao nível do debate" e à necessidade de convergir os esforços para a concretização dos objectivos, salientando que no seio de "toda a discussão é necessário defender os estudantes".

Órgãos culturais da AAC descontentes com Capital da Cultura

Manifestações pela cultura

O início do próximo mês vai ser marcado pela contestação relativa à falta de resposta por parte da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC) aos projectos que lhe foram apresentados pela academia coimbrã

Tiago Azevedo

Entre os dias 7 e 10 de Abril, nas escadas do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), vai ter lugar a contestação ao desempenho da CCNC, que contará com diversas actividades dos diferentes órgãos da academia.

A realização desta manifestação, organizada pelos órgãos culturais da Associação Académica de Coimbra (AAC), foi a proposta apresentada e aprovada pelos estudantes da Universidade de Coimbra na última Assembleia Magna que decorreu a 13 de Março.

A iniciativa, denominada "Coimbra: uma Cidade, duas Culturas", pretende demonstrar o descontentamento da AAC devido aos projectos dos organismos culturais não terem obtido resposta por parte da capital da cultura. Segundo Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da AAC (DG/AAC), os projectos apresentados "cobriam uma série de áreas culturais, algumas das quais não são focadas na agenda da Capital Nacional da Cultura 2003". Comentando as afirmações do presidente da CCNC, Abílio Hernandez, que referiu a falta de qualidade das propostas apresentadas, Victor Hugo Salgado afirmou ter havido uma "falta de ética e de respeito", dada a ausência de qualquer discussão acerca das actividades que os órgãos da academia pretendiam promover.

Outro dos pontos focados no âmbito cultural pelo presidente da DG/AAC é o facto de a programação da capital da cultura "ocupar quase em pleno a agenda do TAGV", espaço que pertence à Universidade de Coimbra e "que deveria dar prioridade aos acontecimentos académicos".

PUB
Segundas Jornadas de Psicologia e Justiça
Horizontes Paralelos
26 e 27 de março de 2003
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Informações e Inscrições: psiforense_nepce@iol.pt · tel/fax: 239836488
Rua do Colégio Novo, apartado 6153, 3001-802 Coimbra • www.fpce.uc.pt
Organização: NEPCE/AAC
PUB

Magna contra a guerra

Realiza–se hoje, no Teatro Paulo Quintela (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), às 21h30, uma Assembleia Magna (AM), onde a atenção dos estudantes vai estar centrada na actual situação do Iraque. Resultado de uma moção aprovada na última AM, este órgão volta a reunir–se, para discutir formas de contestação à intervenção militar encetada contra o regime iraquiano.

Mini–auditório inaugurado

O novo mini–auditório da Associação Académica de Coimbra, com espaço para sessenta pessoas, foi inaugurado na passada semana. A reabilitação, que permite aos sócios usufruirem de um espaço amplo e em melhores condições, não se realizou com somas avultadas, uma vez que grande parte do material foi reaproveitado e cedido por diversas empresas.

Este novo espaço, que se encontra no primeiro piso da academia, continua a chamar–se mini–auditório Salgado Zenha. A mudança de local possibilitou a ampliação da sala de estudo, que integra, já desde o início deste ano lectivo, o espaço do antigo mini–auditório.

Academia de novo online

No decorrer da semana passada, a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra inaugurou a nova página de internet. Apesar de ainda não se encontrar completa, quem aceder ao site pode encontrar informações acerca da academia, bem como um espaço dedicado a notícias que dizem respeito aos estudantes da Universidade de Coimbra. O endereço é www.aac.uc.pt e o principal objectivo é divulgar a mais antiga associação académica do país.

Símbolo debaixo de olho

A utilização indevida do símbolo da Associação Académica de Coimbra vai ser alvo de uma maior fiscalização. De acordo com Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), é necessário "reivindicar os direitos de exclusividade" de forma a "preservar o património" da academia.

O principal objectivo é inspeccionar e punir os estabelecimentos que fizerem uso do símbolo sem autorização. Segundo Victor Hugo, a DG/AAC "não abdicará de dar início à acção penal em todos os casos que seja necessário". As acções de fiscalização têm início em Coimbra, mas vão estender–se a todo o país.

Assembleia da Universidade e Senado vão hoje a votos

Eleições para os orgãos de gestão


MARILYNE ALVES

Sala do Senado espera novos representantes saídos das eleições que têm hoje lugar em todas as faculdades

Os estudantes da Universidade de Coimbra são hoje chamados às urnas para escolher os seus representantes nos órgãos de governo da universidade

TIAGO AZEVEDO
ALBERTO FERNANDES

Decorrem hoje as eleições para decidir aqueles que, durante os próximos dois anos, vão representar os estudantes no Senado Universitário e na Assembleia da Universidade. A votação põe em confronto as diversas listas que se apresentam em cada uma das oito faculdades da Universidade de Coimbra (UC) e os candidatos são eleitos de acordo com o método proporcional puro. O Senado Universitário e a Assembleia da Universidade são, a par com o reitor, o Conselho Administrativo e o Conselho Social, orgãos responsáveis pela gestão da UC.

É da competência do Senado a fixação das linhas gerais de orientação da universidade, a definição dos planos de desenvolvimento, e a aprovação do relatório anual de actividades. Cabe–lhe igualmente deliberar sobre a criação, suspensão e extinção de cursos, e definir as medidas para o funcionamento das unidades orgânicas e serviços da universidade. Por fim, é também da competência dos senadores pronunciar–se sobre a nomeação dos pró–reitores, exercer o poder disciplinar e fixar o valor das propinas.

Para além dos dois estudantes eleitos em cada faculdade, têm lugar no Senado, por inerência, mais nove estudantes da UC que não são eleitos directamente pela comunidade estudantil. É o caso dos presidentes da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC) e da Mesa da Assembleia Magna, bem como de outros cinco estudantes eleitos para os corpos gerentes da AAC. Os restantes dois estudantes que assumem por inerência o cargo de senador pertencem a um dos Conselhos Directivos e a um dos Conselhos Pedagógicos das faculdades, sendo ambos eleitos pelos respectivos pares.

Do Senado Universitário fazem ainda parte o reitor da universidade, um vice–reitor, os presidentes dos Conselhos Directivo e Científico de cada faculdade, um doutor e um docente não doutorado de cada faculdade, um investigador, um funcionário de cada faculdade, um dos serviços e estabelecimentos na dependência directa do reitor e um dos Serviços de Acção Social da UC.

A Assembleia da Universidade é constituída por professores, docentes não doutorados, estudantes, investigadores e funcionários eleitos. Integra ainda, por inerência, o reitor, os vice–reitores, os pró–reitores, os presidentes dos órgãos de gestão das faculdades, um estudante de cada faculdade designado pela Associação Académica de Coimbra, o administrador ou funcionário administrativo de categoria mais elevada, e ainda o vice–presidente dos serviços sociais. Entre outras funções, cabe a este orgão a revisão dos estatutos da universidade, a eleição e a destituição do reitor.

Direito

SENADO

Lista C: Geraldo Maciel, Adelaide Modesto
Lista D: Hugo Queirós, Vânia Alvarez
Lista X: Isabel Casado, Irina Rodrigues

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeças de lista)

Lista C: Mário Costa
Lista D: João Campos
Lista T: Rita Reis

Medicina

SENADO

Lista F: Vasco Nogueira, Pedro Madureira
Lista V: Licínio Craveiro, Hugo Vieira

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeças de lista)

Lista F: Gustavo Queirós
Lista V: Paulo Catalino

Economia

SENADO

Lista A: José Diogo, Hélder Baptista
Lista C: João Matos, Ana Jacinto
Lista M: Nélson Fraga, João Baía

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeças de lista)

Lista A: Carlos Oliveira
Lista C: Miguel Portela

FCTUC

SENADO

Lista A: Sérgio Sanchez, João Ferreira Santos
Lista O: Daniel Monteiro, Sérgio Reis
Lista Z: Maria Ogando, Paulo Leitão

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeças de lista)

Lista A: Sofia Rajado
Lista O: Lúcia Bilro
Lista Z: Marco Fernandes

Letras

SENADO

Lista U: Bruno Julião, Pedro Simões

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeça de lista)

Lista U: Isabel Cancela

FCDEF

SENADO

Lista A: Loïc Pedras, António Coelho

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeça de lista)

Lista A: Loïc Pedras

FPCE

SENADO

Lista R: Pedro Santos, Ana Pina

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeça de lista)

Lista R: Vasco Gaspar

Farmácia

SENADO

Lista F: José Malta, Hugo Silva

ASSEMBLEIA DA UNIVERSIDADE
(Cabeça de lista)

Lista F: José Peixoto

Recém-licenciados são dos mais afectados

Mais de 3000 desempregados em Coimbra

No último trimestre de 2002, o desemprego atingiu cerca de 331 mil indivíduos no país. Um cenário que reflecte a crise económica e social que o país atravessa e ao qual Coimbra não é alheia

MARGARIDA MATOS
ANA OLIVEIRA

Com a crise económica instalada, os números do desemprego disparam. Os recentes dados estatísticos apontam já para um total de 500 mil desempregados em Portugal. Coimbra não constitui excepção. No distrito existem 13.822 pessoas no desemprego e as últimas informações, de Janeiro de 2003, apontam para 3110 desempregados só no concelho.

Entretanto, a conjuntura económica continua a provocar o encerramento de algumas unidades fabris no concelho de Coimbra. Empresas como a Triunfo,a Fábrica da Cerveja e a Bagir são apenas alguns exemplos de falências na região durante o último trimestre.

Segundo o coordenador da União de Sindicatos de Coimbra (USC), afecta à CGTP, esta situação deve-se ao "estado da indústria das empresas deste distrito". Para António Moreira, as empresas, perante situações reveladoras de dificuldades no pagamento dos salários, de escoamento dos produtos e de incumprimento das obrigações fiscais "deveriam ser logo visitadas por departamentos estatais no sentido de auferir se se trata de uma questão de má gestão ou apenas interesses da falência por questões de especulação imobiliária". O coordenador da USC reconhece que deveriam ser cuidadosamente avaliadas as condições, as qualidades e a aceitação dos seus produtos no mercado para a partir daí se verificar se é ou não necessária a aposta do poder estatal e central em torno destas empresas.

António Moreira demonstra-se assim preocupado com o evoluir da indústria em Coimbra e acrescenta que, mantendo-se o actual panorama, o total de desempregados pode, até final de 2003, atingir "valores incomportáveis".

Quem não concorda com estas afirmações é o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). Para Carlos Encarnação o principal factor responsável por esta conjuntura é a crise económica que Portugal está a viver e que advém da retracção económico-financeira face a expectativas infundadas de crescimento nos anos anteriores, a gastos orçamentais excessivos e à dificuldade de absorção dos jovens licenciados no mercado de trabalho. O presidente da CMC defende como medidas para colmatar este panorama um projecto de criação de núcleos empresariais para a grande e rápida reconversão dos profissionais saídos das falências.

Por sua vez, Fátima Carvalho, presidente do Sindicato dos Têxteis, reitera a actual recessão da economia nacional como motivo primordial, mas acrescenta que há algumas situações de encerramento de indústrias que estão relacionadas com a ausência de uma articulação e de um maior empenhamento entre as políticas de estratégia nacional e o poder local, de forma a evitar as falências. Esta dirigente sindical salienta que apesar do primeiro-ministro português Durão Barroso afirmar que a proposta da alteração do Código do Trabalho vai atrair investidores estrangeiros, tal não se verifica, pois foi no momento da sua aprovação que "empresas como a Bagir, de uma multinacional israelita, e a alemã Scottwool encerraram, numa verdadeira táctica de deslocalização empresarial".



Coimbra não foge à onda de aumento de desemprego

Desemprego académico

Uma vertente em crescimento da problemática do desemprego é a falta de oferta para pessoal altamente qualificado, com elevadas taxas no distrito de Coimbra. Na opinião do presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, a situação dos jovens licenciados é preocupante, uma vez que existem entraves na colocação desta camada no mercado laboral.

Sobre esta temática, Fátima Carvalho, presidente do Sindicato dos Têxteis, defende que "tem que existir uma maior articulação entre universidades, empresários e poder local". Desta forma, quem termina a licenciatura pode pôr em prática os seus conhecimentos e contribuir para a maior riqueza do país. Neste âmbito, a presidente do Sindicato dos Têxteis denota ainda que as taxas de desemprego incidem particularmente no sexo feminino e evidenciam uma discriminação, que, apesar de tudo, tem persistido no emprego mais qualificado.

Promessas por cumprir

Conservatório protesta

O Conservatório de Coimbra está num impasse há 20 anos. Até agora só soluções provisórias foram apresentadas, o que revolta os aspirantes a músicos que praticam a sua arte no Largo da Sé Velha

VÂNIA CORREIA

O Conservatório de Música de Coimbra pugna há anos por melhores condições num espaço próprio, pois sempre ocupou instalações de carácter provisório. Muitas manifestações têm sido levadas a cabo pelos estudantes e responsáveis desta escola de música.

Neste momento, o conservatório encontra-se num edifício no Largo da Sé Velha e no Instituto de Coimbra, na rua da Ilha, que foi cedido pela Universidade em 1997. Esta escola de música alberga cerca de 600 alunos. No entanto, podia aceitar muitos mais se tivesse melhores condições. Em cada ano lectivo a direcção rejeita cerca de 200 alunos.

Os dois edifícios onde funciona o conservatório apresentam más condições: infiltrações nas paredes, problemas de ruído, de climatização, que condicionam o normal funcionamento das aulas.

Os estudantes e os docentes têm protestado contra as condições precárias que enfrentam diariamente. Aproveitando que Coimbra é Capital Nacional da Cultura 2003, os alunos recolheram várias assinaturas que foram ontem entregues à Direcção Regional de Educação do Centro e à Câmara Municipal de Coimbra. Esta última tem revelado interesse neste processo, tendo mesmo prometido ajudar na elaboração do projecto do novo edifício.

Inicialmente, o Conservatório estava destinado para a zona da Solum. Todavia o projecto foi chumbado pelo executivo camarário. Posteriormente, o edifício passaria para o Vale das Flores, junto da Oficina Municipal do Teatro. Mas ainda nada do prometido foi cumprido.

O presidente da Associação de Alunos do Conservatório de Música, João Pedro Martins, afirma com esperança que "o actual executivo prometeu-nos uma mudança provisória até Setembro". Mas, apesar das promessas, relembra que os alunos estão cansados de alternativas provisórias e que aspiram a uma célere solução definitiva, que satisfaça as suas necessidades de melhores condições.

I Festival de Tunas Mistas de Coimbra
4 e 5 de Abril
Jardim da Sereia
8 Badaladas
Quantumna
www.uc.pt/quantumna
PUB

Posição do Governo enfrenta críticas

Guerra contestada

O apoio do Governo português à intervenção militar no Iraque suscitou variadas críticas da sociedade civil e política. A manifestação do passado sábado foi mais um capítulo da contestação à guerra em Portugal

Sara Cardoso
Mário Guerreiro
Diana Ramos

O estalar da guerra no Iraque e o apoio expresso do Governo à intervenção militar anglo–americana levaram a críticas exacerbadas da oposição e de movimentos civis. A manifestação que teve lugar no passado fim–de–semana em Lisboa foi apenas uma das muitas que se têm verficado desde há um mês, com a participação de figuras dos vários quadrantes políticos, embora com uma clara predominância da esquerda, e de personalidades de outras áreas da vida nacional.

De acordo com dados das autoridades policiais e dos organizadores, a manifestação nacional do passado sábado terá reunido entre 35 a 90 mil pessoas. Com início por volta das 15h30 no Marquês de Pombal, em Lisboa, a manifestação onde se ouviram palavras de ordem como "Paz Sim, Guerra Não" foi convocada por 140 organizações e funcionou quase em simultâneo com outras grandes manifestações a favor da paz que tiveram lugar nas principais capitais mundiais.

Na manifestação lisboeta encontravam–se algumas das figuras mais críticas da intervenção militar no Iraque, desde dirigentes dos partidos de esquerda como Ferro Rodrigues, Francisco Louçã, Carlos Carvalhas ou Heloísa Apolónia, passando pelas dezenas de milhares de cidadãos anónimos e por outras personalidades como o euro–deputado Mário Soares e a pianista Maria João Pires.

A manifestação finalizou no Rossio com uma intervenção de Maria João Pires, em que o primeiro–ministro português Durão Barroso foi acusado de ter sido "indecorosamente subserviente" com os EUA, perante os largos milhares de pessoas que assobiavam sempre que os nomes dos principais responsáveis políticos dos países a favor da actual intervenção militar no Iraque eram mencionados.

Apesar da grande manifestação se ter concentrado em Lisboa, o resto do país também recebeu várias manifestações menores contra a guerra. Em Coimbra, cerca de 1500 pessoas gritaram "Não pode ser, esta guerra acontecer". Entre os presentes contavam–se alguns dos vereadores da autarquia, como Jorge Gouveia Monteiro da CDU ou Fausto Correia do PS. A marcar presença estava também um grupo de representantes de um movimento pacifista britânico, o Peace Pledge Union.

Embora as críticas em relação ao apoio do executivo à posição britânica, norte–americana e espanhola sobre a questão iraquiana terem começado a surgir antes, o mês de Fevereiro marcou o início de uma mais efectiva contestação à então eminente intervenção. Assim, no dia 15 de Fevereiro foram convocadas várias manifestações simultâneas nas principais capitais europeias, que se repetiram um pouco por todo o mundo. A manifestação em Lisboa recebeu entre 30 a 90 mil pessoas (à imagem da realizada no sábado passado) e contou com representantes dos movimentos cívicos e sociais contra a guerra, com a participação de alguns partidos da esquerda e com várias dezenas de milhares de manifestantes, entre os quais se podiam identificar Mário Soares, Maria de Lurdes Pintassilgo e Diogo Freitas do Amaral.

No dia 1 de Março, a Aula Magna da Universidade de Lisboa recebeu o comício contra a guerra, que, a par da manifestação do dia 15 de Fevereiro e de sábado, se constitui como a iniciativa mais mediática do movimento social e político contra uma ofensiva militar. O comício teve como alguns dos oradores Freitas do Amaral, Mário Soares, Boaventura de Sousa Santos, entre outros, e contou também com o apoio do aparelho socialista, ao contrário da manifestação de Fevereiro.

Após estas várias iniciativas contra a guerra, as sondagens vieram provar que a população portuguesa é a favor de uma solução pacífica para a questão iraquiana. Segundo o último inquérito, realizado na passada terça e quarta-feira, 46 por cento dos portugueses são contra a intervenção, mesmo com o aval da ONU. Sobre a atitude do Governo português, 48 por cento dos portugueses considera-a negativa, ao passo que cerca de 30 por cento das respostas referem que a posição portuguesa sobre a questão "não é boa nem má".

Governo censurado

Em virtude do apoio prestado pelo Governo à intervenção militar das forças da coligação anglo–saxónica no Iraque, que se traduz no cedência da base das Lajes, os partidos da oposição apresentaram sexta–feira várias moções de censura ao executivo.

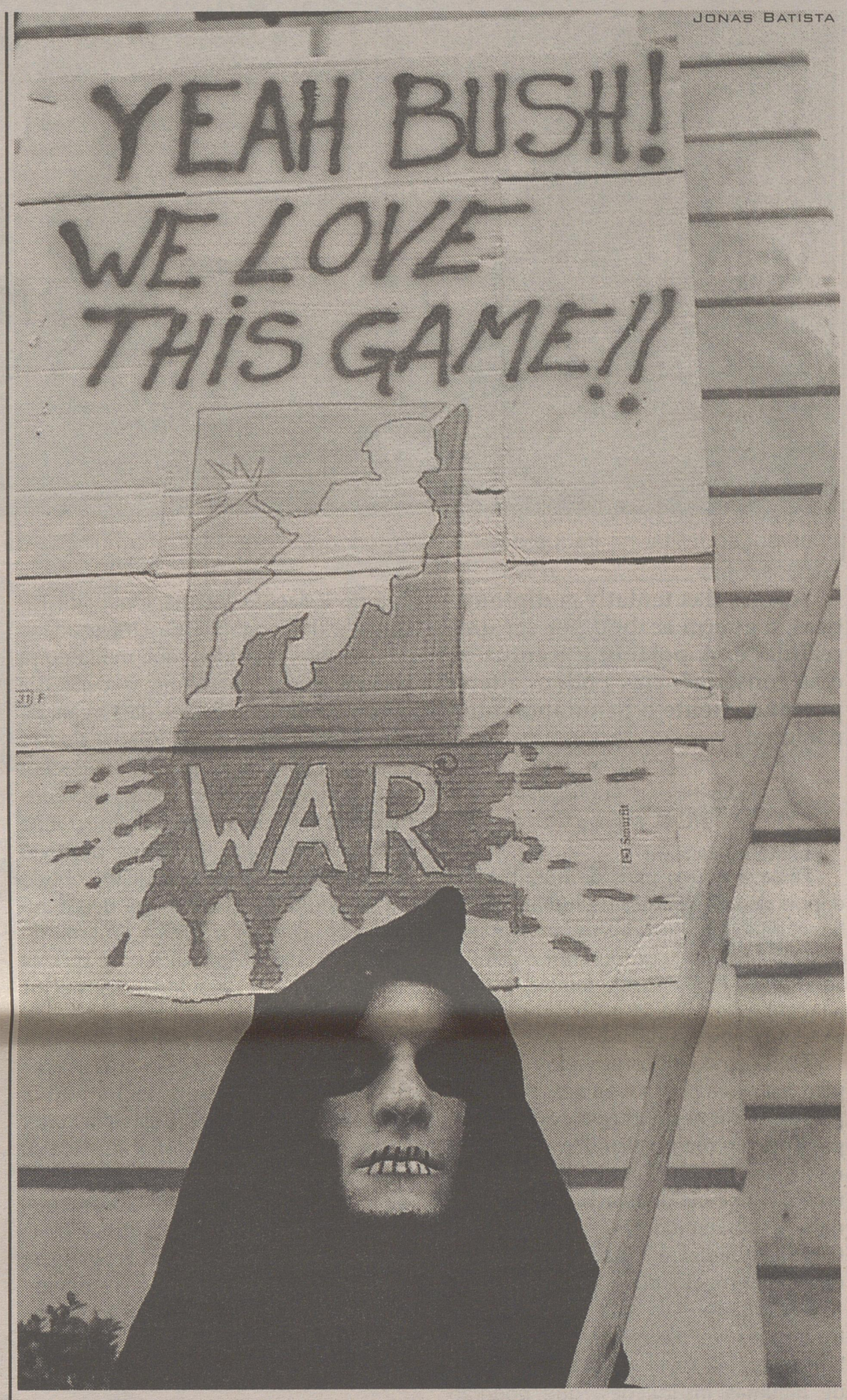
No texto do Bloco de Esquerda pode–se ler que a intervenção militar no Iraque "é à margem das resoluções das Nações Unidas e em flagrante contradição com a sua Carta". Para o Bloco, esta guerra é "injusta, claramente ilegítima e ilegal". O BE considera que a intervenção militar "agrava os problemas humanitários e o sofrimento do povo iraquiano".

Por seu lado, o texto do PCP afirma que a posição portuguesa "é um factor de desprestígio na cena internacional" e que associa o país "a uma guerra cruel e devastadora". O PCP considera também que "esta guerra é ilegítima e visa antes de mais a satisfação de interesses estratégicos da administração Bush quanto ao controle de importantes reservas petrolíferas e a imposição do domínio dos EUA no Médio Oriente".

O PS, por sua vez, refere que a posição do Governo é "um erro e uma precipitação", e que vai inferir negativamente na política externa portuguesa e "na construção europeia".

Já o Partido Ecologista - Os Verdes defende que o Governo associou o país "tristemente" a uma "farsa dos senhores da guerra".

Estes documentos vão ser debatidos e votados amanhã na Assembleia da República, esperando–se que a oposição vote em bloco a favor da sua aprovação, com os votos contra do PSD e do CDS–PP.



Jonas Batista

Governo enfrenta opinião pública pouco favorável à guerra no Iraque

Política externa

Sobre a actuação do Governo, João Cravinho, docente na licenciatura de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) considera que "se fizeram erros graves". Para o docente, "Durão Barroso não acreditou que Portugal pudesse ser um país relevante na constituição de entendimento e na mediação da ordem internacional" e deu "enorme importância" a uma questão secundária "que é a existência do comando da NATO em Oeiras". De acordo com Cravinho, "talvez [Durão Barroso] tenha tido medo" de perder o comando para a Espanha. João Cravinho considera também que o primeiro–ministro português se "deslumbrou pela oportunidade de aparecer debaixo dos holofotes".

Sobre as consequências ao nível da ordem internacional para Portugal, o docente da FEUC afirma que "o país é visto como um dos que não resistiu ao canto da sereia, aos apelos dos EUA, e isso enfraquece a nossa posição europeia".

João Cravinho defende também que existiam "outras opções" que não a tomada pelo Governo: "Podia trabalhar no estreito contacto" com a França e Alemanha e a Espanha e Reino Unido. Para o docente, "Portugal é um dos países que tinha melhor posição para fazer a ponte entre os vários países e abdicou disso". João Cravinho reitera que a posição do Governo "foi um erro".

Ofensiva militar no Iraque coloca em causa


D.R.

Intervenção militar no Iraque pode ser o prenúncio para uma reformulação da ordem internacional

Apesar das tentativas diplomáticas, a guerra acabou por ser uma realidade. A polémica acentua–se e as consequências podem alterar profundamente o panorama internacional

JOÃO PEDRO MARQUES
SÍLVIA MATOS

Passava pouco mais de hora e meia depois de ter expirado o ultimato de 48 horas dado por Bush a Saddam Hussein quando Bagdad acordou com o estrondo e a luz dos mísseis lançados pela aviação americana. A guerra começava com o mundo a assistir pela televisão.

Todos os conflitos armados dão origem a graves consequências, mas este parece reunir as condições para que represente um marco histórico. Desta forma, o ano de 2003 pode representar o final de um ciclo de relações internacionais estabelecido no pós–Segunda Guerra Mundial e instaurar uma nova ordem internacional.

Perspectivam–se alterações relevantes quer a nível das relações entre os Estados, quer a nível do funcionamento de algumas instituições, que poderão vir a fazer parte da lista das 'baixas' ou 'danos colaterais' desta guerra.

João Cravinho, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considera que muita coisa poderá mudar consoante o curso da guerra. O próprio papel da Organização das Nações Unidas (ONU) poderá estar em causa, algo que, para o docente, faz parte dos objectivos da administração americana: "A administração Bush está apostada em retirar prestígio ao Conselho de Segurança (CS) - obtido em grande parte quando este deu a autorização para a primeira Guerra do Golfo em 1991 - e fazer com que as grandes questões da política internacional não passem por um órgão que não controla".

Segundo alguns especialistas, uma outra vítima desta guerra será a NATO. A Aliança Atlântica poderá vir a sofrer alterações com uma vitória americana, ficando assim os EUA em boa posição para reformular o seu funcionamento. Também João Cravinho partilha desta opinião ao considerar que a NATO se pode tornar "cada vez mais instrumental ao serviço da administração americana e não um instrumento multilateral".

As divisões na UE

Mas as consequências desta crise não afectam apenas a ONU e a NATO. Também a União Europeia (UE) se deparou com sérias dificuldades para gerir a questão, devido às divergências internas. A persistência de alguns países, liderados pela França, em não aceitar uma intervenção militar unilateral e a posição do Reino Unido, incondicionalmente ao lado dos EUA, inviabilizaram um consenso europeu, pondo em causa a existência de uma política externa comum da UE. O docente de Relações Internacionais vai mais longe e afirma mesmo que "a UE levará anos a recuperar desta crise. É possível que as atitudes unilateralistas americanas venham a consolidar a ideia de identidade europeia, mas só num periodo superior a três ou quatro anos. Antes disso terão o efeito de fragmentar a UE. E isto corresponde a um objectivo americano".

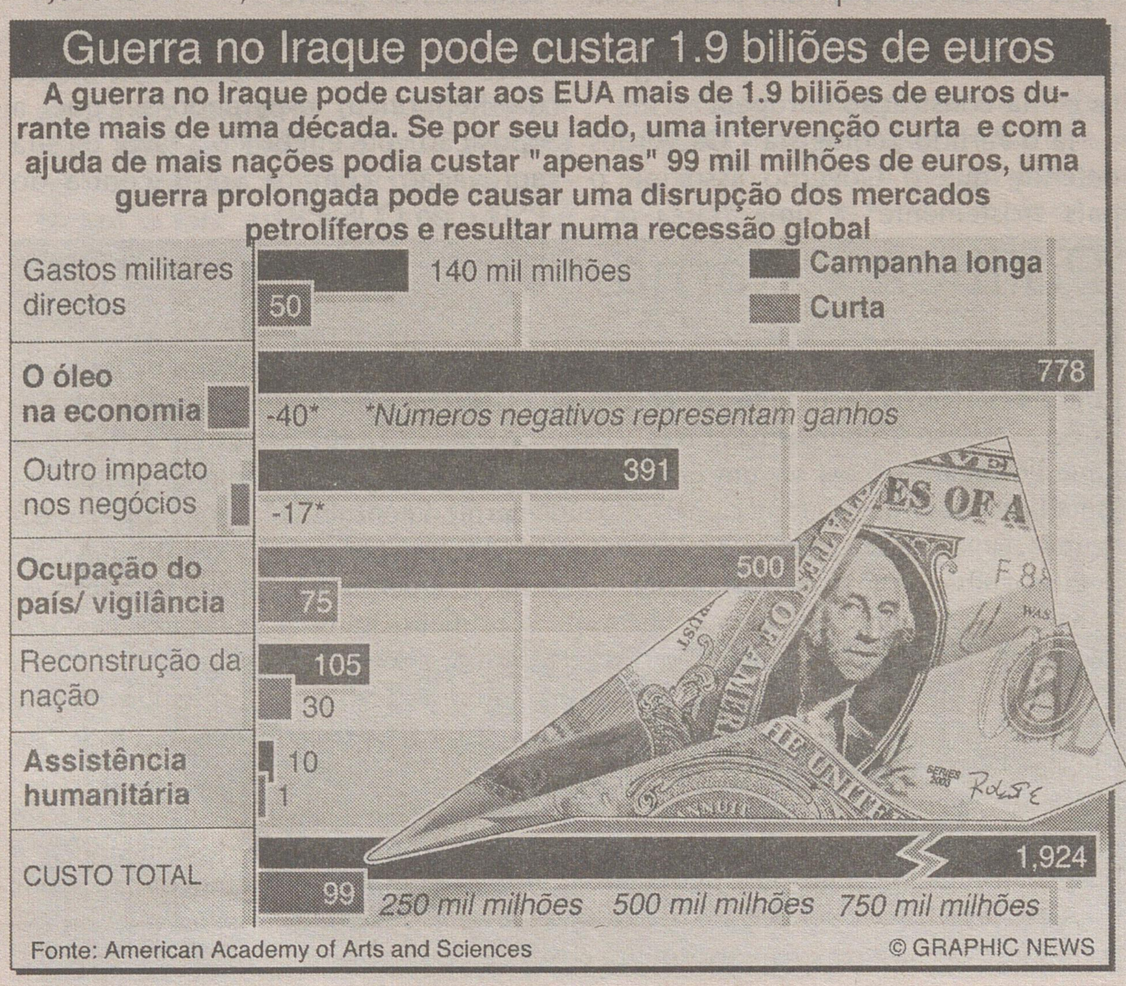
Recorde–se que no passado recente os EUA passaram por duas experiências de isolamento no sistema internacional, nomeadamente a não assinatura do Protocolo de Quioto e a recusa em ratificar o Tribunal Penal Internacional. Na opinião de João Cravinho, a conclusão que extraíram dessas experiências traduz–se em algo como: "Vamos quebrar com essa unidade europeia e vamos levar alguns países connosco para não voltarmos a estar nesta situação".

Estamos assim perante uma super potência que se coloca acima do Direito Internacional. O Major General Pezarat Correia considera curioso "como os EUA se arrogam o direito de, invocando as Resoluções da ONU contra o Iraque, se porem à margem delas, o que representa a mais clara afirmação do chamado Estado imperial, considerando que a legislação é para os outros e não para si próprios".

Este perigoso cenário pode ser sinónimo de uma regressão na ordem internacional construída até agora. João Cravinho considera que a actual situação poderá mesmo dar lugar a uma desordem internacional e que "esse é um dos objectivos da administração Bush. Na lei da selva, quem se governa são os mais fortes e os EUA são os mais fortes". Numa lógica de curto prazo que, segundo o docente, é dominante neste momento na administração americana, "eles consideram que não estão dispostos a pagar uma ordem internacional que beneficia também outros países".

Guerra no Iraque pode custar 1.9 biliões de euros

A guerra no Iraque pode custar aos EUA mais de 1.9 biliões de euros durante mais de uma década. Se por seu lado, uma intervenção curta e com a ajuda de mais nações podia custar "apenas" 99 mil milhões de euros, uma guerra prolongada pode causar uma disrupção dos mercados petrolíferos e resultar numa recessão global



Fonte: American Academy of Arts and Sciences © GRAPHIC NEWS

Caminhada para a intervenção

- 2001 -

11 Setembro- os ataques terroristas contra os EUA, levam a administração Bush a traçar cenários de retaliação. Entre os países alvos encontra–se o Iraque

- 2002 -

30 Janeiro - George W. Bush afirma que o Irão, a Coreia do Norte e o Iraque fazem parte do "eixo do mal" que desenvolve armas de destruição maciça

23 Maio - Bush fala no Parlamento alemão e declara que Saddam deve ser deposto antes que comece a partilhar armas de destruição maciça com grupos terroristas como a Al–Qaeda

12 Setembro - Bush apela à acção da ONU, declarando que o recurso à força será inevitável se o Iraque não cumprir as resoluções da ONU

1 Outubro - ONU e Bagdad chegam a acordo para o retorno dos inspectores ao Iraque

8 Novembro - O CS aprova por unanimidade a resolução 1441, que obriga Saddam a cooperar no processo de desarmamento

7 Dezembro - O Iraque entrega aos inspectores uma declaração sobre o seu armamento, exigida pela resolução 1441

19 Dezembro - EUA declaram que o Iraque está a violar a resolução 1441, devido a omissões na sua declaração de armamento

- 2003 -

15 Janeiro - EUA pedem formalmente a ajuda da NATO no caso de uma operação militar contra o Iraque

30 Janeiro - É assinada uma carta por oito países europeus manifestando apoio aos EUA na questão iraquiana

14 Fevereiro - No segundo relatório apresentado pelos inspectores ao CS, Hans Blix afirma que não foram encontradas armas de destruição maciça no Iraque

14 Março - O CS não consegue votar uma resolução que autorize o uso da força e a administração Bush critica a França por ameaçar usar o veto

16 Março - Realiza–se a Cimeira das Lages, com Bush, Blair, Aznar e Barroso. É anunciado que a janela diplomática se vai fechar dentro de um dia

17 Março - Bush dá 48 horas a Saddam e aos filhos para que abandonem o país

19 Março - O Parlamento iraquiano reúne de emergência para rejeitar o ultimato americano

20 Março - Expira o ultimato dos EUA. As primeiras explosões fazem–se ouvir em Bagdad. Começava a guerra no Golfo

Guerra pode trazer consequências graves para a ONU, UE e NATO

ordem internacional

De aliado a arqui-inimigo em apenas duas décadas



1920: **O actual estado iraquiano é fundado pelos britânicos onde antes se situava a Mesopotâmia**

1932: O Iraque torna-se independente

1958: **Monarquia é derrubada – O Rei *Faisal* é assassinado**

1968: Numa década o partido nacionalista ***Baath Party***, com ***Saddam Hussein*** como líder, toma o poder

1979: **Por via da força Saddam torna-se presidente e executa cerca de 400 opositores**

1980-88: Após a revolução islâmica no Irão, Saddam invade o país. Durante o sangrento confronto de oito anos, os ***EUA,*** a ***Grã-Bretanha,*** a ***França,*** a ***Alemanha*** e a ***União Soviética*** armaram o Iraque num esforço para travar o avanço do fundamentalismo islâmico. Mais de um milhão de iranianos e iraquianos morrem no conflito. **Saddam usa armas químicas contra o Irão e contra curdos no norte do Iraque, matando pelo menos 20.000 pessoas**

1990: Saddam invade o Koweit

1991: Operação Tempestade no Deserto: **Forças da coligação lideradas pelos EUA expulsam as tropas iraquianas do Koweit. O Iraque aceita o cessar-fogo em que se exige o fim de armas de destruição de massas a ser verificado pela ONU**

1998: Inspectores da ONU abandonam o Iraque após Saddam se recusar a cooperar. **Forças britânicas e dos EUA lançam a Operação Raposa do Deserto; quatro dias de bombardeamentos contra alvos militares**

2002: **No seu primeiro discurso do Estado da Nação após o 11 de Setembro, George W. Bush define o Iraque como parte de um "eixo do mal" e apela a uma mudança de regime.** Meses de movimentações militares no Golfo resultam no regresso dos inspectores

2003: **Falhanço dos esforços dos EUA e do Reino Unido para conseguirem o apoio do Conselho de Segurança da ONU para uma guerra contra o Iraque.** Bush ordena a Saddam que enfrente o exílio ou a força



O POVO IRAQUIANO

- População: **24.000.000** (est. 2002) A maioria vive no Sul
- 41 por cento da população abaixo dos 15 anos

Etnias

Religiões

FORÇAS ARMADAS IRAQUIANAS

Exército: Total de pessoal	+ 350.000
Exército regular (divisões)	17
Guarda Republicana (divisões)	6
Tropas	**60-70.000**
Guardas republicanos especiais (brigadas) – peritos em áreas urbanas	4
Tropas	**20-25.000**
Org. Especial de Segurança (tropas)	**1.500**
Principais tanques	2.200-2.600
Tanques M72	**500-700**
Tanques ligeiros	**1.800**
Veículos de transporte blindados	**1.800**
Artilharia móvel	**200**
Artilharia rebocada	**1.500-1.900**

Tanque M-72

Força Aérea: Pessoal	20.000

MiG-21 "Fishbed"

Interceptores e helicópteros Combat de ataque terrestre 200-300
100

Defesa Aérea: Pessoal	17.000
Mísseis terra-ar portáteis	**1.000**
Armas anti-aéreas	**6.000**

◀ **SA-7 "Grail"** Arma anti-aérea de um só tiro
Alcance: ***3.5km***

Mísseis:
Mísseis terra-ar:
SA-2, SA-3, SA-6 400
Mísseis terra-terra:
Al-Samoud 50-60 (prov.)
Mísseis e plataformas SCUD Entre 2 e 20

◀ **SCUD-B**
Ogiva: ***1.000km***
Alcance: ***480km***

◀ **SA-2 "Guideline"** Míssil de duas fases anti-aviação
Ogiva: ***195kg***
Alcance: ***30km***
Altitude: ***25.000m***

◀ **SA-6 "Gainful"** Baterias de mísseis conseguem recolocar-se em 15 minutos
Ogiva: ***195kg***
Alcance: ***25km***

Fontes: International Institute for Strategic Studies, Jane's, Periscope, Center for Strategic and International Studies, GlobalSecurity.org

© GRAPHIC NEWS

Depressão entre os estudantes: um outro

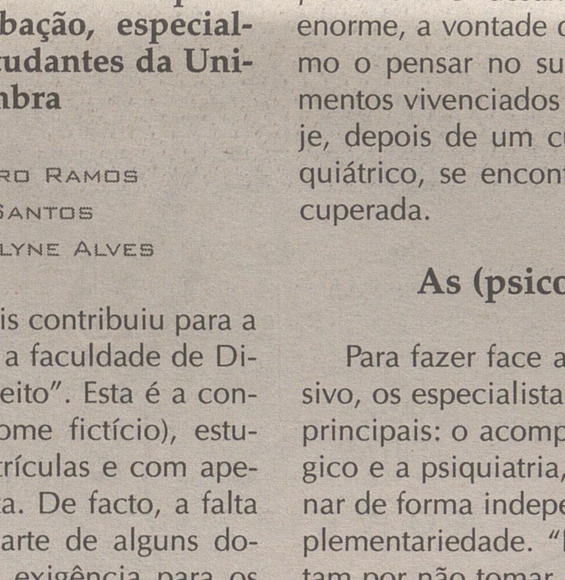


A Associação Americana de Psiquiatria define depressão, no seu último manual diagnóstico, como um distúrbio de natureza bio–psico–social. A tristeza, a falta de motivação, apatia e insónias, o abaixamento do humor e do afecto são alguns sintomas associados a este estado clínico. A CABRA foi ouvir especialistas e pacientes visando desmistificar causas e consequências desta perturbação, especialmente entre os estudantes da Universidade de Coimbra

Texto: Pedro Ramos
Pedro Santos
Fotos: Marilyne Alves

"O factor que mais contribuiu para a minha depressão foi a faculdade de Direito, o curso de Direito". Esta é a conclusão de Maria (nome fictício), estudante com duas matrículas e com apenas uma cadeira feita. De facto, a falta de pedagogia por parte de alguns docentes, os níveis de exigência para os quais os alunos não estão preparados, a ansiedade causada pelos exames e os respectivos resultados que por vezes não reflectem o empenho demonstrado contribuem para um quadro clínico de depressão.

Contudo, "são os problemas pessoais e interpessoais que conduzem muitas vezes aos problemas de estudo", refere Catarina Ressurreição, presidente e coordenadora administrativa da SOS Estudante, uma das organizações que fornecem apoio a estes casos (ver caixa).



Neste sentido, Pedro Bessa, estagiário de Psicologia Clínica nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), realça a tríade negativa presente numa pessoa deprimida: "A falta de esperança no mundo, a falta de esperança no futuro e a falta de esperança em si própria".

Apesar de frequentar a Universidade de Coimbra (UC) há já dois anos, Maria ainda não se sente totalmente integrada. Esta crise agudiza–se sempre que chega a época de exames. No entanto, foi no final do ano lectivo passado que a estudante de Direito entrou num quadro depressivo. *"O desânimo, um desespero* enorme, a vontade de chorar e até mesmo o pensar no suicídio" foram sentimentos vivenciados pela aluna, que hoje, depois de um curto tratamento psiquiátrico, se encontra praticamente recuperada.

As (psico)terapias

Para fazer face a um quadro depressivo, os especialistas apontam duas vias principais: o acompanhamento psicológico e a psiquiatria, que podem funcionar de forma independente ou em complementariedade. "Há pessoas que optam por não tomar medicamentos e outras que recusam falar sobre os problemas", comenta Pedro Bessa.

No que se refere à selecção da terapia, o psicólogo Carlos Lopes Pires é peremptório: "O tratamento psicológico é o mais eficaz e barato".

Quanto às psicoterapias propriamente ditas, podem destacar–se dois grandes modelos. que diferem na operacionalização. O modelo cognitivo–comportamental assenta no pressuposto de que a génese das doenças está na forma como as pessoas percepcionam e interpretam o mundo. Ou seja, "a doença é o resultado de um enviesamento do pensamento, relativamente ao mundo e relativamente a elas próprias", clarifica Pedro Bessa. Por sua vez, o modelo dinâmico, tem as suas origens na teoria psicanalítica de Freud. É um tratamento que habitualmente dura mais tempo, podendo prolongar–se por alguns anos, como no caso da psicanálise. A terapia do divã, como também é conhecida, baseia–se sobretudo numa "ventilação de emoções", com objectivos de profundo auto–conhecimento, para perceber o que poderá ter influenciado a personalidade e o que está na origem do quadro clínico.



"Depois dos exames parece que morri"

Joana (nome fictício) viveu uma situação semelhante à de Maria. Esta estudante da faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCE) afirma que o estado que vivenciou "foi o acumular de várias situações". Proveniente do arquipélago da Madeira, a estudante aponta o final da época de exames como tendo sido "a acendalha para o rastilho começar a arder". Apesar de, durante as avaliações, já se sentir muito cansada por não conseguir dormir mais de uma ou duas horas por dia e se alimentar exclusivamente à base de chocolates e guloseimas, a estudante de Ciências da Educação afirma ter conseguido aguentar graças à "pressão dos exames" e também porque se esforçava por pensar que aquilo "não era nada". Afinal era o início de uma depressão. Joana só o soube quando tomou a iniciativa de se dirigir a um clínico geral dos serviços médicos da UC, que a sujeitou a um tratamento farmacológico. Pouco tempo depois, interrompeu o tratamento por iniciativa própria porque, segundo diz "parecia uma zombie, o meu cérebro só às cinco da tarde é que começava a raciocinar". Contudo, um dia depois, acabaria por desmaiar e foi obrigada a retomar a medicação durante mais três meses. Joana

Uma terapia complementar

De acordo com José Marto, presidente da Associação Portuguesa de Hipnose Clínica e Experimental (APHCE), a hipnose define–se como "um estado modificado da consciência, um estado psicológico no qual a crítica pessoal do indivíduo, ou auto–crítica, está diminuída, levando a que aumente a probabilidade de sucesso das intervenções terapêuticas". Esta técnica permite "aumentar a eficácia das terapias cognitivo–comportamentais e reduz a duração do tratamento", defende o hipnólogo.

O clínico refere ainda que "em relação à depressão, a hipnose clínica nunca pode ser considerada uma terapia alternativa, mas antes um complemento", acrescentando também que "convém nunca esquecer a terapia farmacológica nos doentes depressivos".

A principal vantagem apontada na utilização desta técnica terapêutica é o relaxamento. Enquanto componente essencial na intervenção psicológica no doente, o relaxamento aumenta a consciência das sensações acerca do próprio corpo.

Quando confrontado sobre a divulgação da hipnose, José Marto lamenta o facto de esta "estar a ser usada para gaúdio do público em geral" e de ainda não ser "criteriosamente trabalhada". Lutar contra esta situação é o objectivo da APHCE, que se encontra a elaborar "um código de ética" para os profissionais que praticam hipnose.

Suplemento

Suplemento Especial 25 de Março de 2003 **Responsabilidade:** Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra Produzido pela **Secção de Jornalismo da AAC**
Parte integrante do Nº93 do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Não pode ser distribuído separadamente

Propinas:

Presente, passado e futuro



Numa altura em que se aproximam as alterações às leis que estruturam o ensino superior e em que a discussão pública no país se debruça sobre o sector, os estudantes preparam os primeiros movimentos de contestação contra o prometido aumento das propinas. Entre as principais razões, os estudantes da Universidade de Coimbra justificam–se com a utilização indevida das propinas que, não melhorando a qualidade do ensino, servem para garantir o normal funcionamento das instituições universitárias e politécnicas.

Sendo aprovado numa moção de Assembleia Magna, no dia 13 de Março, este Suplemento, entre análises e explicações, elabora também uma breve resenha histórica sobre o papel das responsabilidades financeiras dos estudantes. Ao longo de quatro páginas, a principal preocupação prende–se com a necessidade de explicar a polémica Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior, com especial incidência na problemática questão das propinas.

Discussão em torno das propinas continua a afastar estudantes e Governo

Onze anos de contestação



arquivo

Depois de sucessivas manifestações de protesto, levadas a cabo pelo movimento estudantil nacional, a problemática das propinas continua longe de estar resolvida. No passado dia 13, os estudantes da Universidade de Coimbra, reunidos em Assembleia Magna, reafirmaram o seu descontentamento para com a Lei de Financiamento do Ensino Superior e prometeram o endurecimento da contestação, que já dura há mais de uma década

A primeira grande discussão estudantil em torno da questão das propinas data de 5 de Maio de 1992. A Assembleia Magna levou a cabo um referendo sobre as propinas que obteve a vitória inequívoca do "não" num universo de cerca de 6000 votantes. No Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), que se realizou no Porto durante a Queima das Fitas desse ano, praticamente todas as associações são contra as propinas. Coimbra é mais que as outras, as privadas são a favor e o grosso das associações prefere negociar com o ministro já com o pensamento posto nas contrapartidas. Depois da Queima, a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) convoca a primeira manifestação, que acaba por ser um fiasco devido às más condições atmosféricas. Depois desta iniciativa falhada em Lisboa (os estudantes mal encheram um autocarro), a DG/AAC acaba por se recusar a encetar mais negociações com o ministério, devido ao pressuposto prévio da aplicação das propinas. Como forma de minimizar os efeitos desta posição, o ministro tenta uma colagem da AAC ao Partido Comunista, manifestando a sua estranheza pela coincidência de posições.

Nesta altura, o Governo defendia que "apenas iriam pagar propinas por inteiro os alunos cujos rendimentos familiares fossem claramente elevados" e sobretudo porque as propinas já não eram actualizadas há 50 anos. O aumento das propinas era apresentado como um factor de justiça social e moralização do ensino, existindo cerca de 40 por cento dos estudantes que iriam ficar isentos. O aumento das receitas seria prioritariamente afecto à política de Acção Social Escolar. Do outro lado, enumeravam–se razões de ordem legal e moral, para além de ser invocado o princípio institucional da tendencial gratuitidade de todos os graus de ensino. A lei da autonomia das universidades previa que competia ao estado garantir às universidades as verbas necessárias ao seu financiamento. Apontava–se também o facto de os números apontados pelo Estado não derivarem de um estudo sério.

Estudantes abandonam Senado

No dia 7 de Outubro do mesmo ano, realizou–se uma reunião do Senado Universitário, em tudo normal até se chegar ao último ponto da ordem de trabalhos: discussão do valor das propinas em Coimbra. Nesta altura, o presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra tomou a palavra para pedir desculpa aos senadores pelo facto de os alunos irem abandonar a sala, como forma de protesto contra a lei que determinava o aumento das propinas e para impedir que o montante a praticar pela universidade pudesse ser discutido. Depois desta tomada de posição, a festa instalou–se no Pátio da Universidade, com actuações de vários grupos académicos, numa manifestação de massas em busca de apenas um objectivo: o fim das propinas.

Mais tarde, nos dias 10 e 11, realizava–se um ENDA polémico na cidade de Faro. Mesmo não constando da ordem de trabalhos, as propinas acabam por ser o ponto principal deste encontro. Depois de um período de discussão mais acesa, em que um estudante do Minho comete o erro de referir as "contrapartidas" que poderiam vir de uma negociação com o Governo, quatro das associações presentes abandonam a sala, declarando que recusavam colaborar com o que consideravam ser uma farsa.

No final do mês de Dezembro de 1993, o Tribunal Constitucional proferiu uma decisão acerca da validade da Lei nº 20/92, de 14/08, mais conhecida por "lei das propinas". 24 horas depois da leitura do acórdão que declarava a conformidade do essencial da lei com a Constituição, o Presidente da República vetava o decreto–lei de regulamentação e a alteração da lei 20/92. Esta decisão acabou por conduzir a um nítido retomar do debate.

O Conselho Nacional de Educação mostra–se bastante céptico em relação às alterações em discussão, tendo o seu presidente anunciado a preparação de um trabalho de fundo sobre as políticas de financiamento do ensino superior.

Estudante elegível

Depois de vários anos, a polémica das propinas volta a marcar a agenda da academia de Coimbra. No final do ano lectivo de 96/97 o conceito de "estudante elegível" é aprovado, englobado na proposta da lei de financiamento do governo, lançando o fantasma da exclusão administrativa de cerca de quatro mil estudantes, um quinto dos que frequentavam o ensino superior público. Os líderes associativos viram esta proposta de lei como um mecanismo elitizante do ensino superior e como "um escândalo que não pode passar em branco". No final deste ano lectivo, a 11 de Dezembro, a contestação sobe de tom, com a realização de uma manifestação em frente ao Governo Civil que conta com a presença de 5000 estudantes. Dando sequência a uma deliberação de Assembleia Magna, os estudantes encerraram, na madrugada de 13 de Janeiro, as portas de todas as faculdades e departamentos. A adesão dos estudantes a esta greve geral foi quase total.

A 25 de Março de 1998, cerca de 3500 estudantes universitários de Coimbra manifestavam–se em Lisboa, frente à Assembleia da República, com mais 6500 de outras instituições de ensino nacionais, numa gigantesca expressão do seu desagrado.

Regulamento aprovado

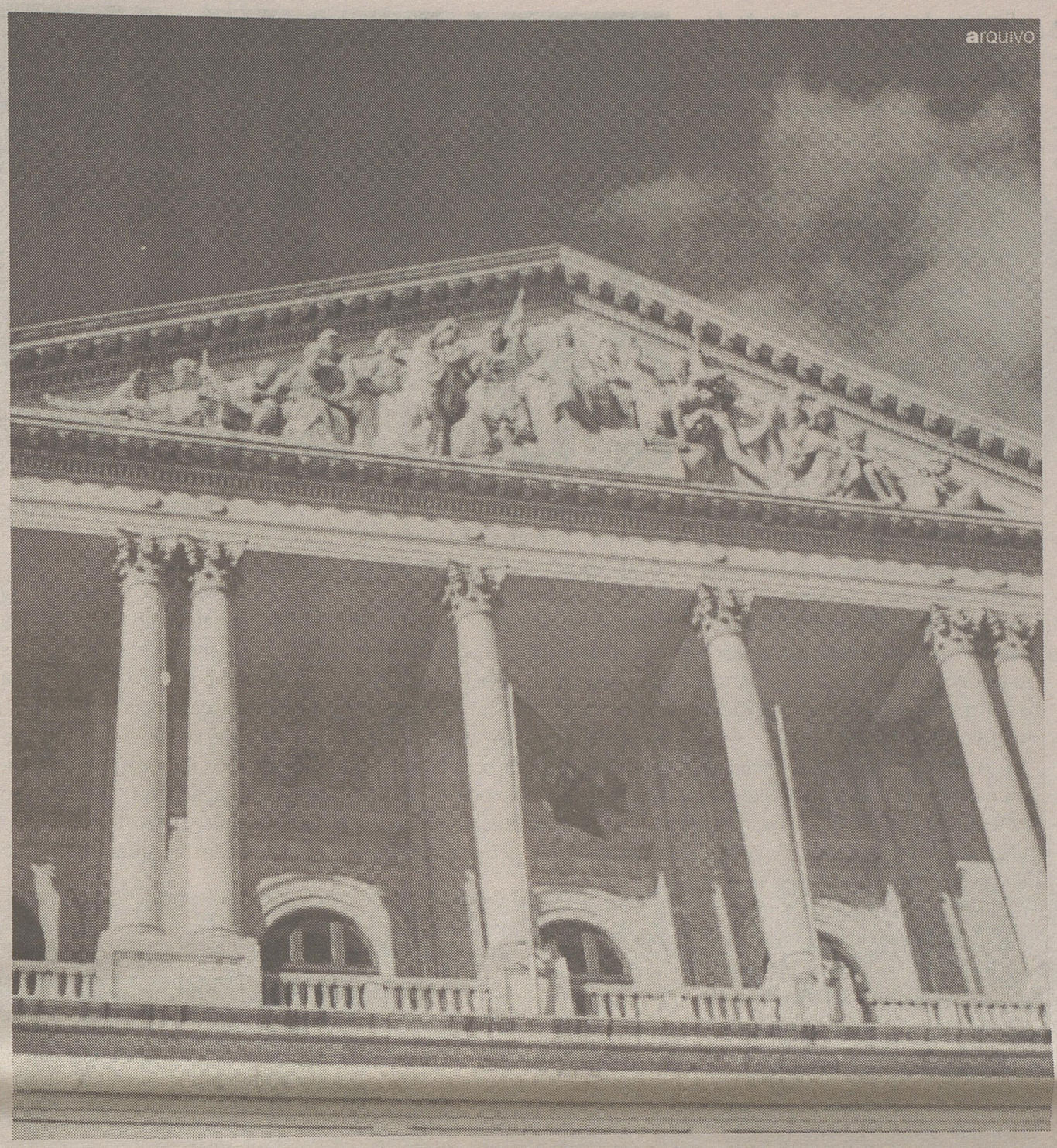
Depois de várias e atribuladas reuniões, o Senado Universitário aprova em 1998 o regulamento das propinas a ser aplicado, com 27 votos a favor, 16 contra e uma abstenção. Seis dias depois a resposta dos estudantes faz–se ouvir, através da realização de uma greve geral de dois dias que contou com uma adesão de cerca de 90 por cento.

No mês de Julho, a versão final da lei de financiamento do ensino superior é discutida e aprovada na especialidade em São Bento. Depois destas alterações, o valor da bolsa mínima deixa de ser suficiente para pagar as propinas, facto que provoca o descontentamento dos estudantes.

A Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior em análise

Lei da discórdia

O Estado português instituiu na Lei nº 113/97, de 16 de Setembro, o actual regime em vigor que define as bases do financiamento do ensino superior público e das propinas. Desde logo os estudantes pediram a sua revogação, alegando que são os únicos a cumprir com a obrigação das propinas, enquanto o estado desinveste no ensino superior


arquivo

O artigo 2º da Lei 113/97 enumera os objectivos do financiamento do ensino superior público, que funcionam como metas a atingir através da actuação do Estado. Um dos objectivos que a lei de bases visa alcançar é o assegurar do cumprimento das prioridades nacionais em matéria de política educativa definidas para o subsistema público, bem como garantir às instituições de ensino superior o apoio necessário ao exercício das atribuições de ensino e da investigação.

A promoção da adequação entre entre o nível de financiamento concedido e os planos de desenvolvimento das instituições, bem como a concretização do direito à igualdade de oportunidades de acesso, frequência e sucesso escolar, pela superação de desigualdades económicas, socias e culturais são outras das finalidades da Lei 113/97.

Principios...

O artigo 5º do diploma estabelece três orientações dominantes do Estado, na sua relação com as instituições de ensino superior. Em primeiro lugar, o estado orienta–se predominantemente no sentido de suportar os custos de funcionamento de cada uma das instituições do ensino superior, através de dotações calculadas de harmonia com a fórmula referida no artigo 6º, a qual inclui parâmetros de qualidade. Seguidamente, o Estado guia–se, ainda nos termos do artigo 5º, no sentido de assegurar a criação de condições físicas e materiais compatíveis com as exigências das actividades de ensino, investigação e prestação de serviços que lhes incumbam e em proporcionar estímulos ao incremento da qualidade dos serviços prestadas e das funções desempenhadas.

Fórmula

O artigo 6º da lei de bases, o legislador estabelece o que chamou "regime normal de financiamento", prevendo aí uma fórmula de cálculo do orçamento de funcionamento de cada instituição de ensino superior, indicando alguns dos seus termos, sem no entanto a enunciar matematicamente. Porém, se alguns desses termos são determináveis, como sejam, o orçamento padrão e os custos padrão, tais factos não são a fórmula, mas apenas elementos ou factores dessa fórmula. Em parte alguma da lei de bases se fica a saber quais os termos completos e quais as operações, se de multiplicar, somar, subtrair ou dividir, da fórmula. É ainda referido no artigo em análise que a fórmula terá também em atenção indicadores e padrões de qualidade equitativamente definidos para o universo de todas as instituições. De entre os padrões e indicadores de qualidade a lei considera, a titulo meramente exemplificativo, uma série de rácios. A lei 113/97 não define concretamente o resultado da operação de cada uma das rácios para que se possa afirmar que os mesmos representam padrões ou indicadores de qualidade. Aliás, o padrão e o indicador de qualidade não são o mesmo, pois, enquanto um padrão será uma bitola ou medida pela qual se pode aferir ou medir o nível de qualidade de determinada coisa em relação a essa bitola ou medida, um indicador será apenas um meio pelo qual se poderá aferir que determinada coisa é passível ou não de qualidade.

Desconhecendo–se os termos e operações da fórmula, não se sabe se tal fórmula concorre ou não para ajustar a situação real de cada instituição à prevista no orçamento padrão, ou seja, às necessidades financeiras de cada instituição de ensino superior para o seu funcionamento normal. A lei de bases é assim uma lei carecida de desenvolvimento pelo Governo, e até à data, volvidos mais de três anos sobre a publicação da lei, não se sabe que rácios, nem que padrões, nem que indicadores de qualidade foram equitativamente definidos, nem, no caso de terem sido definidos, por que entidade o foram.

A fórmula prevista no art.º 6.º da lei de bases é, neste momento, um comando esvaziado de conteúdo, apenas se ficando a saber que existe ou deverá existir uma fórmula para o regime normal de financiamento do ensino superior, mas não legalmente, em forma de diploma legal, qual o enunciado concreto dessa fórmula.

Propinas

A lei de bases considera que as propinas são receitas próprias das universidades e que são uma comparticipação dos estudantes nos custos do ensino e que devem ser aplicadas ou reverter para o acréscimo de qualidade no sistema, o Estado, ao arrepio da Lei, dispõe claramente naquele documento que as receitas provenientes das propinas integram o orçamento de funcionamento base das instituições de ensino superior público.

O destino das propinas arrecadadas pelas instituições de ensino superior devem destinar–se ou reverter, apenas, para o acréscimo de qualidade no sistema, nos termos do nº 3 do artigo 13º da lei da discórdia. Aqui a lei de bases não define o que seja " acréscimo de qualidade ", nem este está definido em qualquer outro diploma legal, nem define o que se deva entender por sistema. Por acréscimo de qualidade, deverá entender–se que possa ser o que não seja mero funcionamento normal das instituições. Uma vez que o dinheiro proveniente das propinas está a ser integrado nos orçamentos de funcionamento das Universidades, tal dinheiro não está, como deveria, a ser aplicado no acréscimo de qualidade no sistema. Mesmo que se considere que o financiamento do funcionamento normal de qualquer instituição do ensino superior público, já inclui parâmetros de qualidade, a verdade é que o dinheiro proveniente das propinas deve ser aplicado, exclusivamente, no acréscimo de mais qualidade ao sistema e não no seu funcionamento normal. É assim, que, apesar de consagrado na lei de bases que compete ao Estado suportar os custos de funcionamento das instituições de ensino superior público, a verdade é que o dinheiro proveniente das propinas vem sendo utilizado para fazer face ao funcionamento normal destas instituições.

Artigos a reter:

Artigo 13º.

1 - Aos estudantes, as instituições de ensino superior prestam um serviço de ensino que deve ser qualitativamente exigente e ajustado aos objectivos que determinaram a sua procura.
2 - São nestes termos proporcionados aos estudantes benefícios de ordem individual materializáveis numa futura melhor inserção na vida activa, devendo esta circunstância ter como contrapartida uma comparticipação nos custos do ensino.
3 - Não havendo lugar a uma desresponsabilização do Estado, porquanto se assume inteiramente o princípio da sua indeclinável responsabilidade financeira, deverão as verbas resultantes da comparticipação nos custos por parte dos estudantes reverter para o acréscimo de qualidade no sistema.

Artigo 14º.

Propinas
1 - A comparticipação a que se refere o artigo anterior consiste no pagamento pelos estudantes às instituições onde estão matriculados de uma taxa de frequência uniforme, designada por propina.
2 - A propina é independente do nível sócio–económico do estudante e do estabelecimento e curso por ele frequentado, sendo o seu montante anual igual ao valor mensal do salário mínimo nacional vigente no início do ano lectivo, sem prejuízo do disposto no número seguinte.
3 - A propina a que se refere o número anterior nunca poderá ser superior ao valor da fixada no nº. 2 do artigo 1º. Da tabela anexa ao Decreto–Lei nº. 31 658, de 21 de Novembro de 1941, actualizada, para o ano civil anterior, através da aplicação do índice de preços no consumidor do Instituto Nacional de Estatística.
4 - Nas pós–graduações são devidas propinas, de montante a fixar pelas próprias instituições, em termos que, acrescido da parte correspondente ao co–financiamento do Estado, não ultrapassem significativamente o custo reconhecido.
5 - As propinas constituem receitas próprias das respectivas instituições.

Propinas não são a solução para o ensino superior

Financiamento através das famílias

No actual panorama do ensino superior, as propinas têm cada vez mais um papel importante no financiamento às instituições do ensino superior. Numa altura em que se admite o aumento da contribuição das famílias portuguesas, os estudantes preparam–se para defender os seus direitos

A Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), a par dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC), pretende encetar um período de contestação às alterações que sejam negativas para os estudantes, manifestando, principalmente, o desagrado pelo aumento das propinas. Segundo os estudantes, o ensino superior não pode ser encarado como uma prestação de serviços, mas sim como um investimento para o futuro do país. Considerando o financiamento às instituições o pilar fundamental do ensino superior, os estudantes criticam a utilização das propinas como garante do funcionamento das universidades portuguesas. De acordo com a população estudantil universitária, o uso indevido das contribuições familiares favorece uma crescente desresponsabilização por parte do Governo que, desta forma, se aproveita para diminuir, progressivamente, a verba prevista para cada instituição. Na onda de protestos, acusam o Estado de não cumprir a Lei de Financiamento no que toca ao orçamento transferido e ao investimento nas instituições, afirmando que são os únicos a cumprir a legislação, através do pagamento das propinas.

Ao contrário do previsto na legislação, as propinas servem, a par do orçamento transferido para cada universidade e politécnico, para garantir o funcionamento das instituições. Inicialmente, a inclusão de propinas seria uma forma de melhorar e incrementar a qualidade do sistema educativo. No entanto, com o desenrolar dos anos, o valor estabelecido como o "ideal" para as instituições, denominado de Orçamento Padrão (OP), tem vindo a regredir. O plano de convergência orçamental previa que o OP fosse atingido em 1998, mas a realidade é que o valor designado para a UC em 2003 está fixado em 83 por cento do orçamento considerado necessário para o funcionamento da instituição.

Perpectivando a indevida utilização das receitas próprias das instituições, os estudantes relembram, por diversas vezes, a Constituição da República Portuguesa onde se refere a gratuitidade de todos os graus de ensino. No entendimento dos alunos, o Estado deve financiar e garantir a qualidade das instituições, possibilitando a generalização do sistema do ensino superior. O financiamento deve pois, segundo os estudantes do superior, ser exclusivamente feito pelo Governo, lutando contra a ideia do aumento das propinas.

Propinas devem aumentar

Em Dezembro passado, o ministro da Ciência e do Ensino Superior admitiu que os estabelecimentos do ensino superior precisavam de ver as suas receitas próprias aumentadas. A revisão do valor actual das propinas e o seu consequente aumento é uma das hipóteses mais imediatas e também aquela que afecta mais directamente os estudantes. Já este ano, o primeiro–ministro Durão Barroso afirmou que as propinas iriam realmente aumentar.

A actual forma de financiamento decorre directamente da autonomia financeira das instituições do ensino superior. Na altura da criação da Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior, a economia atravessava um período favorável. Com a actual situação económica nacional, a decisão de aumento das propinas apresenta–se como uma possível solução, num ensino superior em que o ministro da tutela admite que o Orçamento de Estado já não chega.

As propinas pagas pelos alunos representam sete por cento do orçamento das instituições do ensino superior. Com a alteração da lei, os cerca de 348 euros anuais pagos pelos alunos do superior, que correspondem ao salário mínimo nacional, devem aumentar, embora ainda não se saiba com certeza a articulação que irá ou não existir com o montante que representa o salário mínimo nacional.

Uma das propostas para colmatar as carências das instituições apresentadas no livro "Ensino Superior: Uma Visão para a Próxima Década", da autoria de Veiga Simão, Machado dos Santos e Almeida Costa, é a criação de "uma propina progressiva, ligada ao desempenho escolar do estudante". O livro defende um futuro modelo de financiamento das universidades e politécnicos nacionais, que apresente "um razoável grau de consensualização". Para os autores do livro, que funciona como um ponto de partida para as propostas da tutela, "o crescimento explosivo do ensino superior e a multiplicidade de tarefas a que as instituições de ensino são chamadas, são incompatíveis com o financiamento do sistema exclusivamente a partir do Orçamento do Estado". Uma das hipóteses passa pela criação de "uma propina progressiva, ligada ao desempenho escolar do estudante". Assim, apesar de no livro de Veiga Simão os autores reconhecerem que o Estado tem a "responsabilidade inalienável" de garantir o direito à educação, e que as famílias desembolsam já elevados montantes com a educação, o actual estado da economia nacional e das instituições de ensino impõe que novas receitas sejam encontradas. Uma das soluções, para os autores do estudo que funciona como base da propostas da tutela, passa pela prestação de serviços a empresas e outras entidades. Outra das soluções mencionada é a da "participação dos estudantes ou das famílias nos custos da formação". O estudo ressalva, no entanto, que para estas medidas seram postas em prática é preciso "um sistema eficaz de acção social".

Sobre a possibilidade da implementação de uma propina progressiva, ligada ao desempenho do estudante, Pedro Lynce declarou aquando da apresentação do estudo da autoria de Veiga Simão: "Não me repugna nada essa ideia". No entanto, um eventual aumento das propinas teria de respeitar certa medidas. Em Portugal existe uma restrição constitucional em relação ao montante das propinas: um acórdão de 1994 do Tribunal Constitucional estipula que o valor das propinas pagas não pode ir além dos 25 por cento do custo real do ensino por cada aluno.





Dificuldades de adaptação e insucesso escolar causam vítimas

lado da vida universitária

só recentemente, quando já se sentia melhor, comunicou aos pais o que tinha ocorrido.

A fobia da grande cidade

Ana Paula, estagiária de Psicologia Clínica, explica a importância do factor da mudança. Diz–nos que "as pessoas vivenciam de forma diferente" as experiências que constroem a personalidade ao longo da vida. Nesta construção o papel dos pais é essencial. Quando vêm estudar para a universidade, "desaparece essa rede social de apoio", o que leva em certos casos a alguns distúrbios.

No caso de Filipa (nome fictício), a principal razão que a levou a contrair uma depressão foi precisamente "o impacto da adaptação a uma grande cidade". No primeiro ano do ensino superior entrou em Coimbra mas, porque o curso de Animação Educativa não correspondeu às expectativas, transferiu–se para o curso de Sociologia na Universidade Aberta em Lisboa. Esta estudante confessou ter sido "muito complicada" a sua adaptação à Lusa Atenas. O facto de a cidade ser "muito grande e não conhecer ninguém" fez com que andasse "sempre completamente sozinha" e desorientada.

Filipa, para tentar remediar o seu estado depressivo, acabou por recorrer a um psicólogo, tendo, por outro lado, sido sujeita a um tratamento farmacológico durante cerca de seis meses.

Direito e Medicina deprimem mais

Catarina Ressureição do SOS Estudante aponta o curso de Direito "como um curso onde há menos acompanhamento". Apesar de realçar o facto de desconhecer estudos científicos neste sentido, afirma que "as pessoas são atiradas aos leões".

Por seu turno, Carlos Pires, o psicólogo e autor do livro "A Depressão não é uma doença", não hesita em apontar Medicina e Direito como os cursos onde há uma maior incidência de casos de depressão.

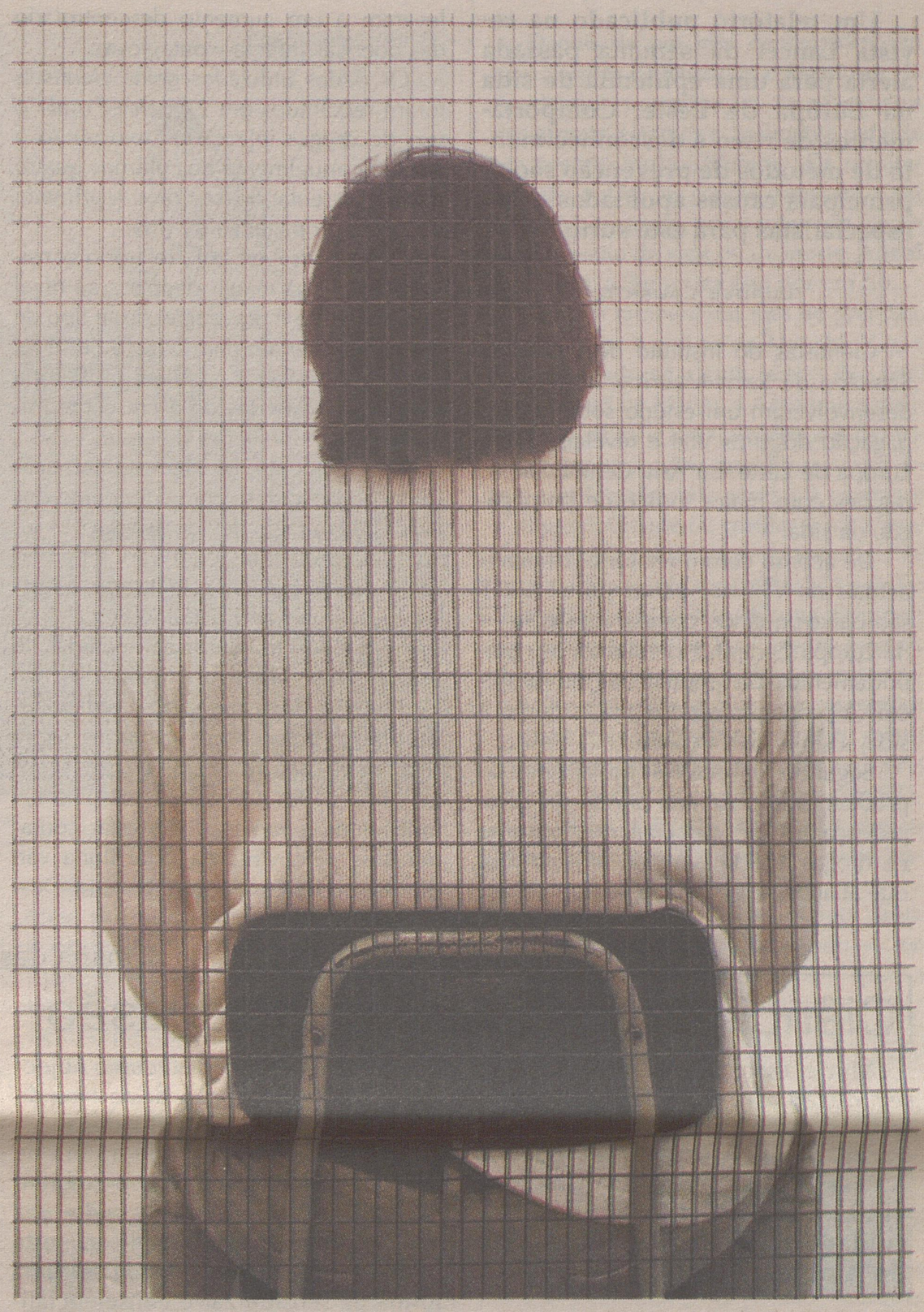
Já Ana Paula afirma não saber se se trata "de coincidência ou não", mas refere que "são os estudantes de Medicina e Direito quem mais recorre à ajuda". A existência de vários "problemas na faculdade de Direito relacionados com a exigência do próprio curso são do conhecimento público", afirma. Em relação aos estudantes de Medicina, a estagiária de psicologia clínica refere o facto destes terem tido, durante todo o seu percurso educativo, "uma realização muito alta", com notas "de 18 e 19" e quando chegam a medicina "se tiram um 15 ou 14" é um "fracasso autêntico". Isto, associado "à exigência do próprio curso" são os principais motivos que levam estes estudantes a ficarem deprimidos.

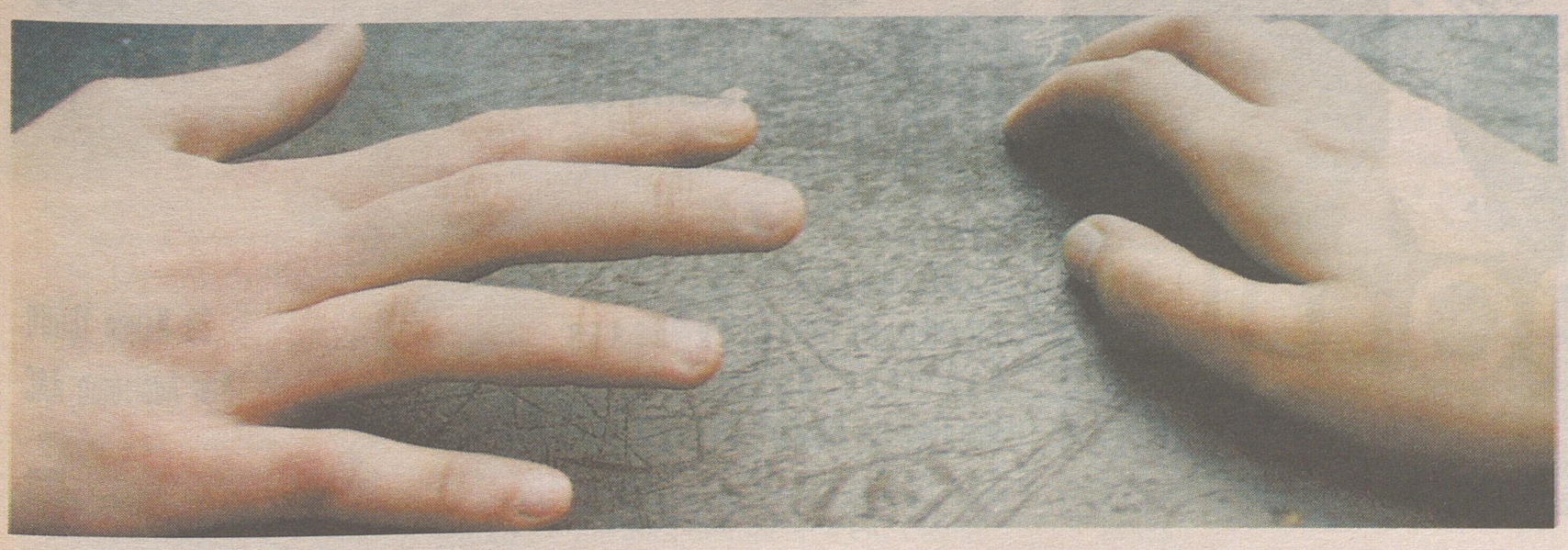
"O esforço não é premiado"

Maria acusa o sistema da FDUC de ser uma causa para a depressão. A estudante refere ter "muitas críticas a apontar". Entre aquelas que considera mais relevantes, denuncia a competição entre os colegas "que não é nada saudável", a ausência de um relacionamento "mais pessoal" entre professores e estudantes e a "grande discrepância" entre o trabalho que os alunos fazem e os resultados obtidos. Ainda no mesmo tom de revolta, Maria considera que "os métodos que os professores usam não são os mais correctos". E concretiza, reivindicando "um ensino mais prático, com mais acção" e defendendo avaliações onde as "perguntas deveriam ser mais claras e adequadas". Diz ainda não acreditar que em 400 alunos que façam um determinado exame, "cerca de 300 e tal" reprovem por "serem burros ou por não se terem esforçado". Para finalizar, Maria afirma conhecer inclusive vários colegas que "tiveram que pedir transferência" para outras universidades, "porque não aguentavam mais esta situação depressiva".

"Experimentar a universidade"

Para Daniel Rijo, docente da FPCE, "o ingresso numa licenciatura resulta, não raramente, em vivências de fracasso e insatisfação" que podem culminar numa depressão. O psicólogo aponta duas alternativas: a primeira é a de um "maior investimento e esforço" que, contudo, fechará "cada vez mais o indivíduo em si, dificultando o convívio social, a aproximação ao outro e escravizando o estudante"; a segunda passa por "uma vivência da universidade de forma mais plena". Segundo o docente da FPCE deve–se "dizer sim ao trabalho intelectual e ao investimento em tarefas académicas", mas sempre a "par com a experimentação do outro e a exploração das inúmeras potencialidades" do estudante enquanto humano. Ainda no entender de Daniel Rijo, "podemos encontrar universitários deprimidos que vivem o isolamento, que não toleraram nem souberam rentabilizar o afastamento do seu meio familiar e social de origem e que se decepcionaram com a realidade do quotidiano universitário". Mas, de uma forma geral, encontramos deprimidos aqueles estudantes que "chegam para triunfar, para manter uma determinada bitola nos resultados escolares e se dão conta que já não ficam facilmente em primeiro lugar no ranking das notas" e que mesmo que se esforcem e estudem muito, os resultados ficam aquém dos esperados. Daniel Rijo conclui que "triunfamos porque somos queridos por alguém, porque somos importantes para alguns outros, porque recebemos dos outros e damos de nós".





Locais de ajuda

- SOS ESTUDANTE
Número Azul- 808 200 204
Custo de uma chamada local
Todos os dias inclusive fins de semana
Das 20.00h à 01.00h
E- mail- SOS–estudante@mail.pt
Ap. 1063-3000 Coimbra

- GASP/ SASUC
Consulta de Psicologia
Serviços Médicos Universitários
Telef- 239855950/1/2/3/7/8/ ou 9
Rua Venâncio Rodrigues n º2
Das 9.00h às 12.30h e das 13.00h às 19.00h
Todos os dias úteis
E- mail: gaspsasuc@mail.telepac.pt

- CEIP/ FCTUC
Dirigido especialmente a estudantes da FCTUC
Largo D. Dinis Colégio de S. Jerónimo
Telef. 239 821 121
E–mail:_ceip@fc.uc.pt
Das 9.00h às 17.30h
Todos os dias úteis

- ADMD
Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Maníaco–Depressivos
Rua Central da Mesura, 82
Santa Clara 3040-197 Coimbra
Horário- 10.00h às 18.00h
Telef. 239812574

CIÊNCIA

Estudo aponta leste europeu como área problemática

Epidemia de sida a Leste

Um relatório publicado na revista Lancet da semana passada alerta para uma epidemia de sida na Europa de Leste. Comportamentos de risco e desconhecimento de métodos de prevenção são as principais causas apontadas pelos especialistas para este surto

Lurdes Lagarto

Cientistas do Instituto de Vigilância Sanitária de Saint–Maurice, em França, desenvolveram um estudo sobre a propagação do virus VIH e revelam que a Europa de Leste e a Ásia Central são as regiões com maior índice de propagação da sida.

De acordo com o relatório, os níveis actuais de VIH nos países da ex–URSS são baixos quando comparados com os da Europa Central. No entanto, os comportamentos da população são propícios à propagação de doenças como a sida, a sífilis ou a hepatite.

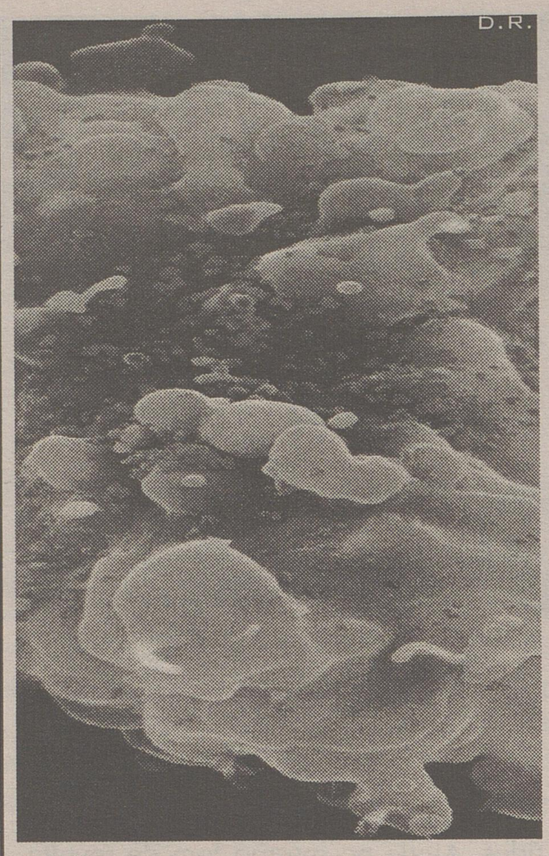
Segundo os autores do estudo, os problemas sociais dos países de Leste provocaram um aumento do consumo de drogas injectáveis e da prostituição, que aliados, à ignorância da população, levaram a um aumento descontrolado das doenças infecto–contagiosas.

Os dados utilizados pelos cientistas foram recolhidos em 27 países, onde o uso de drogas injectáveis tem vindo a duplicar anualmente nos últimos quatro anos, apresentando–se como a primeira causa de propagação da sida.

Os responsáveis pelo relatório consideram necessário agir depressa ao nível do tratamento e prevenção deste tipo de doenças e alertam para o facto deste fenómeno ir afectar também a Europa Central e Oeste devido à crescente migração das populações de Leste.

Recentemente, os médicos começaram a preocupar–se com o aumento dos casos de contágio devido às relações sexuais desprotegidas com vários parceiros. Preocupada com este flagelo, a Rússia investiu no ano passado cerca de 4 milhões e 450 mil euros em medidas de prevenção e tratamento da sida.

Também um estudo recente da UNICEF lança perspectivas sombrias sobre esta região, ao prever que em 2010 entre cinco a oito milhões de russos e 1,5 milhões de ucranianos vão estar contaminados pelo virus da sida. Ilona van der Braak, da Fundação Sida Este–Oeste, em Moscovo, acredita que dentro de dez anos as pessoas vão começar a morrer em massa e, entretanto, é preciso evitar que a epidemia não assuma proporções ainda maiores.


D.R.

Pormenor do VIH

A guerra na internet

Os mais recentes avanços tecnológicos na área da comunicação estão a ser utilizados na cobertura jornalística da guerra do Iraque, possibilitando ver e ouvir os bombardeamentos em directo na internet.

Se na Segunda Guerra Mundial a rádio teve um papel importante, na do Vietname foi a vez da televisão e na do Golfo da televisão por satélite. Na actual guerra é a internet que tem uma função de relevo na transmissão da informação, uma vez que permite enviar imagem, texto e som passíveis de serem tratados em televisão e online.

Para além da internet, também os telefones via satélite estão a ter destaque nesta operação, pois são o meio a que se recorre quando as linhas de suporte às telecomunicações são cortadas pelos bombardeamentos. Para além disso, estes aparelhos são facilmente transportados e pouco dispendiosos.

No entanto, estes telefones podem vir a ser responsáveis pelo abate de alvos civis, caso os sistemas norte–americanos de intercepção de sinais não consigam distinguir um sinal inimigo de um civil. As possibilidades de ocorrer um erro são consideraveis, uma vez que se encontram em Bagdad cerca de 300 jornalistas estrangeiros e todos eles utilizam este tipo de dispositivo.

I Semana das Ciências do Mar e do Ambiente

Ciências marinhas em discussão

Mar e ambiente são os temas a ser desenvolvidos durante uma semana na Universidade do Algarve. O evento tem por base a investigação científica que tem vindo a ser levada a cabo na faculdade das Ciências do Mar e do Ambiente desta instituição.

Leila Campos
Rogério Ramos

A Universidade do Algarve (UAlg) vai receber a I Semana das Ciências do Mar e do Ambiente (SCMA), a começar no próximo domingo, uma iniciativa a cargo da faculdade das Ciências do Mar e do Ambiente (FCMA). Ao todo vão ser oito dias para promover a divulgação científica na área das Ciências do Mar e do Ambiente.

Este encontro tem a sua génese na divulgação e investigação científica elaborada pelos alunos e como objectivo a descentralização deste tipo de actividades das grandes cidades.

Nos dias de hoje, onde a falta de água e a destruição do meio-ambiente marinho representam cada vez mais problemáticas complexas, esta iniciativa da FCMA pretende ser uma forma de sensibilizar e consciencializar a sociedade para este tipo de questões. Com base nesta realidade, a FCMA pretende também com estas jornadas explorar assuntos relativos ao desenvolvimento sustentável, reservando para tal dias específicos tanto para o mar como para o ambiente de forma a suscitar fóruns de discussão temáticos.

Por outro lado, a SCMA tem também o intuito de debater e reflectir sobre a investigação levada a cabo pelos alunos da UAlg nesta área, bem como criar fóruns de discussão acerca dos diferentes cursos leccionados por esta universidade na área das ciências do mar e ambiente.

Para esta actividade foram convidados diversos oradores, entre eles Adriano Pimpão, reitor da UAlg, Pedro Lynce, ministro da Ciência e Ensino Superior, Ricardo Serrão Santos, do departamento de Oceanografia da Universidade dos Açores, José Alho, presidente da Liga de Protecção da Natureza, e Francisco Ferreira, presidente da Associação Nacional de Conservação da Natureza.

Esta iniciativa conta com o apoio da FCMAUAlg, do Instituto de Oceanografia da UAlg, da Associação Académica do Algarve, e também com diversos patrocínios de entidades privadas. Para os mais interessados, os formulários de inscrição e mais informação acerca deste evento está disponível em: http://www.ualg.pt/scma/.

Energia purifica água

Uma experiência realizada em Espanha por cientistas da Universidade de Valência, com o apoio da empresa Águas de Valência, demonstra que é possível tornar a água potável utilizando reactores fotoquímicos. Os resultados mostram que se pode melhorar a qualidade da água através de técnicas de foto–oxidação, isto porque a energia da luz solar ou eléctrica destrói os compostos orgânicos existentes na água.

Os cientistas explicam que este método é mais ecológico e eficaz que as técnicas tradicionais, como a adição de cloro, donde resulta a produção de compostos químicos - os trialometanos, que dão à água um sabor desagradável.

O novo método permite reduzir os níveis de trialometanos entre 40 a 50 por cento. Os especialistas consideram este procedimento vantajoso, pois além de eficaz é economicamente viável.

Pub



Pub



Nulo na Marinha Grande

Tira–teimas adiado

Jogava–se o terceiro encontro da temporada entre as equipas da Académica e do União de Leiria. Desta vez a divisão de pontos castiga a falta de arrojo por parte das equipas técnicas

Rui Pestana

Esperava–se mais de um jogo que tinha como aliciantes a estreia de Esquerdinha e o regresso do academista Rocha. Artur Jorge abandonou o esquema de três centrais, que tão maus resultados deu frente ao Benfica, e apostou num meio campo forte, em que Binho e Rocha serviam de tampões face à estratégia mais ofensiva do Leiria.

A Académica até assustou o guarda–redes Helton nos minutos iniciais, mas pouco a pouco o Leiria ia tomando as rédeas do jogo. O primeiro remate da Briosa surge apenas aos 15 minutos. Com espaço em frente à baliza leiriense, Marinescu atira para as nuvens. Até então, o Leiria já tinha ameaçado o guardião academista, com remates de Hugo Almeida e João Manuel aos 12 e 17 minutos. Hilário opôs–se bem nas duas situações.

Aos 28 minutos, Artur Jorge é obrigado a substituir o lesionado Dyduch por Raúl Oliveira. A troca pouco veio alterar neste jogo de sentido único, que se desenrolava quase sempre no meio campo dos estudantes. Apesar de ser o único homem com ordens para não recuar, Dário estava sempre muito sozinho na frente de ataque.

Ocasiões de golo só de bola parada, depois de um pontapé de canto (já em período de descontos) apontado por Manuel José. Depois de uma jogada confusa na grande área do Leiria, é o guarda–redes Helton que quase introduz o esférico na própria baliza. No entanto, a bola é salva em cima da linha de golo por um defesa unionista.

Instantes depois, o árbitro Paulo Baptista fez a vontade ao público, que mostrava já sinais de cansaço perante a toada morna em que decorria a partida. A primeira parte valeu pelo apito final.


Francisca Moreira

Empate penaliza falta de arrojo de ambas as equipas

O segundo tempo trouxe novidades. No Leiria, Cajuda lança Alhandra por Viveros, enquanto que na Briosa Binho dava o seu lugar a Jorginho, passando Manuel José a jogar no centro do terreno. Acima de tudo, assistia–se agora a uma partida viva. Jogava–se mais, mas sem brilho.

O Leiria continuava na mó de cima, atacava mais, embora por vezes de forma atabalhoada. O ex–academista Alhandra dava mais trabalho à defensiva estudantil, e aos 53 minutos quase inaugurava o marcador após boa arrancada pelo lado esquerdo. À passagem do minuto 58 surge a melhor oportunidade de golo da Briosa e novamente na sequência de um pontapé de canto. Manuel José bate o esférico para a pequena área onde o guardião Helton falha a saída. No seguimento, Marinescu cabeceia à barra.

Ao minuto 60 o público da casa grita por penalti. Após cruzamento da esquerda, Hugo Almeida cai na área enrolado com Tonel. Paulo Baptista mandou jogar.

No banco leiriense, Cajuda não parecia disposto a arriscar ao trocar de ponta–de–lança. Apesar de tudo, a entrada de Márcio Santos para o lugar de Hugo Almeida trouxe maior mobilidade à frente de ataque do Leiria.

O meio campo da Académica continuava a não conseguir pensar o jogo e só a espaços criava perigo. Aos 27 minutos, Jorginho chega atrasado a um cruzamento de Esquerdinha, que além de conseguir apoiar o ataque também esteve seguro a defender e bem nas dobras aos companheiros.

A dez minutos do fim, Artur Jorge não queria perder o jogo. Trocou Dário por Xano e a Mancha gostou da entrada do benjamim. Os instantes finais ainda proporcionaram algumas jogadas de perigo, nomeadamente um cabeceamento de Márcio Santos quando Hilário já se encontrava batido.

No final era claro que a Académica jogou para não perder, ganhou um ponto na luta pela manutenção mas continua na 16ª poisição, um ponto abaixo da linha de água.

Académica B

A recepção ao Feirense, líder da II Divisão/zona centro, saldou–se com uma derrota da Académica por um a zero.

Os estudantes entraram a jogar rápido, sufocando o adversário que não conseguia libertar–se da pressão. No entanto, o experiente guardião do Feirense, Rui Correia, ia chegando para as encomendas.

Após o intervalo, o Feirense surgiu mais ofensivo e, aos 57 minutos, o recém–entrado Magano conseguiu desfeitear o guardião Eduardo. A Briosa ainda tentou reagir, mas a expulsão de Rui Miguel, aos 79 minutos, veio dificultar a reviravolta.

A turma conimbricense segue tranquila na 12ª posição e desloca–se na próxima jornada ao campo do Esmoriz.

Hóquei

No derby do Campeonato Nacional da III Divisão/zona centro, a Académica venceu o Oliveira do Hospital por oito golos a seis.

Com as equipas a jogarem nos limites para garantirem a vitória, a partida nem sempre contou com primores técnicos.

O Oliveira do Hospital marcou primeiro, à passagem do quarto de hora, mas passados cinco minutos já a Briosa tomava a dianteira no marcador, resultado com que chegava ao intervalo. No segundo tempo, o equilíbrio regressou, mas, decidida a obter os três pontos, a Académica pressionava e a vitória acabou por surgir naturalmente.

No próximo fim–de–semana os estudantes defrontam o HC Caldas.

Râguebi

O Estádio Sérgio Conceição foi palco do do encontro de râguebi entre as selecções de Portugal e Espanha. Perante uma "boa casa", a equipa portuguesa levou de vencida a congénere espanhola por 35 - 16.

A Espanha entrou melhor no encontro, chegando ao intervalo a vencer por nove a seis. O segundo tempo começou com Portugal a todo o gás, que rapidamente se colocou na dianteira do marcador. Destaque para a exibição do português Gonçalo Malheiro, que assinalou 25 pontos na partida.

Com esta vitória, Portugal segue com quatro vitórias no Torneio das VI Nações e na próxima jornada desloca–se à Rússia para defender a liderança.

BOLA AO AR
João Cortesão

Respeito?

Depois de um mês de recordes, em que eleições concorridas e jogadores da Académica preencheram as manchetes dos jornais, estamos actualmente perante um cenário muito diferente. Os resultados são outros, as contas começam a ser feitas e os jogos apresentam–se como uma questão de vida ou de morte. Afinal de contas, a Superliga está por um fio...

Este foi também um mês de prendas, apesar do aniversário da Mancha Negra já ter passado há algum tempo. No passado dia 15 de Março, a Académica recebeu o Benfica e a claque dos estudantes foi presenteada com duas ofertas: um lugar privilegiado para assistir à partida e a impossibilidade de colocar o cd à venda. A Mancha recebeu, e agradeceu... "18 anos merecem mais respeito!" Já que falamos de respeito, esta foi uma das grandes ausências da noite, a par do futebol, que apareceu apenas a espaços, entre fumo de cachecóis queimados, agressões verbais mais ou menos exaltadas, crianças a serem retiradas de camarotes e vergonha... muita vergonha! Agora que falamos nisso... a Académica, com todos os seus anos de história, merece mais respeito.

Cerca de uma semana depois dessa noite mais ou menos feliz, seguiu–se um "déjà vu". A Académica volta a fazer a viagem Coimbra–Leiria, para defrontar a União local, desta vez perante bancadas bem menos vivas, fruto do grande número de espaços vazios.

> "Cada vez mais, somos apenas uma equipa igual a tantas outras"

Tendo em conta a melhoria do resultado em relação ao encontro anterior, podemos encarar o resto da época com grande tranquilidade. Se a equipa continuar a pontuar em todos os jogos com pouca afluência de público a manutenção está adquirida, já que ninguém espera "borlas" nos próximos tempos (pelo menos a julgar pelo preço dos bilhetes dos últimos jogos). Para um público que costuma estar habituado a reclamar quando os bilhetes (gratuitos) esgotam, vai ser duro continuar a assistir aos jogos da Briosa.

Para além da equipa de Artur Jorge, o voleibol da Académica também foi afastado da luta pelos quatro lugares cimeiros de uma competição. Num encontro com o desequilíbrio esperado, os estudantes lutaram q.b. por um objectivo que não era o seu: atingir os lugares cimeiros do escalão nobre do voleibol português. Mais uma vez, a Briosa afirmou–se como uma equipa diferente, nem que seja apenas pelo facto de alinhar com jogadores portugueses. Esta é uma diferença que se paga cara, basta termos em conta os orçamentos e os objectivos das duas equipas...

No voleibol, como nas outras modalidades, o símbolo da Associação Académica de Coimbra está a perder o seu peso. Cada vez mais, somos apenas uma equipa igual a tantas outras, com claques iguais a tantas outras...

Castelo da Maia vence Académica em jogo emotivo

Derrota suada penaliza Académica

Apesar de este ser um resultado esperado, os jogadores da Académica não conseguiram esconder alguma tristeza no final do encontro, sobretudo devido aos números de que se revestiu esta derrota frente ao principal candidato à conquista do título de campeão nacional, o Castelo da Maia

JOÃO CORTESÃO

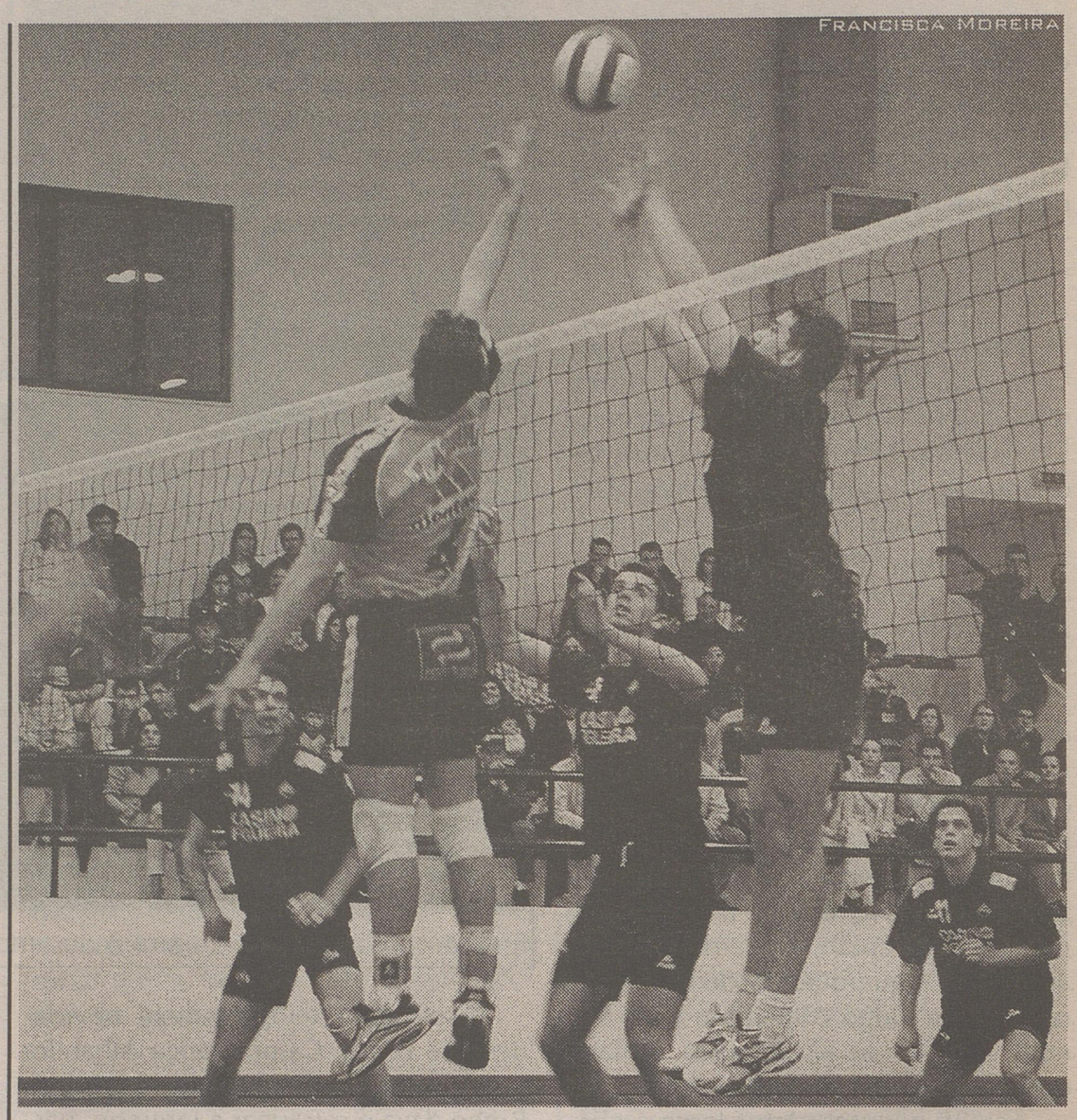
Apesar de consciente das dificuldades, a equipa da casa entrou em campo disposta a conseguir um bom resultado frente à equipa do Castelo da Maia. Num jogo em que a Briosa alinhou sem o lesionado Nuno Zuzarte e sem Bira, impedido de jogar por um acordo entre os dois clubes, o primeiro set começou por ser dominado pela Académica, que esteve na liderança durante muito tempo. Depois de vários serviços bem conseguidos, a equipa visitante acabou por alcançar a vitória com relativa facilidade, tendo ganho o set por uma margem de sete pontos.

No segundo set, o equilíbrio foi a palavra dominante, apesar de alguns momentos de grande qualidade técnica por parte de João Malveiro e do "Índio" Silfaney Assis, que quase conduziram a equipa à vitória neste parcial. Depois de alguns momentos de tensão, em que os jogadores do Castelo da Maia contestaram algumas decisões dos árbitros, uma grande eficácia no serviço voltou a fazer a diferença a favor do Castelo, sobretudo devido às boas movimentações de Ricardo de Paula e Jorge Alves.

O início do terceiro set surgiu como uma lufada de ar fresco, com a Académica a conseguir uma série de bons serviços e obtendo uma vantagem que se manteve praticamente até ao final do jogo. Mas, apesar do grande apoio do público que se fez sentir no Pavilhão 3 do Estádio Universitário de Coimbra, a Briosa acabou por ser eliminada da corrida pelo título, estando neste momento a preparar o jogo frente ao Leixões, onde vai estar em disputa um lugar entre a 5ª e a 8ª posição.

Analisando o resultado da partida e o desempenho da equipa ao longo da época, Daniel Costa, presidente da secção de voleibol, destaca a necessidade de se começar já a preparar o jogo seguinte, que opõe a equipa academista ao Leixões, assim como a próxima época, de modo a evitar possíveis falhas.

FRANCISDA MOREIRA



Voleibol da Académica merecia mais em jogo bastante disputado

Basquetebol sénior da Académica com saldo positivo

Uma época em grande

O basquetebol da Associação Académica de Coimbra continua a marcar pontos. Após alguns problemas financeiros no início desta época surge agora como objectivo da equipa a subida à Proliga

PEDRO SILVEIRA

Apesar de todas as dificuldades que envolveram este início de época e que obrigaram à extinção da equipa sénior feminina, a secção de basquetebol da Associação Académica de Coimbra (AAC) acabou por ter um desempenho bastante positivo. O grande objectivo é, agora, a subida à Proliga, o que implica ter que ficar num dos dois primeiros lugares da divisão secundária.

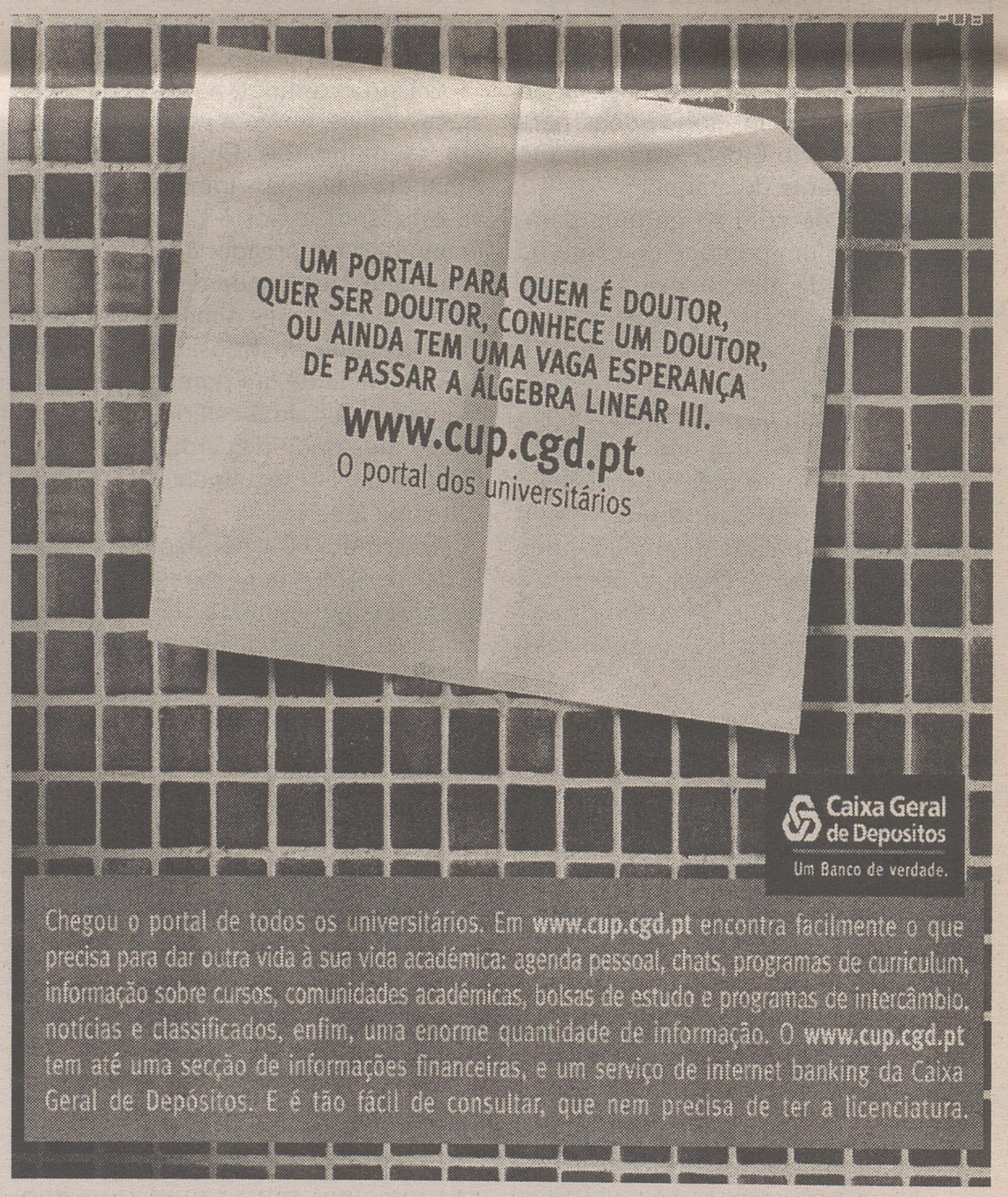
A fase regular foi marcada por uma boa prestação da equipa de basquetebol da AAC, que conseguiu 19 vitórias, tendo sofrido apenas três derrotas. O facto de ter ficado em primeiro lugar nesta primeira fase do campeonato faz da Briosa uma séria candidata ao título de campeã da segunda divisão-A.

Segundo Cassiano Afonso, presidente da secção de basquetebol da AAC, "há que realçar o excelente trabalho técnico desenvolvido ao longo da época, em especial na recuperação e preparação física dos atletas". De facto, no que diz respeito a lesões, a equipa foi pouco afectada, tendo–se registado apenas alguns casos pontuais, que não colocaram entraves significativos à prestação da equipa durante a temporada.

A confiança e determinação reinam em todo o grupo de trabalho, já que a Briosa parece reunir todas as condições para poder subir à Proliga já na próxima temporada. Neste contexto, a conquista do título da 2ª Divisão Série A seria, segundo o presidente Cassiano Afonso, "a cereja no topo do bolo", não só pelo facto de permitir a almejada subida, mas também pelo facto de este ser um título que já foge há algum tempo ao basquetebol sénior da Académica.

No que diz respeito ao aspecto financeiro, o basquetebol contou, este ano, como já vem sendo hábito, com uma grande maioria dos apoios oriundos de fora do distrito (95 por cento), sendo os restantes 5 por cento provenientes de "empresas e estabelecimentos comerciais amigos do basquetebol da Académica".

PUB



PUB

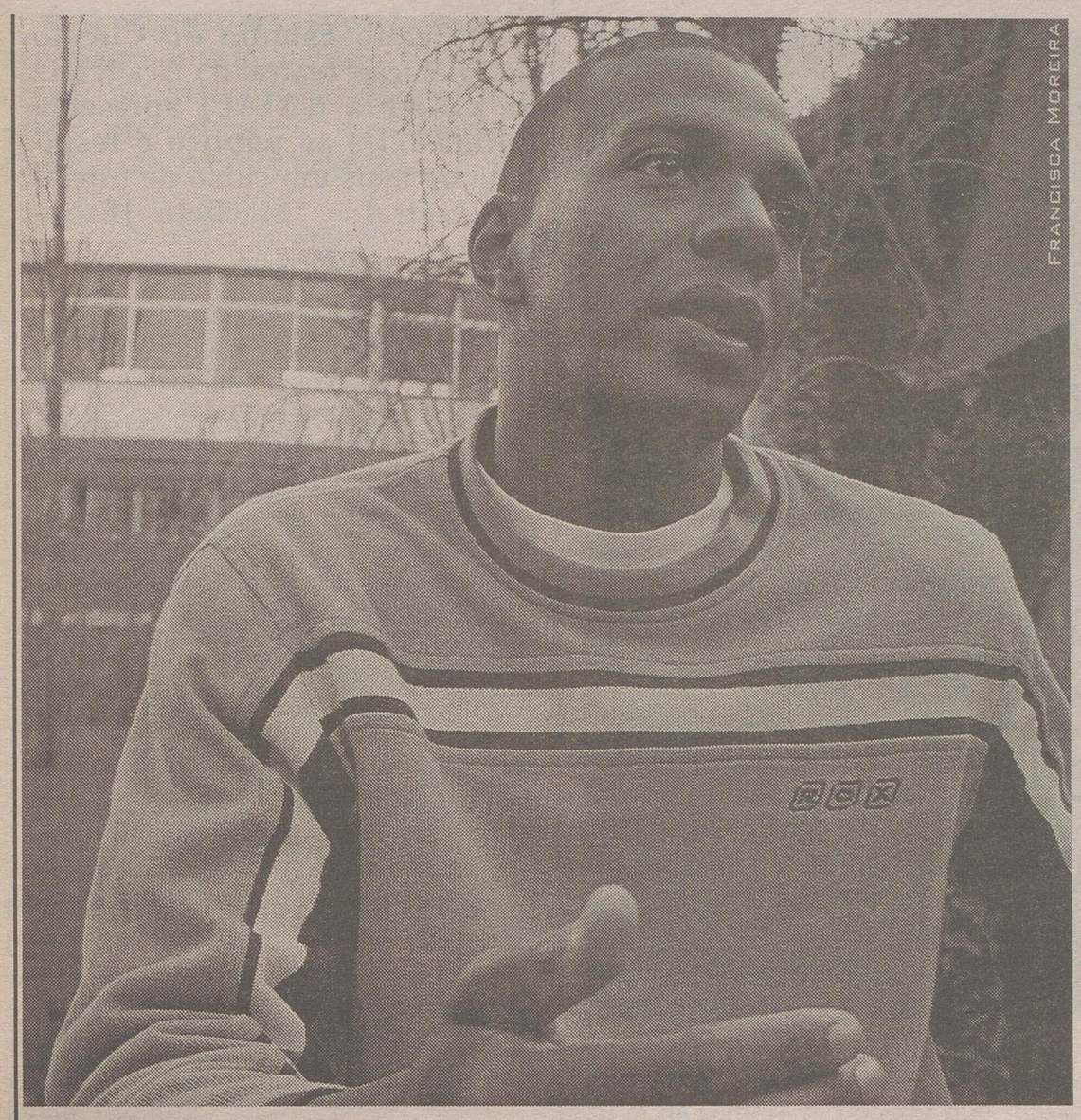
RECITAL COM OS POETAS:
JOHN HAVELDA
MARTIN EARL
GRAÇA CAPINHA
MANUEL PORTELA
MARÇO 25
FPCE 22.00

PALAVRAS PARA QUÊ?
ORGANIZAÇÃO NEPCE | ACC

ESPECTÁCULO PELA
BONIFRATES E
APRESENTAÇÃO DOS
TRABALHOS DO
WORKSHOP
ABRIL 01
FPCE 22.00

Bira na primeira pessoa

"Portugal pode brilhar em Atenas"



"A Académica é um clube importante para mim" afirma Bira

Chama-se Ubirajara Pereira, mas é mais conhecido por Bira. A CABRA esteve à conversa com o jogador da Académica e capitão da selecção nacional de voleibol, para conhecer quem se esconde em mais de dois metros de altura

Daniela Pereira
Paulo Teixeira

Bira defende que o voleibol português deve ser profissionalizado e que a vinda de Juan Diaz foi uma mais-valia para a selecção portuguesa. Apesar dos seus 32 anos, não gosta de falar do seu futuro. Por enquanto, quer continuar a jogar voleibol. Porque o amanhã é outro dia.

Como correu esta época? A Académica conseguiu chegar aos play-offs finais...

Está a correr bem, uma vez que o objectivo da Académica era atingir um lugar entre os oito primeiros. Apesar do campeonato ainda estar a decorrer, a equipa vai tentar chegar ao quinto ou sexto lugar.

A Académica é uma paixão? Como decorreu a entrada para o clube?

A Académica é um clube importante para mim. Quando estive no Castelo da Maia, certas cláusulas do meu contrato não foram cumpridas e então decidi abandonar. Na altura surgiram alguns interessados, mas o presidente do Castelo da Maia dificultou a minha transferência, dizendo que estava a salvaguardar os interesses do clube. A Académica surgiu numa altura em que estava sem clube e com o campeonato em marcha há quase dois meses. Acho que o facto de haver uma boa relação entre os dois clubes e de a Académica não ser uma equipa que luta pelo título facilitou a minha saída.

Houve dificuldades de adaptação?

Não. Como já tenho muitos anos de voleibol, passei por vários clubes no Brasil e mesmo em Portugal... A minha trajectória, no fundo, contribuiu para ganhar uma grande experiência. O facto de ser o capitão da selecção também ajudou muito. Foi fácil a minha adaptação no grupo, dado que os jogadores da Académica souberam receber um jogador com um percurso tão importante no voleibol português como eu.

Profissionalismo

Isto num plantel com poucos jogadores profissionais...

Sim, existe só mais um jogador [profissional] - brasileiro - no plantel, o Silfaney. Penso que o facto de ser profissional não é muito importante. Em Portugal, existem jogadores amadores e semi-profissionais que recebem salário de profissionais. Talvez esteja na altura de mudar a legislação, uma que enverede para o profissionalismo porque, na verdade, as modalidades ditas amadoras recebem ajudas de custo.

Ou seja, talvez esteja na altura de avançar por uma profissionalização da Liga de Voleibol?

Sim, desde que sejam salvaguardados os interesses dos jogadores nacionais. Quando vim para Portugal, ainda como estrangeiro, existiram e ainda existem muitos problemas para defender o interesse do jogador português. No entanto, é preciso que este projecto tenha pés e cabeça, pois actualmente não existe uma política desportiva que apoie os atletas nacionais. Se não há investimento nos jovens, como é que no futuro podemos ter bons atletas nas selecções nacionais? É por isso que, por vezes, os dirigentes dos clubes contratam estrangeiros já formados, em vez de atletas jovens, fruto dos escalões de formação.

Na Académica a política é diferente?

Sim. Começa logo por aquilo que é a Académica. Por exemplo, uma das razões para me contratarem foi por ser atleta-estudante. Isso faz parte dos estatutos e das prioridades do clube. É uma política muito positiva, apesar de defender que os atletas-estudantes precisam de mais apoio e de melhores condições para evoluir e representar o emblema da Académica da melhor maneira.

> **"Os atletas-estudantes precisam de mais apoio e de melhores condições"**

Selecção nacional

Um brasileiro naturalizado tornou-se capitão da selecção portuguesa. Como foi a reacção inicial da equipa?

O meu objectivo inicial foi sempre jogar na selecção brasileira, nunca esperei entrar na portuguesa, mas fui recebido da melhor maneira possível. Quando me naturalizei, houve uma reunião entre jogadores, presidente da federação e treinadores e todos concordaram com a minha entrada para a selecção. Estava aqui a minha grande oportunidade, uma vez que o voleibol é a minha paixão e jogar ao mais alto nível era o meu sonho. Adoro o Brasil, tal como adoro Portugal, e se na altura as pessoas me estavam a pedir ajuda para lançar o voleibol nacional, então eu só podia dizer que sim e dar o meu melhor.

O voleibol português mudou desde então?

Sim. Tem evoluído, tem mudado para melhor. Os atletas que têm sido chamados são jovens e promissores. Eles dão o melhor para representar Portugal, como aconteceu no último Mundial. A vinda do Juan Diaz foi outro dos factores que em muito contribuiu para a mudança de mentalidade e de filosofia dos jogadores.

A qualificação para os Jogos Olímpicos de Atenas não é, então, uma utopia?

Sabemos que é difícil, tal como era para o Mundial. Mas conseguimos ultrapassar essa fase, e acabámos mesmo por ficar nos oito primeiros lugares. As Olimpíadas são o sonho de qualquer atleta. É difícil, mas não é impossível. Vamos continuar a acreditar no nosso valor, que veio reforçado do Mundial. Mas acho que estão reunidas as condições para Portugal brilhar.

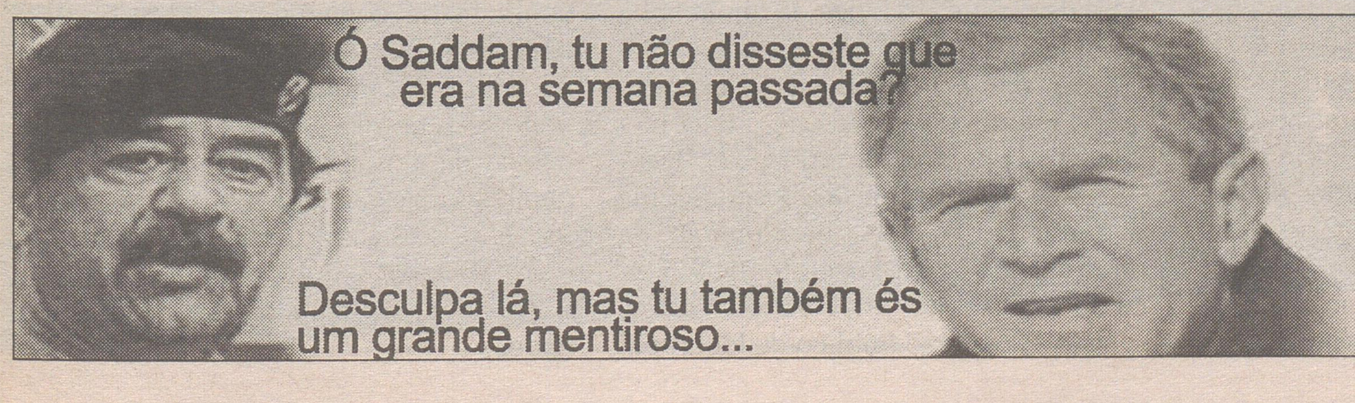
E o futuro?

O meu futuro a Deus pertence. Não gosto de falar do amanhã. Devemos viver o dia de hoje da melhor maneira possível. Não há ninguém insubstituível, mas existem outros atletas com capacidades para, de futuro, ajudar Portugal e o voleibol nacional.

Voleibol de praia

Apesar da tentação que o voleibol de praia representa, Bira continua a preferir "jogar num pavilhão". Embora tenha sido convidado no passado por Jorge Alves, jogador do Castelo da Maia, para formar uma dupla com vista a atingir a qualificação para os Jogos Olímpicos de Sidney, o actual capitão da selecção nacional de voleibol recusou participar nesse projecto pois considera que "a altura não era muito boa". Como explica, teria sido "muito complicado para a selecção perder dois jogadores titulares" num momento em que ainda era possível atingir o objectivo inédito de uma participação nos Jogos Olímpicos. Para Bira, jogar voleibol de praia "só mesmo por diversão e não para competir".

PUB



NEMATEG APRESENTA

NOITE DOS PACKS

Terça 25 de Março no Bar das Matemáticas
um euro a entrada com direito a uma cerveja ou um shoot
(após a Assembleia Magna)

Marionet fica três dias em palco

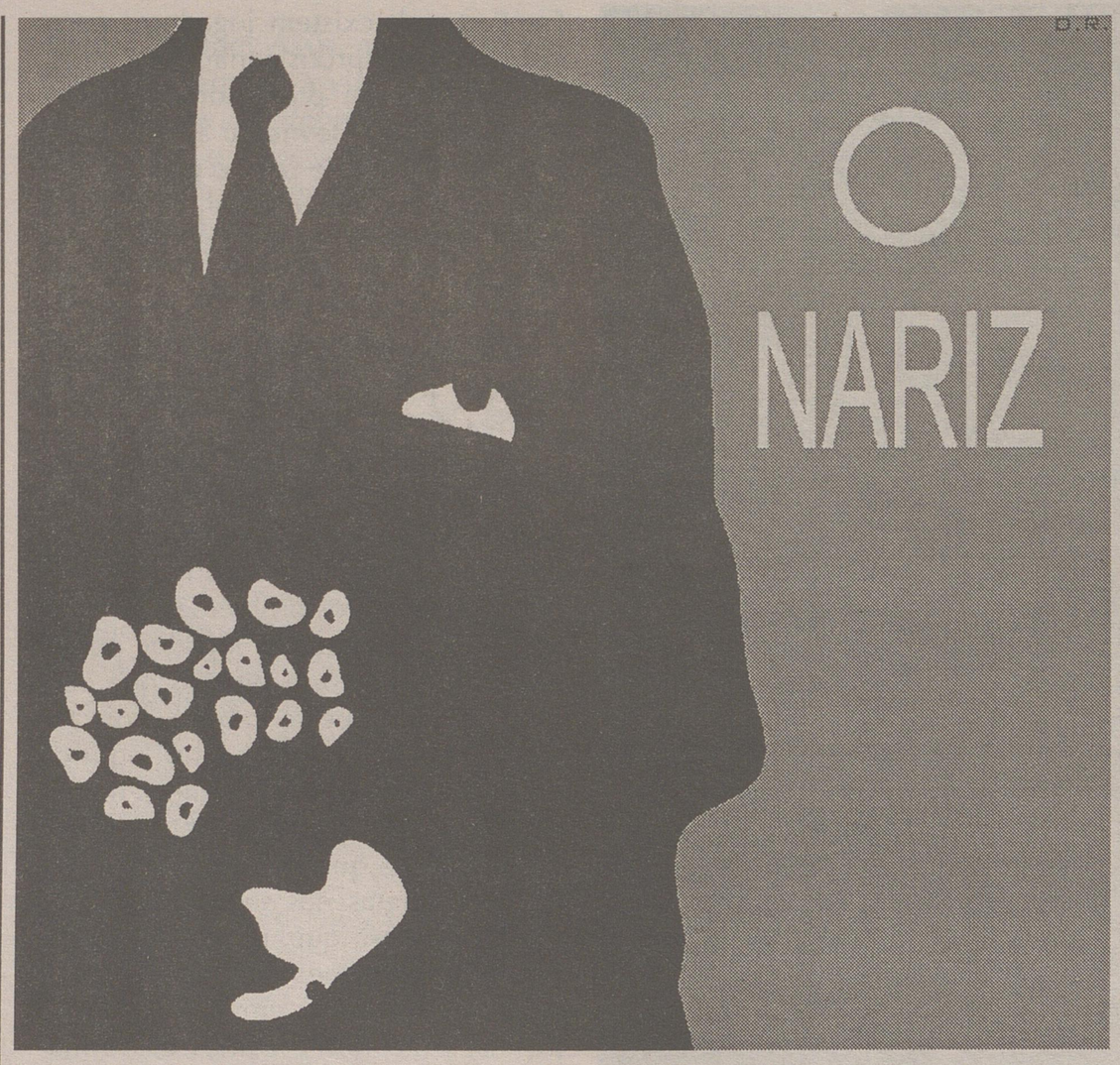
Há procura de sentidos

Sr. Perfeito Amor, Ciência e Teatro são as principais personagens da peça "O Nariz". A companhia de teatro Marionet alega que não teve condições para realizar um bom trabalho

José Manuel Camacho
Luís Miguel Silva

Sobe ao palco hoje e amanhã no Museu dos Transportes o novo trabalho da companhia Marionet, intitulado "O Nariz" e integrado na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Este novo espectáculo segue a linha que o grupo tem vindo a traçar: trazer temas científicos para o palco. A ideia da peça surgiu do Exploratório Infante D. Henrique, parceiro da Marionet, que sugeriu um espectáculo que falasse sobre o nariz e o olfacto, no âmbito da exposição "De nariz no ar".

A referência teatral foi o conto "O Nariz", de Nicolau Gogol, que serviu de inspiração para criar um texto novo que redundou nesta peça. Para Mário Montenegro, autor e encenador, esta é uma maneira de mostrar a ciência de uma forma mais fácil, mas sem ser "fútil ou despropositada".



Marionet estreia hoje no Museu dos Transportes a peça "O Nariz"

A história começa com um pesadelo do Sr. Perfeito Amor. Na cadeira reclinável do barbeiro, com a cara coberta de espuma, aguardando pelo ritual de escanhoamento, uma comichão anormal na zona do nariz fá–lo mexer–se. Com o aproximar da navalha e o reflexo da luz na lâmina, volta a ter uma impressão absurda que lhe assoma a cara e o leva a fechar os olhos. Quando os volta a abrir, por causa do grito do barbeiro, vê o próprio nariz a saltar–lhe da cara, pulando–lhe nas pernas e a fugir pela porta para a rua.

É com este pesadelo que o Sr. Perfeito Amor descobre que perdeu o olfacto e, com ele, os aromas primaveris da sua amada Violeta. Perante este facto, tenta descobrir as causas deste fenómeno. Para isso conta com a ajuda de duas personagens invulgares, a Ciência e o Teatro. A competição entre elas leva a que se ultrapasse os limites do razoável. O Sr. Perfeito Amor coloca-se perante um dilema quando uma delas consegue impor os seus argumentos.

O facto do Sr. Perfeito Amor ter perdido o olfacto leva-o a questionar uma série de coisas, desde a sua relação com Violeta, a hábitos e normas instituídos na sociedade. "O perder do olfacto foi um ganhar de consciência. E é isso que falta à sociedade", afirma Margarida Sousa, intérprete do papel da Ciência, que questiona ainda até que ponto "a perda de um sentido não leva a perder todos os outros".

Apesar de não existir um tom moralista na peça, a mensagem a passar existe, mas cabe a cada pessoa tirar as suas ilações. Alexandre Martins, o Sr. Perfeito Amor, vai ainda mais longe e relembra a frase: "O teatro tem como função viver coisas para além da CNN".

Teatro "em cima do joelho"

A problemática da falta de espaços para desenvolver o teatro em Coimbra volta a estar em cena. Para a Marionet, a CCNC e a própria cidade seriam uma esperança para resolver a questão. Mas a verdade "é que nada se resolveu", afirma Mário Montenegro. Apesar de se mostrar favorável a uma descentralização das animações e achar o Museu dos Transportes uma ideia "interessante", considera que as coisas estão a ser feitas "em cima do joelho, um pouco provisórias, sem consistência" e sem a devida publicidade.

Para além disto, o encenador queixa–se do tempo destinado à montagem da peça, dois dias antes da estreia, e do tempo de exibição. Destaca também a incongruência dos apoios dados às companhias da cidade e às que vêm de fora: "Não tivemos as mesmas condições!"

Esboços de Shakespeare

O Teatro–Estúdio do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) apresenta quinta–feira ao público o resultado de mais um curso de iniciação teatral - "Macbeth [Esboços]"

Rui Pestana

De 27 de Março a 9 de Abril vai estar em cena o último exercício do mais recente curso do CITAC. Através do estudo de uma das grandes tragédias do dramaturgo inglês, William Shakespeare, o objectivo é proporcionar aos novos elementos do grupo a experimentação em cena dos conhecimentos apreendidos.

Este espectáculo representa o culminar de um trabalho distribuído por oito ateliers - preparação de actor, movimento contemporâneo, improvisação, expressividade, construção de máscaras, vídeo, e exercício final - que foi desenvolvido ao longo de seis meses.

A encenação desta versão de Macbeth está a cargo de Nuno Coelho, encarregado de iniciar na vida teatral 20 novos actores. Preocupado com a vertente pedagógica, o encenador deseja sobretudo que "o exercício teatral se apresente cativante para o público que a ele assista". Da parte dos recém-actores, Ana Lúcia Santos, uma das formandas, salienta o desejo de veicular a mensagem shakespeariana através de um "sentido de humor contemporâneo".

O dramaturgo inglês William Shakespeare já havia sido representada pelo grupo há 33 anos, na altura numa adaptação intitulada "Macbeth, o que se passa na tua cabeça". Uma performance que levou a que o CITAC fosse censurado pelo regime e as suas instalações seladas pela PIDE.

Escrita em 1606, "Macbeth" é uma peça sobre a ambição pelo poder e a violência que esta provoca entre os homens. Intrigas políticas, alianças e assassinatos empurram as personagens para a morte, num texto que nos pinta a sempre actual condição humana.

Programação Cidade e Arquitectura

Um novo olhar sobre Coimbra

Partindo da ideia de que hoje a arquitectura é também um espaço de programação cultural, a Coimbra 2003 propõe uma série de iniciativas de cariz teórico que pretendem ficar como dádivas para a cidade

Sofia Marques

Foi dado a conhecer, no passado dia 18, um conjunto de eventos integrados no projecto "Cidade e Arquitectura", uma iniciativa patrocinada pela Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC) que pretende promover uma reflexão em torno do retrato actual da cidade e das suas apostas futuras. Abílio Hernandez, presidente da CCNC, elegeu como princípio impulsionador deste projecto a ideia de interrogar a cidade em relação ao seu passado, mas principalmente a necessidade de a olhar no contexto dos desafios da contemporaneidade. "Não são apenas os desafios de hoje mas são, sobretudo, os desafios da cidade que esta Coimbra quer ser no futuro". Trata–se de uma programação extensa que se divide pelos vários meses do ano, mas que enfrentou, contudo, as dificuldades de produzir um projecto cultural no campo da arquitectura.

Jorge Figueira, programador da "Cidade e Arquitectura", admite que este não foi um trabalho convencional, tendo por isso definido como um dos objetivos primordiais "contribuir para aquilo que é muitas vezes considerado misterioso ou demasiado técnico, quando se fala de arquitectura, possa ser entendido por um público mais alargado".

"Inserções" é o nome de um dos projectos e consiste num seminário de desenho urbano onde 10 grupos de arquitectos são convidados a propor planos de reconversão de 10 áreas específicas da cidade, ao longo da futura linha de metro. Há ainda um ciclo de conferências intitulado "Leonardo Express" que contará com a presença de conferencistas italianos de formações diversas (da arquitectura à filosofia) cuja contribuição se situa no domínio da promoção do pensamento crítico acerca do urbanismo.

Um "Concurso Público de Ideias para a Reabilitação da Rua da Sofia" constitui outra das iniciativas desta programação cujo legado poderá desempenhar um papel importante numa intervenção futura neste espaço.

Já a partir de 10 de Abril , tem lugar uma exposição sobre a obra de Fernando Távora, importante arquitecto português do séc.XX, acompanhada de um conjunto de conferências sobre a sua obra. Realizar–se-á ainda um seminário internacional intitulado "CidadeSofia" onde se promove o debate sobre cidades de dimensão e matriz universitária paralelas à de Coimbra. Um dos últimos projectos será a edição de uma publicação, "SMS:SOS", que propõe o confronto com uma nova realidade visual da cidade.

Maria João e Mário Laginha em tournée

Os disfarces de uma dupla

É já na próxima segunda-feira, no Teatro Académico de Gil Vicente, que Maria João e Mário Laginha prometem um espectáculo único, com lotação esgotada

PATRÍCIA LOURENÇO
MARTA POIARES

Quatro meses após o lançamento do novo álbum, Maria João e Mário Laginha deram início à tournée "Undercovers", da qual Coimbra acolhe o último concerto na próxima segunda–feira, dia 31 de Março, no Teatro Académico de Gil Vicente

"Undercovers" não é um disco onde figurem simples cópias de músicas tão conhecidas como "Wake up dead man", dos U2, ou "Lately", de Stevie Wonder. É sim, uma compilação de temas disfarçados pela criatividade e irreverência do dueto que rejeita, assim, a classificação de meros "covers". Mário Laginha explica que não foram "à procura de um estilo", guiando–se simplesmente pelo gosto pessoal de cada um e pela opinião de amigos próximos, como Nuno Artur Silva. O disco resulta, então, num conjunto de "universos e línguas diferentes", como comenta Laginha.

Maria João e Mário Laginha, que trabalham juntos desde o início da década de 60 (altura em que integraram o grupo Cal Viva), não encaram o disco como uma viragem abrupta no seu percurso musical, mas como uma nova e enriquecedora experiência. "Não vimos para o pop; é apenas o disco mais pop que temos", considera Laginha. O duo não se separa definitivamente do "seu" jazz, tendo sempre em mente um futuro reencontro. Afinal, são a dupla de maior projecção de jazz nacional.

A ideia de que o público poderia não se identificar com o desvio musical explícito no disco é prontamente posta de parte por Laginha. De facto, desaparece, parcialmente, o improviso característico de ambos. Tentam ao máximo não adulterar os originais, mas procuram sempre dar o seu cunho pessoal (daí o nome "Undercovers"). Contudo, nos espectáculos figuram também temas fundamentais retirados de álbuns anteriores, como "Lua Partida ao Meio", "Chorinho Feliz" ou "Preto e Branco". Para além deste facto, o repertório de "Undercovers" já é bem conhecido da assistência, facilitando, por isso, a sua aceitação, já que, segundo Laginha, "o público reage sempre bem a um concerto com emoção".

Mesmo sendo este disco a concretização de um conceito novo no panorama da sua produção musical, Maria João e Mário Laginha mantêm viva a energia de sempre e o prazer que sentem por fazer concertos, factores que afirmam ser a razão pela qual fazem os discos. Componente também indispensável, a cumplicidade entre ambos pode ser certamente testemunhada no concerto final da digressão, realizado em Coimbra.



Maria João e Mário Laginha de volta a Coimbra para fechar tournée "Undercovers"

O duo passa a quinteto

Para esta digressão, Maria João e Mário Laginha contam com a presença de fiés colaboradores, tais como Yuri Daniel no contrabaixo, Helge Norbakken na percussão (ou Alexandre Frazão na bateria) e Mário Delgado nas guitarras (registo eléctrico e acústico). Infelizmente, a "dura realidade", segundo Laginha, é que não podem ser sempre, como desejariam, "um grupo muito alargado". Assim, a presença de Miguel Ferreira (dos Clã), responsável pelos teclados e pelos samplers, que conferem à melodia um toque inovador, por vezes não se concretiza. Outros elementos que contribuem para a atmosfera mágica dos concertos são um ensemble de cordas de dezassete elementos e o coro moçambicano Majescoral. Para além de músicas como "Unravel", de Bjork, ou "Blackbird", dos Beatles, nos espectáculos de "Undercovers" são também incluídos dois temas de Prince que não foram autorizados pelo "publisher" a figurar no álbum: "Sometimes it snows in April" e "I love you but I don´t trust you anymore".

David S. Ware Quartet reinventa "Freedom Suite"

Regresso ao jazz "incendiário"

David S. Ware Quartet leva o seu free jazz ao TAGV em mais um concerto organizado no âmbito dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra

PAULO NUNO VICENTE

Prossegue no próximo sábado o ciclo Jazz ao Centro com a actuação dos David S. Ware Quartet. O espectáculo tem lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e início marcado para as 21h30.

O quarteto liderado pelo saxofonista norte–americano David Spencer Ware traz a Coimbra uma versão renovada de "Freedom Suite", um álbum originalmente composto e interpretado por Sonny Rollins e reeditado pela mão dos David S. Ware Quartet, em 2002.

Concebido em plena época das lutas raciais nos EUA, o disco de Rollins ficaria para a história do jazz como uma das primeiras peças instrumentais de protesto explícito contra o racismo. A versão original do álbum, saída para os escaparates em 1958, mostrava–nos um dos grandes vultos do saxofone, acompanhado pelo contrabaixo de Oscar Pettiford e a bateria de Max Roach, em 19 minutos de variações sobre puro material melódico que cedo seria considerado "incendiário".

A interpretação de David S. Ware e do seu quarteto reinventa a sonoridade do trabalho de Sonny Rollins, acrescentando o som do piano à peça original. Herdeiro da tradição do free jazz negro, David S. Ware faz–se acompanhar por alguns pesos–pesados do panorama actual do jazz americano. Com Matthew Shipp, no piano, William Parker, no contrabaixo e Guillermo E. Brown, na bateria, o grupo reconstrói o espírito inicial de "Freedom Suite" e resgata ao esquecimento um dos grandes discos de saxofone tenor. Um álbum tão marcante como "A Love Supreme", de John Coltrane.

David S. Ware começou a sua carreira de saxofonista em New Jersey ao lado de Sonny Rollins. Depois de passar pela Berklee College of Music, Ware ruma até Nova Iorque, onde colabora com a Cecil Taylor Unit. Com Cecil Taylor, Ware revê os seus pressupostos musicais no que toca ao processo de composição e improvisação.

Em 1978, associa–se ao projecto Maono, de Andrew Cyrille. Esta solidariedade dura cerca de uma década e é marcada pela gravação de "Metamusician's Stomp" (1978) e "Special People" (1980). Com estes registos, Ware assumia o que havia de ser a sua imagem de marca: um pleno de energia e expressão.

Em meados dos anos oitenta, Ware retira–se de cena para reconstruir a sua sonoridade e formar um novo colectivo musical - o David S. Ware Quartet, um dos mais aclamados grupos de jazz da última década, altura em que Ware se afirma como um verdadeiro colosso do saxofone em álbuns como "Go See The World" (1998), "Surrended" (2000) ou "Corridors & Paralels" (2001).

Discos inundam Praça da República

De sexta-feira a domingo realiza-se uma Mega Feira do Disco promovida pela Fonoteca Municipal de Coimbra. A feira terá lugar na Praça da República, numa tenda gigante.

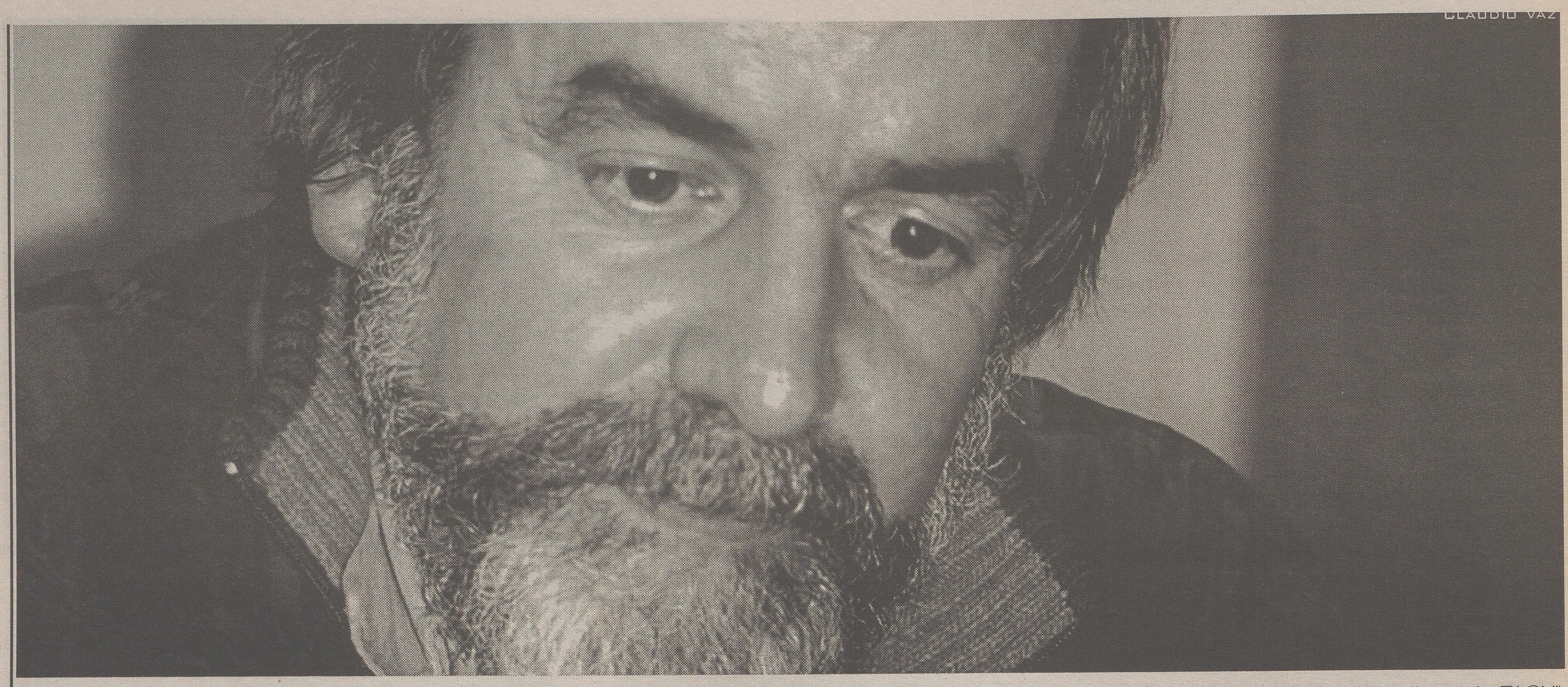
Segundo Ilda Carvalho, principal responsável pela Fonoteca, "a música é hoje uma realidade incontornável". Neste sentido, em conjunto com o Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, "a Fonoteca tem vindo a realizar uma pluridade de iniciativas para a promoção e divulgação da música". Organizada, no ano transacto, nas instalações da Casa Municipal da Cultura, a Feira do Disco demonstrou ser bem sucedida a ponto de se repetir este ano.

Desta feita, o evento vai contemplar todos os géneros musicais e conta com a participação de 20 expositores oriundos de vários pontos do país. Os visitantes terão ao seu dispor cerca de quatro mil discos de vinil e 20 mil CD's.

O horário de visita é, na sexta–feira e no sábado, das 10h00 às 23h00, e, no domingo, das 10h00 às 20h00.

PUB
wta comunicação
amOr plutónico
Teatro de Luz Negra, a partir de Pierrot e Arlequim de Almada Negreiros. Concepção e Parto pelo Teatro Anónimo, no
Teatro do Inatel, junto à Estação Nova. Sessões até 29 de Março, e 3 a 5 Abril, todas as quintas, sextas e sábados às 21h45.
reservas das 10h às 15h · Tlms: 96 477 95 30 · 96 605 82 31

"O TAGV tem um financiamento ridículo por


CLÁUDIO VAZ

João Maria André critica actuação da DG/AAC: "Tenho uma carta da DG/AAC que não faz propostas nenhumas, mas que me pede as datas livres do TAGV"

Dois meses após o início da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), o jornal A CABRA foi ouvir João Maria André, director do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). A escassez de verbas, o relacionamento com a capital da cultura, a falta de espaços e as recentes tomadas de posição da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra foram alguns dos temas abordados

JOANA MOREIRA
JOÃO VASCO

Num tom convicto e assertivo, João Maria André falou do estado da cultura em Coimbra. A falta de diálogo entre as principais entidades ligadas ao projecto Coimbra 2003 é, na opinião do homem forte do TAGV, um dos entraves a uma CCNC mais profícua. Apesar de não estar de acordo com Abílio Hernandez em muitas matérias, afirma que está com o presidente da CCNC "no mesmo barco e disposto a levá–lo a bom porto".

Acha que, neste momento, o país tem os olhos postos em Coimbra em matéria cultural?

É uma pergunta que não deve ser feita a um habitante de Coimbra, mas seria uma pergunta interessante para ser respondida por pessoas que estão espalhadas pelo país. A sensação que eu tenho é que se começou a ouvir falar mais de Coimbra e das suas actividades culturais. Neste momento, sabe–se talvez mais sobre o que se passa em Coimbra. As pessoas estão atentas. Há coisas novas que se vão fazendo aqui no teatro e noutros espaços da cidade e, portanto, aumentou um pouco mais a atenção que Coimbra merece. Não me parece que isso signifique que daqui se possa tirar a conclusão de que as pessoas tenham os olhos postos em Coimbra. E que a cidade seja neste momento, apesar de ser a capital da cultura, o principal espaço de criação cultural do país. Acho que as estreias continuam a acontecer um pouco por todo o país e muito ainda nos tradicionais centros, nomeadamente Lisboa e Porto.

Não se sente, portanto, numa cidade culturalmente diferente da do ano passado?

Sinto que há mais oferta cultural, que existem algumas realizações a mais e que, ao nível das artes de espectáculo, há um conjunto de eventos com qualidade superior em relação ao ano passado. O TAGV é o único grande espaço de artes do espectáculo de Coimbra e dispõe de um orçamento ridículo da parte do Ministério da Cultura quando comparado com outros teatros aqui mesmo ao lado. Portanto, dispondo a CCNC de um orçamento que não é um orçamento rico, mas que é bastante superior àquele de que a cidade dispunha em anos anteriores, é natural que a oferta cultural tenha aumentado, quer em termos de quantidade, quer em termos de qualidade. Sinto que estou numa cidade em que há um maior dinamismo, uma maior galvanização do público e uma maior diversidade de ofertas. Não sinto, se por capital se entende ser o principal centro de produção, de promoção e de organização de actividades culturais, que Coimbra seja, nesse sentido, a capital da cultura.

TAGV e Coimbra 2003 "no mesmo barco"

Como é que tem sido, até ao momento, o seu relacionamento com a CCNC?

É um relacionamento que assenta numa relação antiga de colaboração com Abílio Hernandez. Isto não significa uma colaboração acrítica e sem tensões. Eu sou, neste momento, bastante crítico no que diz respeito aos materiais com que se faz publicidade à CCNC, porque me parece que não são os materiais mais adequados para promover bens culturais. Sou também crítico em relação a outras opções por ele tomadas. Mas são discordâncias pontuais e isto tudo para dizer que, apesar de pessoalmente poder ser crítico em alguns aspectos, uma vez posto o barco em andamento, nós estamos no barco e dispostos a levá–lo a bom porto. O TAGV não é, oficialmente, um parceiro da CCNC. A Universidade de Coimbra é que é parceira da CCNC. Mas o TAGV é, na prática, um dos grandes parceiros da capital da cultura. É o espaço principal nas artes do espectáculo da cidade e, para além disso, é um dos principais suportes, sob o ponto de vista técnico e humano. Não só para os espectáculos neste teatro, mas também, com o enquadramento de um coordenador técnico e de produtores executivos da CCNC, para espectáculos em outros espaços.

"O Victor Hugo [Salgado] não se pode queixar de não ser parceiro da CCNC"

Acha que a cidade precisa de novos espaços?

Acho que não se fez ainda uma reflexão suficiente. Temos um teatro bastante grande, com 750 lugares, mas com algumas deficiências a nível de palco, comparado com o espaço que tem a Figueira da Foz, por exemplo. Há condições técnicas de que não dispomos, mas eu pergunto–me se vale a pena criar em Coimbra um espaço equivalente ao TAGV e se a cidade tem público para dois grandes espaços. Não seria melhor repensar este espaço e transformá–lo num local apto a responder a todas as necessidades, em vez de construir de raiz um outro espaço destinado a congressos e ao mesmo tempo a espectáculos? Será difícil rentabilizar dois espaços assim. Por outro lado, faltam pequenos espaços devidamente equipados para 200 pessoas que proporcionem a apresentação de múltiplos projectos de gente aqui de Coimbra e que, muitas vezes, sendo projectos bastante válidos, são projectos para os quais a sala do TAGV representa um espaço demasiado grande. Estas companhias novas que estão a emergir em Coimbra provavelmente poderão manter um espectáculo em cena durante 15 dias num espaço de 100 a 150 lugares. Continuo também a afirmar que faz falta um espaço que seja independente de qualquer companhia e que devia ser administrado pela câmara municipal, exclusivamente destinado ao público infanto–juvenil. Deveria facultar–se a possibilidade a cada criança de Coimbra de ver, pelo menos, três a quatro espectáculos por ano. Andamos sempre a falar

Verbas do TAGV

O TAGV dispõe de quatro fontes principais de financiamento. A reitoria - cujas verbas dadas ao teatro são este ano inferiores às do último ano, devido às exigências do contrato-programa -, o Ministério da Cultura - que, segundo João Maria André, "prometeu exactamente o mesmo que no ano passado" -, a Câmara Municipal de Coimbra - "que nos deu uma verba igual à que tivemos em 2002" -, e as receitas próprias. No ano transacto, o TAGV conseguiu gerar uma grande quantidade de verbas provenientes de receitas. Este ano, devido às actividades programadas pela Coimbra 2003, as perspectivas são ainda mais animadoras. João Maria André realça que "a frequência tem sido, em muitos casos, superior à frequência média do ano passado". Contudo, o director do TAGV não deixa de se mostrar preocupado pelo "único aumento de financiamento do ano 2002 para o ano 2003 poder vir a ser apenas um aumento resultante da afluência do público".

João Maria André em entrevista

parte do Ministério da Cultura"

na fixação do público e esquecemo-nos desta questão que é fundamental: onde é que começa a criação e a fixação de públicos? Como é que os teatros em Londres são capazes de ter uma peça de teatro esgotada durante dois e três anos seguidos? É porque as crianças desde os primeiros anos aprendem a gostar de ir ao teatro. Em Portugal isso não se faz.

AAC sem razões de queixa

Corrobora das afirmações de Victor Hugo Salgado, segundo as quais "a CCNC não teve consideração pelos 115 anos de história da Associação Académica de Coimbra" (AAC)?

O problema não diz respeito apenas com a AAC, mas sim com os agentes culturais de Coimbra e a forma como foi ou não divulgado o prazo para a apresentação de candidaturas para a CCNC. As coisas foram feitas de modo pouco profissional. A estrutura ainda não estava suficientemente montada e os prazos eram indefinidos. Mas se, sob esse ponto de vista, há críticas justas à CCNC, também as há em relação à AAC. Provavelmente, os organismos autónomos e as secções da AAC, porque não se sentiram pressionados com um determinado prazo e com um esquema para a apresentação de projectos, foram deixando a coisa correr, à boa maneira dos estudantes. Portanto, aconteceu, e tenho conhecimento porque faço parte do Conselho Cultural da CCNC, que alguns dos projectos foram apresentados de um modo muito incipiente, sem cálculos de custo, sem orçamento pormenorizado, sem a definição dos objectivos, etc. Em contrapartida, um dos projectos que foi bem apresentado e bem estruturado foi o da Tuna e do Coro Misto, que está a ser preparado para estrear no dia 24 de Abril. Foi apresentado ao TAGV, que o apoiou desde a primeira hora, bem como à CCNC, que sempre admitiu financiar o projecto. Houve uma série de projectos em que as coisas foram tratadas de um modo muito incipiente e, portanto, dou razão a Abílio Hernandez quando este afirma que não é possível analisar projectos quando estes não têm elementos suficientes para serem analisados. Por outro lado, o Victor Hugo não se pode queixar de não ser parceiro da CCNC. Nunca pediu a adesão à CCNC. Competia à Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) formalizar, junto do presidente da Coimbra 2003, uma proposta de adesão, coisa que não chegou a acontecer. Queria a DG/AAC que a CCNC viesse convidar a AAC? Não fez isso a ninguém...

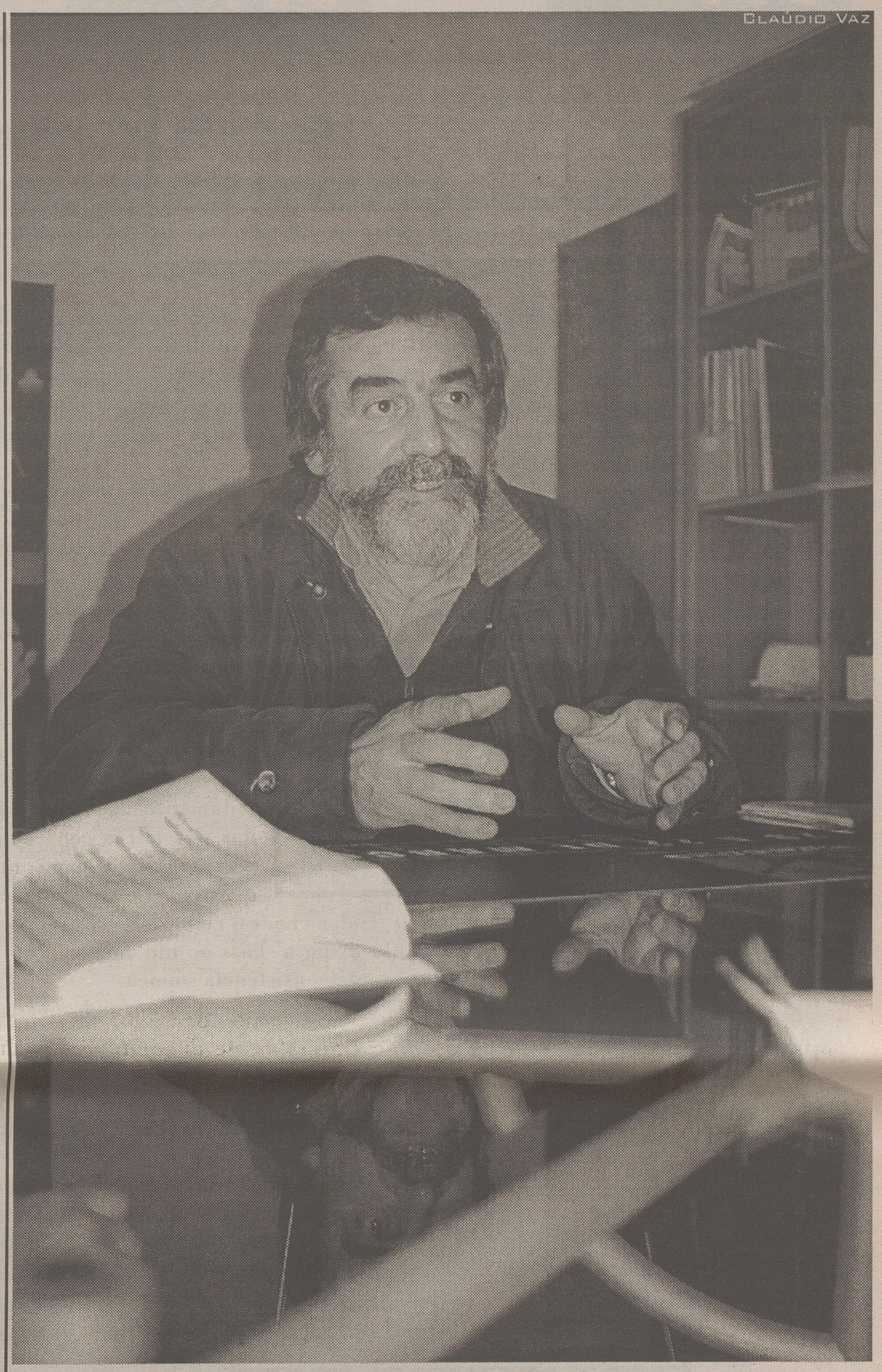
Como se sente o director do TAGV no meio desta guerra?

Desde que tomei posse como director do TAGV, tenho procurado manter um clima de diálogo permanente com os organismos autónomos e com a DG/AAC, bem como com as suas secções. Tenho tentado limar algumas arestas que existiam quando vim para cá. E não eram poucas! Conseguimos encontrar um tipo de programação para o teatro que fosse progressivamente contemplando muitos dos pedidos dos grupos. O ano passado, tivemos aqui estreias do TEUC, do CITAC e do GEFAC. Durante este ano lectivo, os pedidos que nos foram feitos foram praticamente todos satisfeitos. A DG/AAC, em Outubro, dispôs de mais de uma semana para as suas propostas. Não é pelo facto da DG/AAC não ser parceira da CCNC que deixei de acolher os espectáculos da AAC no TAGV. Neste momento, está em negociações um sarau, pedido por uma tertúlia chamada "In Vino Veritas", que iremos encaixar quando tivermos oportunidade, e o pedido para a realização do Actus, a semana de teatro universitário, a realizar no TAGV. Tenho uma carta da DG/AAC que não faz propostas nenhumas, mas que me pede as datas livres do TAGV. Ora, eu não dou datas livres para outros programarem. Nem à reitoria. Recebo as propostas e discuto-as com os seus autores. A responsabilidade de toda a programação que é feita no teatro é minha, como seu director. Embora sejam outras entidades que promovam os espectáculos, sou eu o rosto público deste teatro. Isto não quer dizer que não possa fazer actividades conjuntas com a DG/AAC e que não as venha a fazer, mas para isso é preciso que venham falar com a direcção do teatro, apresentar as suas propostas. Estas serão estudadas e, em função da sua qualidade e da disponibilidade da sala e da programação, serão eventualmente encaixadas ou deslocadas para outros espaços. Por isso, ninguém pode, sem faltar à verdade, argumentar que a programação do TAGV não tem contemplado os pedidos da AAC!

> **"Não me parece que a cidade seja, neste momento, o principal espaço de criação cultural do país"**

Encara a iniciativa "Coimbra: uma Cidade, duas Culturas" como uma provocação? Sente-se desiludido por ter uma DG/AAC com a qual não consegue estabelecer um diálogo?

Em primeiro lugar, sinto que é uma forma de criar protagonismo para compensar um protagonismo que não se teve na altura que se devia ter tido. Ou seja, as coisas foram correndo, deixaram-se passar os prazos e não se constituiram equipas de uma maneira séria para apresentar projectos. Nessa altura a DG/AAC deveria ter tido um protagonismo que seria extremamente útil e não o teve. Os estudantes sempre foram irreverentes, críticos e oxalá continuem a ser. Contudo, penso que a crítica é exercida com maior sentido de cidadania quando implica um trabalho sério e prévio de preocupação com as questões culturais do que quando surge assim - através de manifestações um pouco folclóricas à porta do TAGV.



CLÁUDIO VAZ

Apesar das dificuldades, o director do TAGV apoia a CCNC 2003

Sem papas na língua

- **Carlos Encarnação:** "Penso que é um homem que tem revelado uma certa capacidade de diálogo e não tenho grandes razões de queixa relativamente da parte do TAGV no relacionamento com ele. A grande novidade que se introduziu relativamente ao anterior presidente da câmara foi uma maior capacidade de diálogo. Estou ainda à espera para ver quais os traços fundamentais que desenha o projecto cultural de Carlos Encarnação para a cidade."

- **Mário Nunes:** "Temos um bom relacionamento. Não deixa de ter boa vontade. Mas, pela forma como tenho visto funcionar a Casa Municipal da Cultura (com alguma descoordenação nos serviços), não sei se será a pessoa ideal para estar naquele lugar. Penso que Coimbra, com a multiplicidade de sensibilidades e de registos culturais que tem, precisaria talvez de alguém com um perfil diferente daquele que tem Mário Nunes."

- **Abílio Hernandez:** "Tenho colaborado muito com ele e tenho também sido, e ele sabe-o, crítico em alguns momentos. Penso que por vezes lhe falta capacidade de diálogo. Talvez ganhasse em criar um outro espaço para ouvir mais os seus interlocutores, tanto colaboradores como críticos, e pensar as objecções que lhe vão sendo feitas e, a partir daí, repensar também a sua actividade. De qualquer modo, não posso deixar de louvar o esforço que ele fez, em alguns momentos praticamente sozinho, para levar este projecto adiante."

- **Victor Hugo Salgado:** "Desiludiu-me bastante. Eu conheci-o como membro do Conselho Cultural do TAGV e pensava que ele teria uma outra capacidade de liderar a AAC, numa plataforma de maior entendimento e diálogo com os seus parceiros de trabalho no quotidiano e com maior sentido de responsabilidade. Devo dizer que o Victor Hugo Salgado está no segundo ano do mandato e ainda não tive o prazer de o ver neste gabinete uma única vez, depois de ser eleito presidente da DG/AAC."

Artes Feitas

Ouve-se

A luso-mestiçagem

RUI CANIÇO

Nunca uma editora portuguesa apresentou uma paleta tão abrangente de ideias novas e com tão poucos recursos como a Nylon na última década de música popular lusa. Apesar de o catálogo não ser tão vasto quanto se julgue (e de se consumar um hiato de meio ano desde a última edição em longa duração), o facto é que a estrutura editorial lisboeta tem mantido uma sede de futuro ímpar em todas as suas actividades.

A mais recente proposta chega de uma já antiga conjugação de esforços entre Kika Santos, Hugo Novo e Miguel Guia, convertida agora no projecto Loopless. Nele colaboram igualmente os músicos N´dú (bateria), Yuri Daniel (contrabaixo), Orlando Santos, Kalaf e Cyz (vozes).

Loopless

Loopless

2003, Nylon



A influência das várias vertentes da música negra é uma constante acentuada ainda pelo quase despojar de apelos tecnológicos. O registo vocal de Kika Santos apresenta–se solto e luminoso em toadas soul e jazzísticas devidamente acompanhadas por letras consistentes em inglês. O tecido orquestral oscila pelo jazz (tome–se nota do contrabaixo, piano ou fender rhodes) embora os ritmos possam divergir por entre os territórios dub, drum n' bass ou hip–hop sem que, por alguma razão maior, se quebre a inerente consistência sonora.

A maternidade afro–brasileira não é, porém, esquecida, sobretudo nos temas em que o angolano Kalaf declama num português quase crioulo ou em que Cyz se passeia pelos cantos brasileiros.

Um disco cuja coerência e génio criativo podem, finalmente, tornar mais ténues as fronteiras que impedem que a música portuguesa se fique por um circuito restrito.

O terceiro dia ou como a pop sinfónica salvou o mundo

HUGO FERREIRA

Os Sparks sempre tiveram uma carreira à margem da ribalta, nunca estimularam muita curiosidade na comunidade musical, eram mais uma banda de culto nos anos 70 e 80 que tinha gerado alguma controvérsia com aproximações à ópera, ao glam rock e ao pop, mas também nunca se esperou que voltassem em força num novo disco de originais depois de tantos anos de pura recesão criativa e abandono generalizado da crítica.

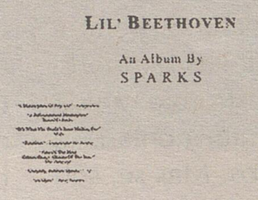
"Lil'Beethoven" é não só o melhor disco de sempre dos Sparks, mas decerto um dos melhores discos que algum dia se poderá ouvir.

Um dos maiores exemplos de pop sinfónica e épica era sem sombra de duvidas protagonizada pelos Divine Comedy há uns anos atrás (recorde–se um "Tonight We Fly"), mas os Sparks superam todas as fronteiras e "Lil'Beethoven" é um constante exercício estético, minimal, poético e auditivo que qualquer melómano vai querer praticar várias vezes ao dia.

Sparks

Lil'Beethoven

2002, Universal



Música clássica, ópera, pop, dança e até o rock mais pesado (oiça–se "Ugly Guys With Beautiful Girls") reúnem esforços para criar um mito que abre ao som do desconcertante "The Rhythm Thief", atravessa um universo onde colhe as pérolas mais preciosas em "I Married Myself" e "My Baby's Gona Take Me Home" e encerra o capítulo ao sabor da pop perfeita de "Suburban Homeboy".

Muitos elogios já correram acerca deste disco em quase toda a imprensa especializada e muito pouco fica por dizer. Limito–me a deixar a mais humilde vénia e a lamentar que o concerto de amanhã no Centro Cultural de Belém tenha sido tão mal promovido, pois vai decerto ser um dos melhores momentos musicais do ano.

Em_Linha

AAC e outros sítios

NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

A AAC

O sítio da Associação Académica de Coimbra (AAC) na Internet sofreu uma remodelação e apresenta–se agora como um portal para a academia. Aqui podemos ter acesso a informação sobre os órgãos de gestão, secções, núcleos conselhos e organismos. Há também uma secção de noticias relacionadas com a AAC em geral ou qualquer dos seus componentes. Existe uma ligação directa na primeira página para os órgãos de comunicação social da AAC (RUC e A CABRA) e também uma ligação a um mapa electrónico (que não funciona).
http://www.aac.uc.pt

A galinha

Chickenhead é "um depósito de lixo de má qualidade produzido por um grupo de perdedores de Nova Iorque", isto segundo a sua própria definição. É essencialmente um conjunto de sátiras sobre o estilo de vida americano ou os seus valores. Pode–se ler o top das 50 piores conspirações de sempre ou utilizar o gerador aleatório de discursos na cerimónia dos Óscares. Caso se queira modificar a imagem de fundo dá área de trabalho ou usar um novo screensaver pode utilizar algo criado pela Chickenhead porque existe uma área para retirar ficheiros. É garantido que ninguém ficará indiferente à nova imagem do seu computador. É um óptimo sítio para desanuviar do excesso de informação sobre a guerra.
http://www.chickenhead.com

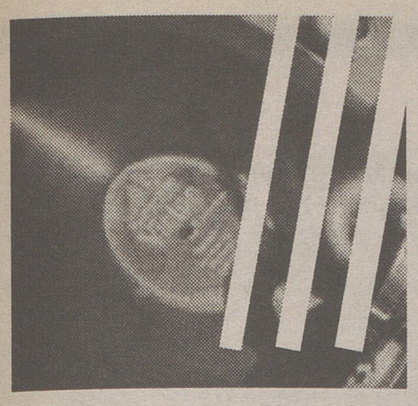
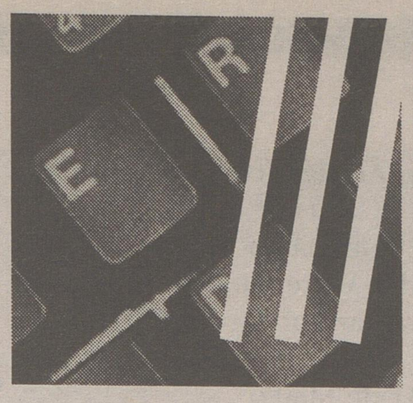
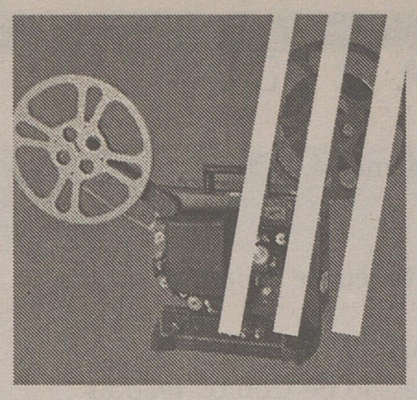
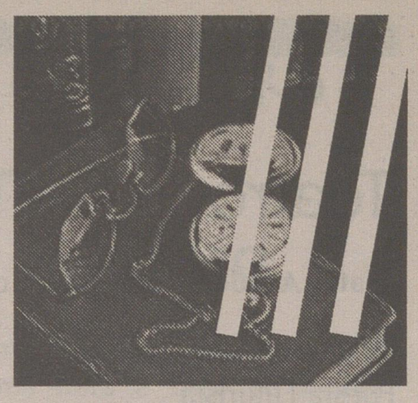
Ezine sobre manga/anime

A Niji ezine é uma fanzine em formato electrónico dedicada ao mundo da animação (anime) e banda desenhada (manga) feita no Japão e está alojada no Club Otaku. Há uma secção para os fãs de manga e outra dedicada ao anime. Existem também secções sobre artigos, música, jogos ou tudo o que não se encaixa no resto. Claro que o que se encontra na secção musical é principalmente informação sobre bandas sonoras de anime e a secção de jogos é quase exclusivamente alusiva a produtos dos estúdios japoneses, mas não seria de esperar outra coisa num sítio específico como este. Os artigos variam entre entrevistas ou biografias de realizadores ou escritores do mundo anime/manga e retrospectivas do ano ou de personagens. Há também um glossário onde, entre outras coisas, se pode encontrar a origem das palavras anime e manga. Sem dúvida que o sítio permite a descoberta de um mundo muito interessante para quem gosta desta área.
http://www.clubotaku.org/

H.P. Lovecraft

Fez no passado dia 15 de Março 66 anos que o escritor H.P. Lovecraft morreu. Neste sítio podemos ler sobre a vida, as obras literárias ou aceder a correspondência do autor. Existe informação sobre artigos feitos com base na biografia ou na bibliografia de H.P. Lovecraft. Há uma secção dedicada exclusivamente a material (filmes, jogos, música e arte) criado a partir da obra deste excelente autor de ficção. Sem dúvida uma paragem obrigatória para quem gosta ou tem curiosidade sobre todos os mitos criados por Lovecraft.
http://www.hplovecraft.com/



Vê-se

p"A Mulher que Acreditava ser Presidente dos Estados Unidos da América", de João Botelho

JORGE VAZ NANDE

O cinema português parece atingir agora o culminar de uma estratégia de aproximação ao público que, de certo modo, tem vindo a formar–se devagarinho desde que a SIC publicitou pela primeira vez "Adão e Eva". Há vários meses que os primeiros cartazes do novo filme de João Botelho adornam as paredes dos cinemas e o "trailer" rodou o tempo suficiente nas salas para que, pelo menos, ninguém tenha ficado indiferente à história da louca que habita a esquina da rua Washington. Depois de vários directos nos informativos televisivos, depois das várias reportagens sobre a filmagem, já para não falar na ascensão a figuras públicas do realizador João Botelho (enquanto comentador desportivo) e da protagonista Alexandra Lencastre (enquanto ela própria), o que dizer do filme de que quase todos ouviram falar, mas que ainda muito poucos viram?

O mínimo que se pode dizer é que "A Mulher..." não é de leitura fácil ou, pelo menos, não tão fácil como seria de prever. Partindo de um acumular de influências diversas - a comédia física de Buster Keaton e de Jacques Tati, a banda desenhada, a "commedia dell'arte" -, Botelho consegue que um elenco de óptimas actrizes espelhe uma série de reflexões sobre o Mundo e, metaforicamente, sobre Portugal que de fútil ou ligeiro têm pouco ou nada. Aliás, já é costume não se esperar outra coisa deste realizador, que, de um modo directo (como em "Tráfico") ou historico–alegórico ("Conversa *Inacabada*", "Quem És Tu?"), sempre tem concebido a sua obra como espaço de sátira e denúncia. Quem espera que "A Mulher..." seja um filme inocente ou uma comédia simplesmente desmiolada, desengane–se. A loucura está lá, sim - o realizador fala mesmo num "reino de delírio, sonho e febre". Mas ela aparece controlada, pensada. Primeiro, por uma espécie de cumplicidade que dá como certa a veracidade daquela história e que só se quebra no fim. Segundo, por um tom teatral que pode ser ao mesmo tempo uma continuação autoral de "Quem És Tu?", que adapta o "Frei Luís de Sousa", ou uma prova de como Botelho é um autor de charneira, que não esqueceu o "classicismo" de Manoel de Oliveira, embora aligeirando o estilo declamatório com um magnífico trabalho de actores. O pior é que estas personagens, exceptuando a da Mãe (magnífica Laura Soveral), pouca psicologia têm, o que, apesar de não ser realmente um defeito, porque o filme quer–se caricatural e a traço grosso, interfere amiúde com a dinâmica narrativa.

No entanto, não deixa de haver uma mistura interessante de estilos, em que aproximações aos musicais faustosos e feéricos de Vincente Minnelli se entrecruzam com um tom revisteiro e resultam em algo que não é nem uma coisa nem outra, presenteando–nos pontualmente com velhos clássicos do fado ou do nacional–canconetismo que soam a baladas americanas dos anos 50. Também é impossível desviar os olhos do magistral jogo expressivo que Botelho faz do vestuário e dos adereços, fazendo da loucura um jogo de aparências cuidado e levando a ilusão a um grau de elaboração muito elevado. "A Mulher..." representa, de certa maneira, a dose de fantasia que cada português tem guardada na mesinha de cabeceira. Será que Botelho nos deu a comédia que acha que todos merecemos?



Lê-se

"Que Língua Portuguesa no Chat da Internet?"
Joviana Benedito
Ed. Colibri, Lisboa, 2002

ANDREIA FERREIRA

Todos nós sabemos que a Língua evolui, acompanhando as necessidades linguísticas de cada época, sendo esta evolução uma evolução do próprio pensamento, dada a correlação entre pensamento e linguagem. A linguagem dá–nos o mundo e pela linguagem recriamos o mundo.

No entanto, se a evolução da Língua - que não tem que ser, necessariamente, qualitativa - se pautou por um ritmo mais ou menos cadenciado, com a introdução no nosso quotidiano do ciberespaço, a transmutação foi, não só mais rápida, como também mais notória.

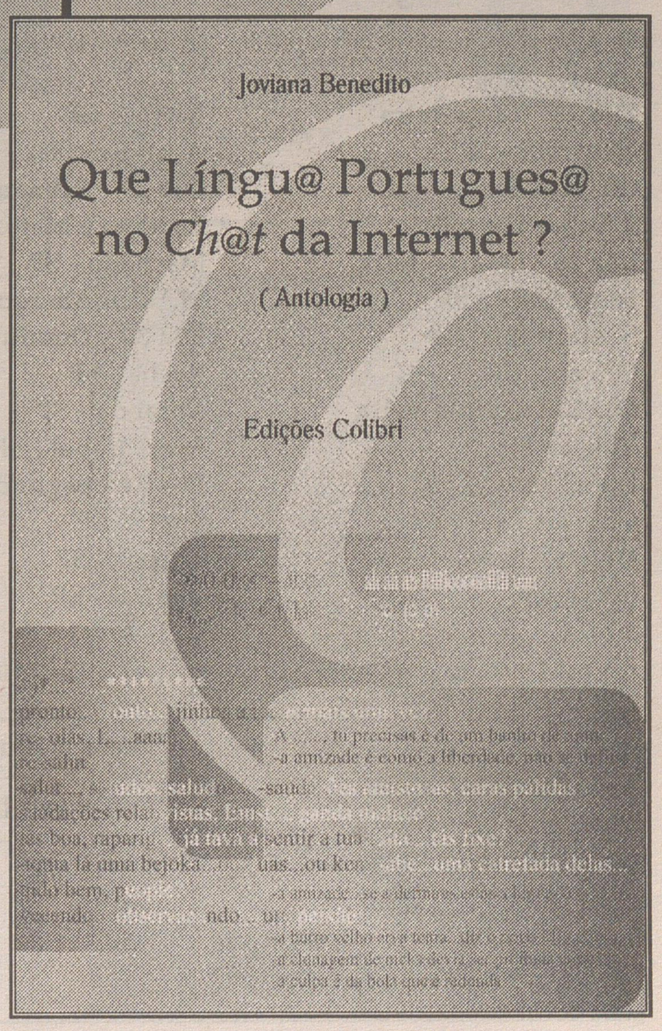
Esta antologia pretende dar um contributo para a compreensão desta mudança de paradigma linguístico, recolhendo um conjunto de excertos de conversas em chat - salas de conversação online (para os mais distraídos). Aqui podemos encontrar excertos de conversas, na sua generalidade desprovidas de sentido - como o são todas as conversas destituídas de contexto; um glossário de vocábulos e expressões, assim como de abreviaturas e acrónimos; um rol de erros ortográficos mais comuns - para os mais optimistas, resultado de liberdade e ímpeto criador; e usos da língua (formas de tratamento, saudações, despedidas, etc.).

Porém, segundo Fernando Cristovão, autor do prefácio - deveras interessante, que nos permite compreender como se processam as evoluções na língua - a este livro, não fará sentido falar de uma revolução da Língua, tratando–se esta nova forma de expressão somente um desvio ou distúrbio, efémera na sua essência.

Para os mais incautos, este livro poderá despoletar sentimentos de estranheza e fascínio, pois, perante o conteúdo seleccionado pela autora, vislumbra–se um mundo duma outra esfera que, pela não conformidade com as normas do uso da língua, parece estar interdito, o que, aliás, se resolve em poucas sessões.

No entanto, e para aqueles que já estarão familiarizados com este discurso, denominado usualmente, segundo a autora, como "cibernautês", este livro não tratará nada de novo senão a possibilidade de reflectir se haverá ou não uma mudança na e da língua - pela liberdade criadora que é permitida e que se exige -, se se trata de um código de uma elite ou de preguiça mental e descuro na língua escrita, o que será desculpável, ou pelo menos, compreensível, uma vez que através do registo escrito se "fala", existindo uma clara contaminação de ambos os registos.

Ainda que pudesse ser mais aprofundado, restringindo–se a autora a uma sala de conversação da web, este livro poderá satisfazer diferentes leitores, existindo algumas boas razões para o ler, seja com o objectivo de perspectivar uma questão académica seja, apenas, para ter por perto nas incursões às salas de conversação online para não se ser surpreendido com o banal "Oi! Dd tc? Cbr!?:P". Para o leitor que é um habitueé nestas andanças e não o move curiosidades académicas, aconselho uma ida ao cinema, lol.



AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 25 e 26 de Março
Poesia Futurista
Projecto Buh!

Dias 27 e 28 de Março
Fuenteovejuna, de Lope de Vega
Cendrev

Dias 7 e 8 de Abril
O Caminho Solitário, de Arthur Schnitzler
Teatro Nacional D. Maria II

Cine–Teatro S. Teotónio

Até 11 de Abril
O Elefante - Um dia no Zoo
Teatrão - Teatro para a Infância

Museu dos Transportes

Dias 25, 26 e 27 de Março
O Nariz
Marionet

Casa Municipal da Cultura

Dias 27 e 28 de Março e 2 e 4 de Abril
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá - a invenção do amor
Cooperativa Bonifrates

Teatro de Bolso da AAC

De 27 de Março a 12 de Abril
Macbeth, de William Shakespeare
CITAC

Oficina Municipal do Teatro

De 27 de Março a 11 de Abril
Projecto Vicente na Escola - III Acto de Memória e Criação

Ateneu de Coimbra

Dia 27 de Março
Sessão de Contos Teatrais

Colégio das Artes

Dias 27, 28 e 29 de Março
Ariel
Arexploratóriodasartes

Teatro do Inatel

Dias 27 a 29 de Março e 3 a 5 de Abril
Amor Plutónico
Teatro Anónimo

Música

Jardim da Sereia

Dia 4 de Abril
Oito Baladas - I Festival de Tunas Mistas de Coimbra

Le Son

Dia 26 de Março
(des)Integration - Electrónica, improvisação com laptops

Festival Santos da Casa
- Dia 27 de Março
Abstrakt Circle
Fado Morse
Tv Rural
- Dia 28 de Março
A Jigsaw
Bildmeister Polaroid

Dia 29 de Março
ThanatoSchizo
Ethernal Morning

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 29 de Março
David S. Ware Quartet
Festival Jazz ao Centro

Dia 31 de Março
Undercovers
Maria João e Mário Laginha

Praça da República

De 28 a 30 de Março
Mega Feira Disco

Exposições

Galeria Arte Vária

Até 30 de Abril
Exposição de pintura e escultura

Galeria do Átrio

Até 14 de Abril
Exposição sobre Vergílio Ferreira

Centro de Artes Visuais
Abril
Sem Limite - Fotografia, Cinema e Vídeo na colecção da Fundação Serralves - vídeos da Colecção de Serralves

Círculo de Artes Plásticas

Até 5 de Abril
Un Petit Artiste Engagé

Colóquios

Cidade e Arquitectura
- Dia 27 de Março
Apresentação do mapa de Arquitectura de Coimbra
- Dias 27 a 31 de Março
Inserções - Seminário Internacional de Desenho Urbano
Local: Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Cinema

Girassolum Coimbra

As Horas
De: Stephen Daldry
Sala 1: 14h45, 17h00, 19h15, 21h45

Gangs de Nova Iorque
De: Martin Scorsese
Sala 2: 14h30, 17h30, 21h30

Cinemas Millenium - Avenida

Gangs de Nova Iorque
De: Martin Scorsese
Cine Teatro: 15h00, 18h10, 21h30, 00h30

As Horas
De: Stephen Daldry
Estúdio 1: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h00

A Mulher Que Acreditava Ser Presidente dos EUA
De: João Botelho
Estúdio 2
Sexta a Seg: 14h00, 16h00, 18h00, 20h00, 22h00, 00h15
Terça e Quinta: 14h00, 16h00, 22h00, 00h15
Quarta: 14h00, 16h00, 22h00

Sessão Especial: R XMAS - O nosso natal
De: Abel Ferrara
Terça: 19h00
Quarta: 19h00, 00h15
Quinta: 19h00

Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

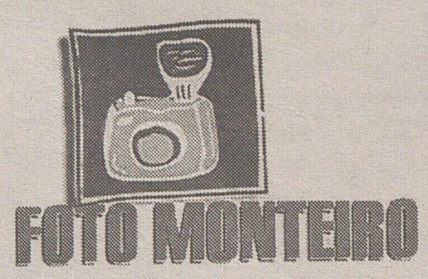
Dia 25 - Terça–feira
Nazareth - SP
Oliveira Ramos - SP
S. Sebastião - SR
Dia 26 - Quarta–feira
Santa Cruz - SP
S. Martinho - SP
Olivais - SR
Dia 27 - Quinta–feira
Vilaça - SP
Isabel Folhas - SP
Cruz e Costa - SR
Dia 28 - Sexta–feira
Silcar - SP
Barros - SP
Adriana - SR
Dia 29 - Sábado
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
M.ª Céu Albuquerque - SR
Dia 30 - Domingo
Rocha - SP
Miranda - SP
Santa Isabel - SR
Dia 31 - Segunda–feira
Sitália- SP
Gaspar - SP
Central - SR
Dia 1 - Terça–feira
Donato - SP
Silva Soares - SP
Rainha Santa - SR
Dia 2 - Quarta–feira
Lopes Rodrigues - SP
Celas - SP
Figueiredo - SR
Dia 3 - Quinta–feira
S. José - SP
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SR
Dia 4 - Sexta–feira
M. Nazaré - SP
Estádio - SP
Universal - SR
Dia 5 - Sábado
Batista - SP
Paiva - SP
Cruz Viegas - SR
Dia 6 - Domingo
Nazareth - SP
S. Sebastião - SP
Oliveira Ramos - SR
Dia 7 - Segunda–feira
Santa Cruz - SP,
Olivais - SP
S. Martinho - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 410
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 808 200 204
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

PUB



*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Um clip em jeito de apelo pela paz

Chega esta semana às televisões de todo o mundo "Boom!", o clip do novo single dos System of a Down, retirado do álbum lançado em 2002 "Steal this Album". Para este vídeo foram usadas imagens das recentes manifestações mundiais pela paz e contra a guerra no Iraque que tiveram lugar no passado dia 15 de Fevereiro.

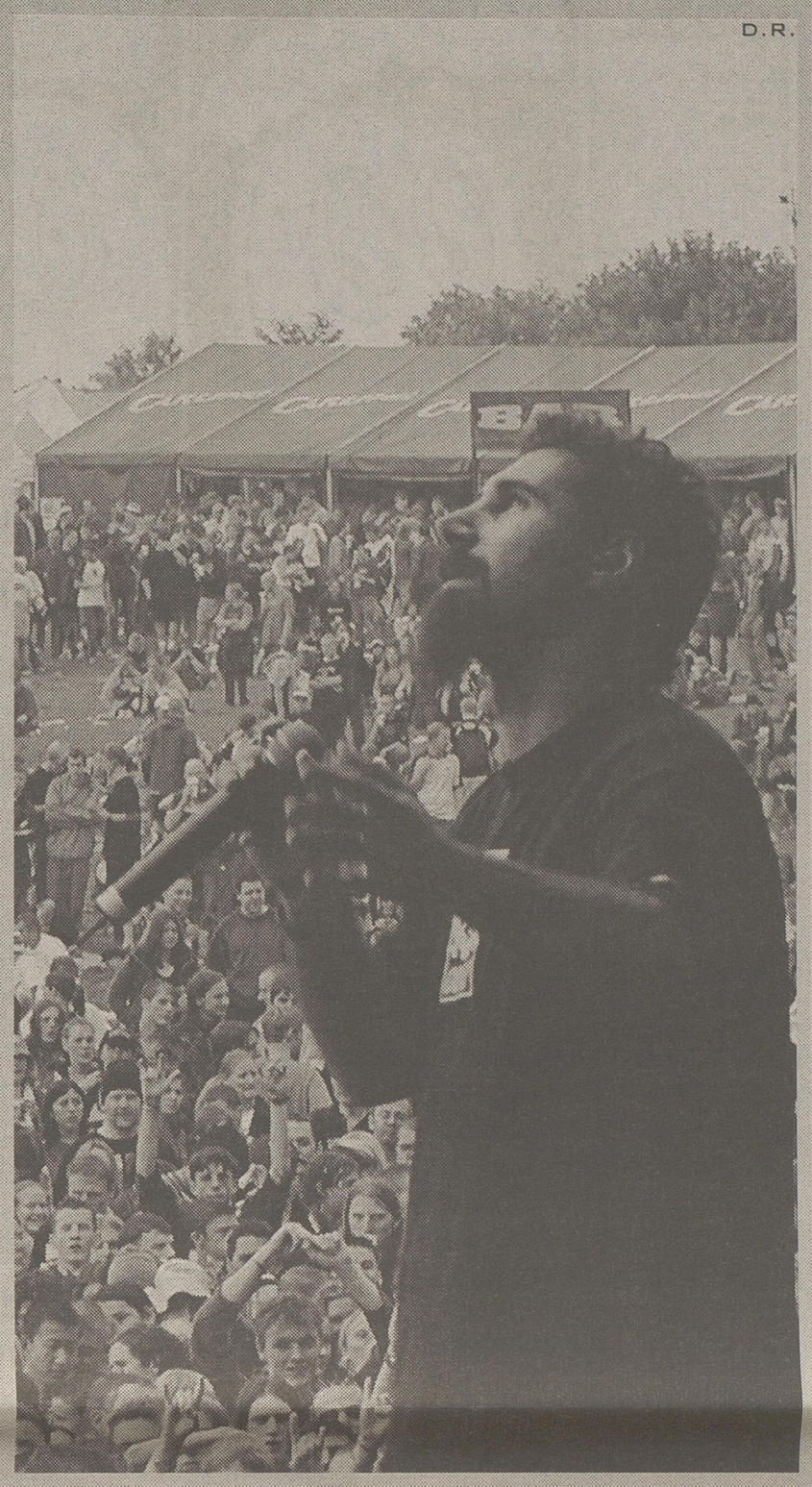
A música fala sobre o horror da guerra e de como os governos dispendem somas exorbitantes de dinheiro em aparato militar. Em entrevista ao canal televisivo MTV, o guitarrista Daron Malakian, que tem familiares a viver neste país, afirmou que "a guerra com o Iraque é uma questão delicada". Na mesma ocasião, o líder e vocalista Serj Tankian afirmou que o objectivo deste vídeo é "representar a importância e a beleza da humanidade, o desejo das pessoas de ter um mundo sem medo nem guerra", e também dar mais visibilidade ao movimento anti-guerra.

O tema "Boom!" foi inicialmente gravado para o álbum "Toxicity". No entanto, o seu carácter manifestamente anti–bélico levou a que este ficasse guardado até ao disco "Steal This Album". Chegada a altura de o mundo ficar a saber que os System of a Down são contra a guerra no Iraque, os membros da banda juntaram–se aos milhares de pessoas que no dia 15 de Fevereiro se manifestaram pela paz em Los Angeles e em mais de 350 cidades de todo o mundo.

O vídeo começa com uma violenta sequência de imagens que mostra quão massivo é o desejo pela paz, tanto na América como no resto do mundo. Neste clip, a banda não se vê a tocar, mas sim a manifestar–se. Os músicos, munidos das suas próprias câmaras de filmar digitais, foram para a rua entrevistar os manifestantes. Numa situação de inversão de papéis, será possível ouvir respostas bastante profundas e inquietantes.

Na perspectiva de Serj Tankian, "Michael Moore foi a única escolha possível para realizar este vídeo". O realizador de "Bowling for Columbine" e "Roger & Me" já havia trabalhado com músicos em 2000, realizando o clip de "Sleep Now in the Fire" dos Rage Against the Machine. O vídeo conta ainda com uma sequência animada de George W. Bush, Saddam Hussein, Osama Bin Laden e Tony Blair voando pelos céus em mísseis.

D.R.



Do milho para o corpo

Uma empresa norte-americana está a testar uma fibra à base de milho, denominada Ingeo. Sediada no estado do Minnesota, a empresa Cargill Dow LLC desenvolveu uma fibra que se destina ao uso por empresas do ramo têxtil.

Um dos objectivos da empresa que desenvolveu este novo material é, no futuro, decorar uma casa inteira com objectos confeccionados a partir desta fibra.

A Ingeo é produzida a partir das fibras de milho (uma matéria-prima abundante e renovável), o que permite um baixo custo de produção.

Esta fibra é reciclável e não comporta nenhum derivado do petróleo. Biodegradável, este material pode ser utilizado para roupa, produtos de higiene pessoal, mobiliário, colchões, tapetes ou como um complemento de outras fibras.

A Ingeo é apresentada pela empresa como um produto de longa duração, renovável, económico e amigo do ambiente. E acima de tudo, esta nova fibra parece-se com as fibras naturais e tradicionais, porque apresenta o mesmo toque e o mesmo aspecto, o que pode represntar uma mais-valia deste produto inovador.

A guerra da comida

A oposição francesa à guerra americana contra o Iraque conduziu a modificações em alguns menus de Washington. As *"French fries" e as "French toast"* passaram a designar-se "Freedom fries" e "Freedom toast"



Entretanto, os muçulmanos que residem na Europa estão a favorecer a quebra das vendas das bebidas americanas, consumindo produtos rivais como ***Zam Zam Cola*** e ***Mecca Cola.***

© GRAPHIC NEWS

Lewinsky na televisão

A ex–estagiária mais famosa da Casa Branca vai apresentar um concurso televisivo no canal Fox.

"Mr Personality" será o nome do jogo apresentado por Monica Lewinsky e consiste em construir um casal. Uma bela mulher será cortejada por vários homens a quem ela não pode ver a cara pois estas estão tapadas. A participante irá conhecer a família e os amigos dos concorrentes e em cada semana terá que eliminar um deles. Assim, por exclusão de partes, um dos concorrentes será o vencedor e o parceiro ideal. O objectivo do jogo é que o homem seja escolhido pela sua personalidade e pelas suas qualidades.

Bruce Nash, criador do concurso, afirmou publicamente que "o conceito do concurso aliado à imagem da Monica Lewinsky será um grande sucesso". Em resposta, Monica Lewinsky afirma que "vai ser bastante divertido" este novo trabalho.

Actualmente com 29 anos, esta americana tem viajado pelo mundo promovendo o seu livro "Monica speaks" e vendendo carteiras e acessórios para senhoras na sua página pessoal na internet.

A partir de 21 de Abril, depois das nove da noite no canal Fox, é possível assisitir a um novo conceito de reality show, desta feita com Monica Lewinsky.

D.R.



A "ideia mais burra"

A Rádio Beira Litoral está a promover um concurso inédito: homenageando a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), o ouvinte que apresentar a ideia mais burra à estação ganha um burro e uma dúzia de fardos de palha.

"Não seja burro, concorra!" é o slogan deste concurso que pretende estabelecer uma ligação com a guerra no Iraque. Segundo Fernando Moura, director da rádio, esta iniciativa pretende realçar a ligação que existe entre o burro e os povos árabes e as suas características de "transporte ecológico e amigo do ambiente".

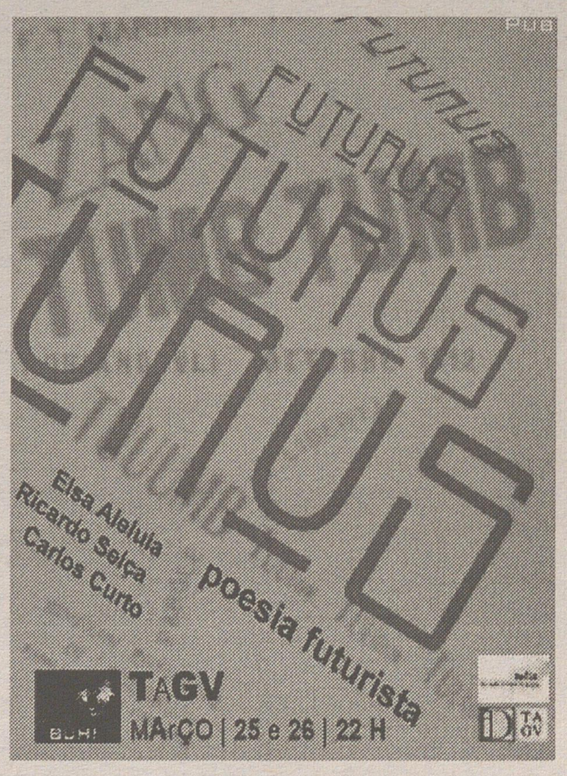
Para concorrer, basta enviar a ideia mais estúpida que lhe ocorrer para queroumburro@iol.pt. Obviamente que o prémio não se resume a um burro e fardos de palha. Quem tiver a ideia mais estapafúrdia ganha também uma semana de férias num país tropical.

Este concurso nasceu da opinião dos jornalistas da Rádio Beira Litoral que consideram que a CCNC menospreza os órgãos de comunicação social de menor dimensão.

INXS e The Doors

O festival de Verão agendado para 10 a 12 de Julho em S. Jacinto começa a gerar polémica. Há cerca de um mês, a Quercus lançou um comunicado afirmando ser "desastroso" o protocolo que a Câmara Municipal de Aveiro celebrou com a editora promotora do evento e que prevê a realização do festival nos próximos quatro anos. Segundo esta organização ambientalista, o festival está previsto para uma área protegida e numa zona considerada especialmente "sensível". No entanto, a editora Brand New Day desvaloriza estas afirmações e garante que, um mês antes deste evento, apresentará um plano de diminuição do impacto dos possíveis danos causados pelo festival na área protegida da Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto.

Para diminuir o impacto desta polémica, a editora apresentou na sexta–feira mais uma banda a juntar aos nomes já avançados dos The Doors, Xutos & Pontapés e Pedro Abrunhosa. Desta feita, são os australianos INXS que também vêm tocar em Portugal.



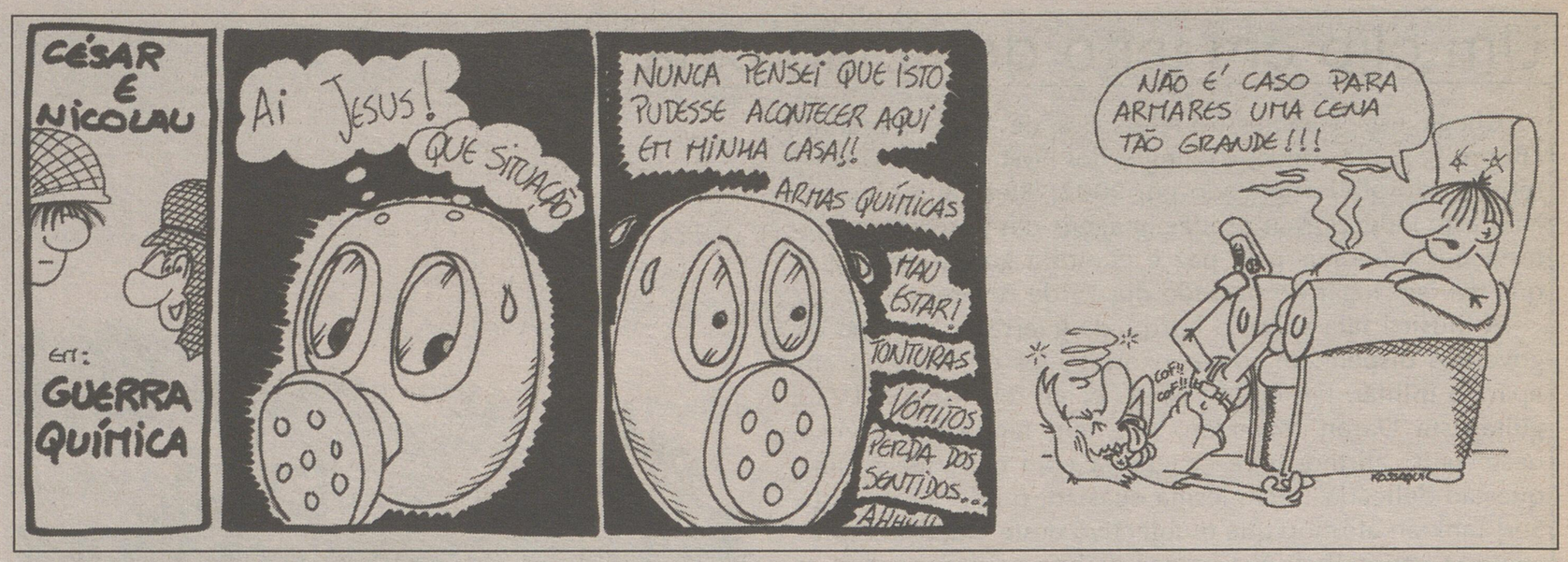
A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

antes de bagdad

É de noite e ela escreve uma carta. Olha pela janela, o relógio acabou de dar as cinco. Lá no fundo da rua, as silhuetas bêbedas de três rapazes novos (ela já não é assim tão nova, já não se sente assim tão nova, já não é assim tão nova) berram a pedir mulheres. Vem cá, meu amor, que tenho um ferro em brasa prá tua bigorna, dizia um, falou para o céu e abanou as ancas e os outros riram–se, riram–se quando o relógio deu as cinco e riram–se quando deixou de as dar. Abanando como pêndulos, foram saindo lentamente da rua, ou melhor, ela saiu lentamente de debaixo dos pés deles, silenciosa, como a água de um rio de pedra. Ela sentiu–os a afastarem–se, as vozes a sumirem–se até ao irreconhecimento. Continuava a escrever a carta, mas, de vez em quando, distraía–se e pensava no toque das cinco horas, no modo secreto como tudo pareceu imóvel quando ele soou e como, durante alguns breves segundos, a única verdade foi só essa, uma em que não havia carta, rua, rapazes bêbedos, quase nem relógio havia - a única verdade era serem cinco horas e ela, a mesma que tantas vezes a levou a perguntar quem sou eu, estava acordada e sabia-o.

Escrevia com o mesmo vagar com que fazia tudo o resto. Ia reparando como a sua letra formava espirais de tinta sobre as linhas rectilíneas. Achava que havia uma certa beleza naquilo, no modo como algo tão certo, tão insignificantemente *correcto, servia de guia a uma curva que nunca se interrompia, só se intervalava.* Pousou a caneta durante um instante e olhou para o que já tinha escrito. Então, de repente, lembrou–se de uma data de coisas ao mesmo tempo. No modo como um homem a tinha olhado naquela primeira vez de qualquer coisa. Na aspereza das pétalas das flores do campo no nariz enquanto as cheirava na sala de estar. Numa fotografia da Diane Arbus que a fez chorar de pena. Na mulher com olhos verdes e tristes a sair da máquina de photomaton da rodoviária com um bebé enchupetado ao colo. No bigode do avô, o homem mais bonito que conheceu. Num concerto de jazz muito lento que a fez querer ficar mais tempo sentada na cadeira do teatro. Nas mãos do pai a apertar–lhe a cara antes de a beijar. Nos brincos que lhe tinham dado quando entrou para a escola e dos quais perdeu um num autocarro cor–de–laranja.

Quando acabou de escrever a carta, dobrou-a, pô–la num envelope, escreveu a morada e colou o selo. Pousou-a num canto da mesa, bem alinhada com o bordo para não parecer desarrumada ou perdida. Depois, reclinou–se na cadeira. Respirou fundo. Pensou estou viva e, sem saber porquê nem de onde, um arrepio varou–lhe o corpo e deixou-a orfã de si própria.



Fuenteovejuna: vitória do sonho colectivo de justiça

Teatro espanhol em Coimbra

No Dia Internacional do Teatro, o TAGV recebe "Fuenteovejuna", de Lope de Vega, um dos maiores mitos do teatro em Espanha

SORAIA LETRA

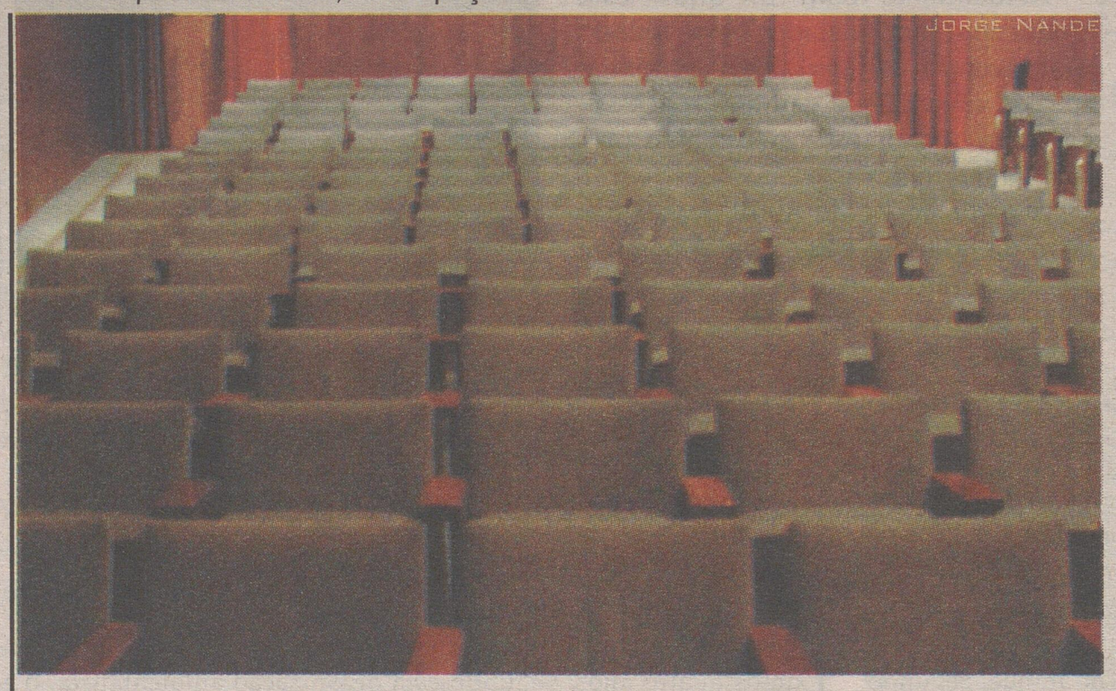
No âmbito da Coimbra 2003, Capital Nacional da Cultura, o Centro Dramático de Évora traz ao Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a peça "Fuenteovejuna", considerada uma das obras mais representativas da dramaturgia do chamado "Século de Ouro Espanhol". A produção estreia em Coimbra, dia 27, e está em cartaz também no dia 28, seguindo depois para Évora.

À semelhança de outras obras de Lope de Vega, "Fuenteovejuna" parte *de um acontecimento histórico* que o autor retirou das "Crónicas das três Ordens e cavalarias de Santiago, Calatrava e Alcantara: na qual se trata da sua origem e sucesso, e notáveis feitos de seus mestres e Cavaleiros...". A peça descreve o acontecido em 23 de Abril de 1476 e "narra a revolta de um povo de Córdoba contra os tiranos. É, por isso, um documento histórico", explica o encenador Pedro Alvarez Ossório.

Este é o emblema da insurreição contra o poder absoluto, "uma peça de carácter universal e muito actual, sobretudo agora, com os Estados Unidos em guerra com o Iraque", considera Pedro Alvarez Ossório. E acrescenta: "Queremos que o espectáculo funcione como uma manifestação contra a intenção dos EUA, mas também como homenagem a todo o povo submetido ao poder manipulador e aos que lutaram contra as ditaduras".

Lope de Vega nasceu em Madrid em 1562 e foi um prolífico autor da literatura universal, cuja importância reside sobretudo na condição de fundador da comédia espanhola. Brilhou em todos os géneros literários, conhecendo–se da sua vasta produção literária 426 comédias, 42 autos e milhares de poesias líricas. Cervantes, seu contemporâneo, apelidou-o de "monstro da natureza". Segundo Alvarez Ossório, "Lope de Vega foi também um grande jornalista, porque as suas peças narram acontecimentos históricos e relatam a situação concreta da sua época".

Baseada na história de Espanha e de elaborada carpintaria dramática, "Fuenteovejuna" é considerado uma prova da posição iluminadora de Lope de Vega na postura dramatúrgica do grande momento do teatro espanhol, bem como um boa oportunidade para uma reflexão sobre a nossa contemporaneidade.



TAGV recebe o Centro Dramático de Évora no Dia Mundial do Teatro

Dia Mundial do Teatro

Teatro é fruto de homenagem à escala mundial na próxima quinta-feira

DIANA MOTA

Comemorado todos os anos a 27 de Março, desde 1962, o Dia Mundial do Teatro teve as suas raízes em Viena, durante o IX Congresso Mundial do Instituto Internacional do Teatro (ITI), em 1961. O então presidente desta instituição, Arvi Kivimaa, decide propor a existência de um dia dedicado ao teatro.

No ano seguinte, surge o primeiro Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março, aquando da abertura da estação teatral "Teatro das Nações", em Paris.

Inicialmente celebrado pelos centros nacionais do ITI, este dia começou a ser comemorado, um pouco por todo o mundo, juntamente com outros membros da comunidade teatral. Uma das particularidades deste dia é a difusão de uma mensagem internacional, previamente escrita por uma personalidade do mundo das artes. Este ano a mensagem é da responsabilidade do alemão Tankred Dorst.

Em Coimbra, quem deseja assinalar este dia poderá assistir à estreia da peça "Fuenteovejuna", trazida pelo Centro Dramático de Évora, no Teatro Académico de Gil Vicente, ou aproveitar o último dia em cena de "O Nariz", pela companhia Marionet, no Museu dos Transportes. Outra das opções é a peça "Macbeth", pelo CITAC, no Teatro de Bolso no edifíco da Associação Académica de Coimbra.

"Ariel" é um trabalho de investigação na área das artes do corpo e estará em cena no Colégio das Artes também no dia 27. Destaque ainda para uma Sessão de Contos no Ateneu de Coimbra, promovido pela Camaleão, e para a continuação em cena, na Casa Municipal da Cultura, de "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá - a invenção do amor", pela Cooperativa Bonifrates.

Sessão de esclarecimento
recrutamento de novos voluntários
linha SOS - Estudante

Informações: 808 200 204 (das 20h à 1h), sos-estudante@mail.pt, apartado 1063 - 3000 COIMBRA

